

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DAILZA PINEDA

ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL
E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

São Paulo
2012

DAILZA PINEDA

ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL
E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar
e do Desenvolvimento Humano

Orientadora: Profa. Dra. Marlene Guirado

São Paulo
2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Pineda, Dailza.

Acolhimento institucional e modos de subjetivação / Dailza Pineda; orientadora Marlene Guirado. -- São Paulo, 2012.
165 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Adolescência 2. Vulnerabilidade 3. Subjetividade 4. Psicologia Institucional 5. Análise do Discurso I. Título.

BF724

Autora: PINEDA, Dailza

Título: Acolhimento Institucional e Modos de Subjetivação

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientadora: Profa. Dra. Marlene Guirado

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Para Eva e José, meus pais.

AGRADECIMENTOS

À Marlene pela inspiração, dedicação e confiança.

Aos meus pais e irmãos que estiveram ao meu lado, incondicionalmente.

À Janaina pelas incansáveis leituras e por todos os momentos em que acreditou que esta aventura era possível.

À Cristina, Adriana e Malu por ocuparem com tanta seriedade e delicadeza o lugar da interlocução.

Aos meus escudeiros do grupo de orientação, sempre atentos e dispostos.

À Yara por ter guiado meus primeiros passos no contato direto com as crianças e adolescentes.

A todos do abrigo Casa das Expedições pelos exercícios de resistência, descoberta e invenção que me fizeram aprender, diariamente, as dores e as delícias de se trabalhar nesta área.

Aos meus amigos pela disposição, cuidado e por todos os sambas que fizemos juntos.

Aos abrigos que gentilmente aceitaram esta pesquisa.

E, sobretudo, às meninas e meninos que corajosamente se puseram a falar.

Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas.

João Guimarães Rosa

RESUMO

PINEDA, D. **Acolhimento Institucional e Modos de Subjetivação**. 2012. 165 p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo, 2012.

Este trabalho pretendeu delinear, pela análise do discurso em entrevistas, modos de subjetivação no acolhimento institucional de adolescentes em situações de vulnerabilidade. Nossas perguntas centrais eram: Que sujeitos se constituem e como se reconhecem neste contexto? Que relação os jovens estabelecem com o abrigo e com os outros atores institucionais? Que fazeres definem a rotina de um abrigo? Para formular e tentar encontrar respostas cabíveis a estas e outras perguntas, nos apoiamos na Psicologia Institucional proposta por Marlene Guirado e em seu método de pesquisa – a Análise Institucional do Discurso. Assim, foram realizadas dez entrevistas com adolescentes de três abrigos da cidade de São Paulo e, a partir dos discursos ali produzidos, procuramos delimitar os lugares que se configuravam, assim como as tensões, expectativas e efeitos deles advindos. Estivemos atentos aos modos como os entrevistados falavam de si, dos outros, do abrigo, do futuro, da família e, além disso, as maneiras sempre peculiares com as quais se posicionavam na própria cena da entrevista. Os fazeres descritos como cotidianos foram ocasião para pensarmos os processos de subjetivação que, em uma via de mão-dupla, configuravam e eram configurados pelo acolhimento institucional. Por fim, marcamos aqueles que nos pareceram ser os principais desafios e potências desta instituição-abrigo.

Palavras-Chave: Adolescência; Vulnerabilidade; Subjetividade; Psicologia Institucional; Análise do Discurso.

ABSTRACT

PINEDA, D. **Shelter and Modes of Subjectivation**. 2012. 165 p. Dissertation (Masters Degree in Psychology). Psychology Institute, University of São Paulo, São Paulo, 2012

This study sought to delineate through the Institutional Analysis of Discourse in interviews, modes of subjectivity in a shelter for adolescents in situations of vulnerability. Our central questions were: What subjects are constituted and how they recognize themselves in this context? What is the relationship that young people establish with shelter and other institutional actors? What actions define a shelter's routine? To formulate and try to find reasonable answers to these and other questions, we rely on the Institutional Psychology by Guirado and her method of research - Institutional Analysis of Discourse. So, ten interviews were conducted with adolescents of three shelters in the city of São Paulo, and from the discourses made, we define the subjective places that are configured as well as/the tensions, expectations and effects arising from them. We were aware of the ways in which interviewees spoke of themselves, of others, shelter, future, family and the idiosyncratic ways how each one stands at the scene of the interview. The daily actions were described as an opportunity to think about the modes of subjectivation configured by the shelter. Finally, we mark those who seemed to be the main challenges and strengths of this institution.

Keywords: Adolescence; Vulnerability; Subjectivity; Institutional Psychology; Discourse Analysis.

SUMÁRIO

1 JUSTIFICATIVA E PERCURSOS	11
2 OBJETIVOS	13
3 INFÂNCIA E JUVENTUDE NO BRASIL	14
3.1 Sobre a legislação: do Código de Menores ao Estatuto da Criança e do Adolescente	19
3.2 Um estudo sobre legislação e saberes	21
4 ABRIGO: INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO	23
4.1 Composição do cenário atual	24
5 QUESTÕES METODOLÓGICAS	30
5.1 Modos de objetivação e subjetivação: de Foucault à Psicologia	31
5.1.1 Sujeito em Foucault	31
5.1.2 A metáfora de um “sujeito-dobradiça”	35
5.2 A Psicologia como instituição: por uma dimensão ética	37
5.3 Análise Institucional do Discurso	38
5.4 Procedimentos de análise	40
5.5 Corpus discursivo	41
5.6 Aspectos éticos formais	41
6 ANÁLISES	42
6.1 Definindo o abrigo: circunstância, adjetivo e lugares	42
6.2 Sobre relações, regras e castigos	53
6.3 A família no discurso	66
6.4 O futuro e os sonhos	73
6.5 Movimento, tédio e solidão	79

6.6 A pesquisa como instituição: nos matizes da relação entrevistadora-entrevistado	86
6.7 Subjetividade(s) em foco	92
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	109
ANEXOS	114
Anexo A: Roteiro das entrevistas	115
Anexo B: Termo de consentimento livre e esclarecido	116
Anexo C: Tabela – Relação de adolescentes e abrigos	118
Anexo D: Entrevista com Juliana	119
Anexo E: Entrevista com Bruno	123
Anexo F: Entrevista com Gabriela	127
Anexo G: Entrevista com Matheus	132
Anexo H: Entrevista com Caio	136
Anexo I: Entrevista com Ricardo	141
Anexo J: Entrevista com Mariana	145
Anexo K: Entrevista com Aline	150
Anexo L: Entrevista com Bianca	157
Anexo M: Entrevista com Daniela	161

1 JUSTIFICATIVA E PERCURSOS

Durante a graduação realizamos estágios extracurriculares em abrigos sob supervisão da técnica do Serviço de Psicologia Escolar do IPUSP, Yara Sayão. Nestes estágios, procuramos observar e intervir no cotidiano institucional de maneira bastante ampla, por exemplo, participando de atividades regulares, realizando atendimentos individuais com jovens e educadores, desenvolvendo oficinas de dança e escrita, participando de reuniões com a equipe, entre outros.

Neste contexto muitas vezes vivemos momentos em que era corriqueiro alguma criança ou adolescente “explodir” ou “surtar”, para usar palavras comumente ouvidas nestas situações. Também eram comuns explicações para os acontecimentos diários que focalizavam o menino, sua família, seu “perfil” e sua história. No entanto, ao ouvirmos aquele menino especificamente, notávamos que os profissionais do abrigo traziam discursos exteriores e dissonantes ao dele. Além disso, a administração de medicamentos psicotrópicos também nos parecia bastante ordinária, atentando para o grande número de crianças e jovens diagnosticados com algum tipo de transtorno de conduta, humor ou personalidade, descritos no DSM-IV (American Psychiatric Association, 2003) e no CID-10 (Organização Mundial de Saúde, 1993).

Aquilo tudo soava estranhamente familiar aos nossos ouvidos disciplinados pela formação em psicologia, demorava algum tempo até (des)entendermos o que acontecia naquelas situações específicas, com aquele menino ou menina, de algum modo, “diferente”, “rebelde” e “perigoso”.

Desde o início de 2010, agora como psicóloga, a pesquisadora compõe a equipe técnica de um abrigo da zona norte da cidade de São Paulo. O trabalho diário em situações complexas, efeitos da convivência direta com as crianças e jovens, suas famílias e, principalmente, com profissionais da rede socioassistencial da cidade, tornou ainda mais candente a necessidade de entender como aqueles meninos e meninas, que mobilizavam tantos discursos, saberes e verdades ao redor de si, se reconheciam naquele contexto.

Eis que se abria para nós uma nova possibilidade de estudo: como acontecem os processos e as estratégias de subjetivação em uma instituição concreta casa-abrigo? Quais processos de subjetivação as medidas de proteção

forjam? Como meninos e meninas, atualmente acolhidos, se reconhecem e reconhecem o contexto em que vivem?

Cabe explicitar que optamos por não realizar entrevistas com os adolescentes acolhidos no abrigo em que a pesquisadora atua diretamente, a fim de garantir alguma distância entre ela e o contexto institucional que elegemos como campo de pesquisa.

Da construção do projeto inicial até a escritura desta Dissertação, guardamos o interesse de pensar as subjetivações possíveis em contextos de institucionalização de jovens, bem como, a necessidade de ouvir estes, como protagonistas da cena institucional, falando de si.

Antes de terminar estas nossas justificativas, atentamos para a importância de estudos como este, acerca da realidade social brasileira, no que diz respeito à juventude em situação de vulnerabilidade¹. Não podemos negar que esta questão representa um enorme impasse, tanto para governantes e população, implicados na tarefa de assegurar os direitos das crianças e dos adolescentes, conforme explícito no Estatuto da Criança e do Adolescente, quanto para a Universidade na produção de saberes. Deste modo, acreditamos que as reflexões a seguir possam enriquecer nosso repertório e estimular o exercício de invenção de perguntas, estratégias e políticas que subsidiem a atuação e a produção deste contexto.

¹ Optamos pela palavra “vulnerabilidade”, embora muitas vezes as situações descritas sejam traduzidas como de “risco” ou “exclusão social”, por entendermos que a “exclusão” e o “risco” podem remeter quase que instantaneamente para a noção de perigo e para uma espécie de essência do sujeito, trazendo em si um risco ou perigo. Tais interpretações contradizem os nossos referenciais teórico-metodológicos, de modo que atualmente a escolha por “vulnerabilidade” parece a mais adequada tendo em vista também o uso feito nos documentos oficiais e nas Políticas Públicas.

2 OBJETIVOS

Nosso foco de investigação se concentra na clientela² dos abrigos, ou seja, jovens que, no momento da elaboração desta Dissertação, moravam em abrigos e estavam tutelados pelo Estado, por motivos que impossibilitavam seu retorno imediato à família, de acordo com a legislação vigente (BRASIL, 1990). Neste contexto, elaboramos a proposta de estudar o lugar institucional do jovem e os matriciamentos subjetivos que fazem as práticas de acolhimento institucional à infância e juventude na cidade de São Paulo.

Isto, considerando a perspectiva de dez meninos e meninas que se encontravam acolhidos em três diferentes abrigos: Como falam de si? Como se reconhecem? Que relações estabelecem com os outros atores? Como vivem a rotina, que atividades descrevem? Como as relações institucionais aparecem no discurso? Quais vínculos e quais afetos marcam o acolhimento? De que maneiras descrevem a instituição-abrigo? Como pensam o futuro e as relações familiares? E, finalmente, como ocupam a cena da entrevista?

Deste modo, queremos tratar os processos de subjetivação possíveis a partir do reconhecimento que os jovens fazem de si mesmos nessas práticas. Além de configurar as especificidades da instituição-abrigo pelos modos como aparecem nos discursos.

Por último, pretendemos somar subsídios que possibilitem a configuração das potências e dos desafios atuais do acolhimento institucional, bem como, suas principais características.

² Como mencionaremos a seguir, as instituições de acolhimento, segundo determinação das Normas Operacionais Básicas (NOB/SUAS), têm como clientela crianças e adolescentes de zero a 17 anos e 11 meses, de ambos os sexos.

3 INFÂNCIA E JUVENTUDE NO BRASIL

A infância e juventude em condições de abandono e infração são questões presentes na história do Brasil, constituindo-se uma de nossas preocupações mais atuais. Este capítulo tematiza o contexto do acolhimento institucional, até pouco tempo chamado de abrigamento, em suas raízes históricas por meio das práticas e dos saberes que os antecederam.

A história da institucionalização da infância no Brasil começa cedo, logo após o início da colonização portuguesa, aproximadamente na década de 1550 com a criação das “Casas dos Muchachos” no intuito de “civilizar” as crianças indígenas. Estas Casas também eram destinadas aos órfãos portugueses que tiveram um lugar privilegiado neste processo, segundo Freitas, como modelo para os outros. A autora afirma que:

A casa dos muchachos era o lugar onde os indiozinhos eram criados e catequizados pelos jesuítas, junto com os órfãos portugueses, para que tivessem um modelo para aprender os modos considerados civilizados com outros da mesma faixa etária (FREITAS, 2001, p. 96).

Marcamos o século XVIII pelo advento do sistema de rodas³ no Brasil por iniciativa da Santa Casa de Misericórdia, também conhecido como “Roda dos Expostos”, dispositivo que possibilitava o recebimento incondicional de bebês que podiam ficar no estabelecimento ou serem entregues para as amas-de-leite, preservando o anonimato do abandono. Deste modo, cria-se uma alternativa para as crianças, cujas existências poderiam representar ofensa à “moral pública”, como nos casos em que eram fruto de união ilegítima, entre outras ocasiões.

A Roda dos Expostos, de acordo com Arruda (2006), é uma das instituições de mais longa vida na história do Brasil no que se refere à infância, sendo que sua primeira implantação data de 1726 na cidade de Salvador (BA) e sua extinção teria ocorrido apenas na década de 1950.

Segundo Rizzini e Rizzini (2004), durante o período imperial o Exército e a Marinha criaram Companhias de Aprendizes destinadas a recrutamento e treinamento dos meninos órfãos ou abandonados. Neste período as autoras afirmam

³ “A Roda tinha uma forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória, e era fixada no muro ou na janela de uma instituição. No tabuleiro inferior e em sua abertura externa, o expositor depositava a criança, girava a roda e a criança já estava do outro lado do muro. Puxava-se uma cordinha com uma sineta, para avisar o vigilante ou a rodeira, e o expositor ia embora” (ARRUDA, 2006, p. 23)

que “o número de meninos enviados pelas companhias imperiais aos navios de guerra foi maior do que o de homens recrutados e voluntários” (Ibid., p. 25).

No fim do século XIX, a infância pobre torna-se foco de preocupação e atenção (RIZZINI, 1993). O mote desta preocupação estaria expresso na ambiguidade da frase “a infância está em perigo” (Ibid., p. 16), em que ao mesmo tempo mostra-se a ideia de que seria necessário cuidar da infância e também cuidar-se em relação aos perigos que esta infância pode apresentar.

O médico e criminologista italiano Cesare Lombroso foi um dos mais importantes estudiosos do século XIX, suas ideias foram amplamente difundidas na constituição da medicina brasileira e também nos meios não acadêmicos. As principais ideias de Lombroso se referem a uma predisposição biológica ao crime e ao ato antissocial, o que poderia justificar a ênfase dada ao conceito de “periculosidade”.

Para Foucault,

A noção de periculosidade significa que o indivíduo deve ser considerado pela sociedade ao nível de suas virtualidades e não ao nível de seus atos; não ao nível das infrações efetivas a uma lei efetiva, mas das virtualidades de comportamento que elas representam. (FOUCAULT, 1973/2003, p. 85).

O crime propriamente dito só pode ser entendido como fato concreto, ou melhor, real e passado. Ao contrário, a periculosidade está vinculada a uma conduta futura como possibilidade ou probabilidade de ato criminoso ou perigoso, baseada, então, em uma estimativa feita por meio da avaliação do estado mental dos sujeitos, considerados perigosos. É central, portanto, o impacto e a responsabilidade que a ciência médica assumiu no que concerne à defesa social. Deste modo, seu objeto institucional deixa de ser apenas o tratamento do doente e se expande para a defesa da sociedade.

Para Lombroso, os germes do crime, como propensão biológica, se encontram presentes e poderiam se manifestar no início da vida. Afirma que “a criança representaria um homem privado do senso moral, o que os alienistas chamariam de louco moral, e nós, um delinqüente nato” (LOMBROSO, 1876/2001, p. 125-136). Os “menores”⁴ foram, destarte, um grupo privilegiado das preocupações

⁴ O termo “menor”, construído historicamente e sistematizado no Código de Menores de 1927, não se refere à infância e juventude de modo geral, mas àquela proveniente de um determinado segmento social – as classes pobres. Na análise de Rizzini (1993, p. 44), “o ‘menor’ é associado ao ‘abandono moral’, à criminalidade e à pobreza. (...) Na noção de ‘menor’ já está embutido o desvio”.

provenientes desta escola positivista, especialmente, no que concerne ao combate à delinqüência e à necessidade de seu tratamento tendo em vista uma profilaxia social.

Postura que, desde então, explicita

um enorme esforço de construção de saberes que tentam dar conta das causas da delinqüência e do abandono de crianças, dos comportamentos dos 'menores' e das famílias, além de dar publicidade às ações institucionais e justificar ideologicamente a necessidade da intervenção junto a este grupo social (RIZZINI e RIZZINI, 2004, p. 31).

Vimos, portanto, que a preocupação com a infância pobre no fim do século XIX, conforme sugere Rizzini (1993), está intensamente atrelada à normatização da sociedade. Isto com a pretensão explícita de eliminar desordens que fossem expressão dos problemas sociais e morais, que naquela época se expandiam veementemente por ocasião do crescimento do capitalismo industrial nas grandes cidades.

Em 1893 temos o surgimento da Diretoria Geral de Higiene e Assistência Pública do Rio de Janeiro e em 1894 cria-se o Instituto Sanitário Federal no intuito de promover o duplo objetivo do higienismo social, a saber, sanitário e assistencial. As ideias higienistas preconizavam a saúde e o bem-estar urbano de acordo com a tese de que apenas a ordem e a limpeza poderiam garanti-los. Por ordem e limpeza entendia-se certo regulamento social produzido pela intolerância e eliminação dos desvios em relação à norma vigente. De modo que certos fenômenos sociais e urbanos, como a pobreza, eram interpretados por uma ordem biologicista, por exemplo, como perigosos focos de epidemia e contaminação.

Assim,

com a progressiva entrada do Estado neste campo o que se deu a partir da década de 1920, tem início à formulação de modelos de atendimento, sem que isto signifique a diminuição da pobreza ou de seus efeitos. Neste sentido, a pretendida racionalização da assistência, longe de concorrer para a mudança nas condições concretas de vida da criança, constituiu-se muito mais em uma estratégia de criminalização e medicalização da pobreza. (ARANTES, 2004, p. 163).

Nesta época, a infância pobre passa a ser alvo de interesse de uma nova modalidade de assistência que se denomina filantropia⁵, baseada na caridade e na ausência da intervenção do Estado. Tem-se o entendimento de que a criança pobre é maltratada, sendo que a mortalidade infantil torna-se um dos principais problemas

⁵ Palavra cuja etimologia se refere ao “amor à humanidade”.

relacionados à infância nesta época, bem como a exploração da mão-de-obra e o aumento da criminalidade. Este cenário, segundo Rizzini (1993, p. 26) provoca o surgimento de “propostas, projetos e leis no sentido de proteger e assistir a infância ‘desvalida’, mas também, de aliviar a consciência de uma sociedade envergonhada e ameaçada com sua presença”.

Uma destas propostas é o asilo, local destinado à prevenção, recuperação e reclusão desta classe de crianças e jovens denominados “menores”. Ainda na primeira metade do século XX, a assistência asilar passa a ser questionada tanto no que se refere à manutenção das taxas de mortalidade infantil nestes estabelecimentos, como à sua efetividade do ponto de vista social. Segundo Rizzini (1993), ganha força, especialmente nos meios científicos, a ideia de que o isolamento não é a solução mais plausível para os problemas sociais despertados pela infância em abandono. Assim, aparece uma vertente denominada extra-asilar que pretende operacionalizar tratamentos e campanhas de prevenção médico-psiquiátricas, tendo como estratégias privilegiadas a vigilância e o controle social.

No governo de Getúlio Vargas, em 1941, surge o Serviço de Assistência a Menores (SAM), visando a centralização e maior controle sobre as intervenções junto à infância, que passam a ser vistas como questão de segurança nacional.

Em pouco mais de dez anos, o modelo do SAM passou a ser fortemente questionado e a opinião pública teceu inúmeras denúncias sobre irregularidades administrativas e operacionais, como a existência de torturas, mobilizando as autoridades para a necessidade de criação de um novo molde de assistência, ainda com base no que se entendia por segurança nacional.

No fim do ano de 1964 tem-se a criação da FUNABEM (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor) e em 1976, da FEBEM-SP (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor do Estado de São Paulo). Vale dizer que estas entidades surgem em pleno regime militar e, como não podia deixar de ser, trazem concepções e projetos a ele atrelados. A FEBEM-SP tinha como objetivo o cumprimento das diretrizes da política nacional do bem-estar do menor. Seu público era crianças levadas pelas mães que não julgavam ter condições para cuidar e educar seus filhos, bem como crianças abandonadas e infratoras.

A FEBEM-SP naquela época já funcionava como uma instituição total⁶, em um modelo arquitetônico e dinâmico que remete ao sistema penitenciário e repressivo. A partir de seus estudos sobre a FEBEM-SP, realizados na década de 1980, Guirado enfatiza:

Pelas vias técnicas, administrativas e de cuidados físicos, as práticas institucionais, na ação identificada de seus agentes com aspectos diferentes do atendimento, fazem da carência e da marginalidade da clientela o eixo de sua presença, como instituição;
 (...) Das relações configuradas como sujeito-instituição depreende-se que, se a FEBEM se apresenta como um serviço de conservação da infância infratora, há que se entender, num outro sentido, tal finalidade. O que ela acaba fazendo é conservar a criança no abandono e ser mais uma ocasião de infração. (GUIRADO, M. 1985/2004a; p. 227 e 231).

Vale lembrar que FUNABEM e, conseqüentemente, as FEBEMs tinham como objetivo inicial combater as diretrizes criticadas do Serviço de Assistência a Menores (SAM), por exemplo, as recorrentes práticas de violência, o funcionamento como “depósito de menores”, a corrupção e a suposta “fabricação de criminosos”.

O final da década de 1980 foi marcado pela redemocratização do país e, no que concerne à infância e juventude, pela promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), que trouxe novas diretrizes e saberes a fim de nortear novas propostas.

Terminamos esta breve retomada histórica com a trágica constatação de que

O paradigma corretivo predominou no atendimento ao ‘menor’. A lógica de que internando-se o ‘carente’, evitava-se o ‘abandonado’ e, por sua vez, o ‘infrator’, resultou na internação em massa de crianças que passaram por uma carreira de institucionalização (RIZZINI e RIZZINI, 2004, p.47).

Conforme enfatiza Rizzini (1993, p. 99), a despeito das críticas ao modelo asilar “cujos efeitos negativos para a vida da criança já eram conhecidos desde o início do século, veremos, ao longo da história, ocorrer justamente a manutenção do modelo de assistência asilar”, especialmente no que se refere à infância reconhecida como “perigosa”.

Assim, cabe dizer que, apesar de antigas, estas discussões e o próprio conceito de periculosidade são bastante atuais. Em dois dos artigos em que discute as relações entre o campo *psi* e o jurídico, Vicentin ressalta a insistência histórica da

⁶ Segundo Erving Goffman, “pode-se definir uma instituição total como um lugar de residência e de trabalho onde um grande número de indivíduos, colocados numa mesma situação, cortados do mundo exterior por um período relativamente longo, levam em conjunto uma vida reclusa segundo modalidades explícita e minuciosamente regulamentadas” (GOFFMAN, 1961/2008, p. 11).

“figura da periculosidade, do transtorno de personalidade anti-social, da medida de segurança e dos exames médico-psiquiátricos como via de gestão do ato infracional na juventude” (VICENTIN, 2005). Além disso, aponta o direito à saúde como uma paradoxal estratégia de controle dos jovens supostamente perigosos, afinal, suas pesquisas mostram que o poder judiciário e a sociedade de modo geral tem se apoiado no tratamento mental ou toxicômano “como dever e não como um direito à saúde” (VICENTIN, GRANKOW e MATSUMOTO, 2010).

Neste momento, já passados mais de vinte anos do Estatuto da Criança e do Adolescente, nos perguntamos como tem sido feito o atendimento às crianças e adolescentes em situações graves de vulnerabilidade (ou seja, aquelas que deveriam receber medida protetiva de acolhimento) e, sobretudo, quem são estas crianças e adolescentes e como se veem.

3.1 Sobre a legislação: do código de menores ao estatuto da criança e do adolescente

O Código de Menores foi a legislação que precedeu o Estatuto da Criança e do Adolescente e que durante mais de 60 anos regeu os atendimentos e entendimentos das situações envolvendo infância e juventude no Brasil. O primeiro Código de Menores data de 1927, promulgado pelo Juízo de Menores (criado em 1923), marcando a intervenção do Estado na regulação destas práticas, antes ligadas principalmente à caridade e à filantropia privadas. Tal Juízo irá estruturar a assistência pública à infância, como órgão centralizador, até meados da década de 1980 (RIZZINI e RIZZINI, 2004).

Em 1979, ainda durante regime militar brasileiro, foi feita uma reformulação do Código de Menores anterior, no entanto, não foi proposto um rompimento com as ideias presentes no documento de 1927, apenas uma readequação, persistindo em seu tom discriminatório, assistencialista e repressor. Sem muitas novidades, o Código de Menores de 1979 caracteriza a infância como perigosa e delinvente e, por isso, passível de tratamento médico.

A Convenção sobre os Direitos da Criança é um tratado internacional que anuncia os direitos das crianças de todo o mundo, visando sua proteção integral. Tal documento foi aprovado por unanimidade na Assembléia Geral das Nações Unidas em novembro de 1989, não tendo sido ratificado apenas por dois países, a saber, Estados Unidos e Somália. Por sua quase unanimidade foi um marco no que se refere à promoção de direitos e à proteção integral das crianças e estimulou países do mundo inteiro a conceberem legislações específicas.

Em consonância com este momento histórico, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é uma lei federal que foi instituída em 13 de julho de 1990 e atualmente rege as concepções e intervenções que envolvem crianças e adolescentes⁷ no país. Sua elaboração se deu em um período de abertura política marcado pelas mobilizações da sociedade civil, inspirando-se no documento da Constituição Federal de 1988, bem como na referida Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989.

Trata-se de uma lei que se pretende revolucionária no cenário em que atua, buscando instituir, nortear e garantir princípios básicos de cuidado, proteção e direitos de crianças e adolescentes. Vemos que uma importante modificação do antigo Código de Menores para o Estatuto da Criança e do Adolescente é justamente este deslocamento de “menor” para “pessoa em desenvolvimento”. Para além de uma mudança de palavras, é possível supor uma mudança de lugares e expectativas destes sujeitos, agora portadores de direitos.

Segundo Costa (1990) “o ECA propõe um reordenamento institucional, rompe com práticas fundadas na filantropia ou caridade e institui uma nova ordem onde os direitos das crianças geram responsabilidades”, neste caso, convoca a sociedade para a implementação de políticas e equipamentos que possam proteger, preservar e garantir a efetividade destes direitos.

Os principais direitos assegurados no Estatuto se referem à vida, saúde, educação, lazer, cultura, respeito, liberdade, convivência familiar e comunitária. Também legisla sobre os tipos e modos de atendimento, seja em relação às medidas protetivas ou sócio-educativas.

Em agosto de 2009, tem-se a promulgação da Lei 12010 que, de acordo com seu parágrafo inicial, pretende “o aperfeiçoamento da sistemática prevista para

⁷ Denominação que o título do documento “Estatuto da Criança e do Adolescente” propõe.

garantia do direito à convivência familiar a todas as crianças e adolescentes, na forma prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente”. Entre outras coisas, esta lei institui o termo “acolhimento institucional” para substituir “abrigo” e estabelece um prazo-limite de dois anos para o acolhimento institucional de crianças e adolescentes, dando maior concretude à provisoriedade da medida de proteção, o que o Estatuto da Criança e do Adolescente já havia tematizado, porém sem um prazo específico:

Art. 19 § 2º A permanência da criança e do adolescente em programa de acolhimento institucional não se prolongará por mais de 2 (dois) anos, salvo comprovada necessidade que atenda ao seu superior interesse, devidamente fundamentada pela autoridade judiciária (BRASIL, 2009).

3.2 Um estudo sobre legislação e saberes

O curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, por meio do Laboratório de Subjetividade e Política, na década de 1990, compôs um grupo de pesquisa e extensão intitulado PIVETES (Programa de Intervenção Voltado às Engrenagens e Territórios de Exclusão Social) que vem analisando materiais referentes à infância e juventude provenientes das classes pobres, seus direitos, à forma como são tratadas no processo jurídico e as políticas públicas a elas destinadas.

Um destes eixos de pesquisa privilegiou os três momentos, que descrevemos no início deste capítulo, marcados pela formulação de leis específicas sobre crianças e adolescentes, em consonância com as especificidades históricas de cada período, respectivamente 1936 a 1945, 1974 a 1983 e 1985 a 1994. Chama a atenção que os resultados dos referidos estudos (COIMBRA e NASCIMENTO, 2005) apontam que, nestes três momentos históricos, figuram como personagens essenciais nos processos jurídicos, respectivamente, o agente de vigilância, o assistente social e o psicólogo.

Embora estes três atores tenham suas especificidades, incluindo o contexto histórico-social em que emergem e os saberes produzidos em suas diferentes áreas de conhecimento, podemos notar continuidades entre suas atuações, por exemplo, na elaboração de laudos e pareceres que visam a auxiliar o

juiz em suas decisões, sendo, portanto, um braço do poder judiciário. Além disso, os três momentos estariam pautados pela lógica do padrão aceitável como condição para o encaixe de alguns e a exclusão de outros no que se denomina norma social.

Na análise de Coimbra e Nascimento (2005), o agente de vigilância adequa-se ao ideal higienista marcado pela eugenia e pelo racismo. Em relação ao assistente social, predominam as teses assistencialistas que prevêm a caridade como mote da salvação religiosa. Por último, a figura do psicólogo aparece por meio da generalização dos discursos que evidenciam a subjetividade como uma dimensão interiorizada distante do contexto social em que se produz.

Deste modo, do agente de vigilância ao psicólogo, nota-se um deslocamento do foco das questões sociais para aspectos isolados que dizem respeito somente às supostas individualidades. Deslocamento este que não parece elucidar rupturas, mas justamente continuidades de uma lógica da norma e na produção dos “desviantes”.

Por ocasião do nosso tema de trabalho, a seguir delinearemos os princípios básicos que norteiam a instituição-abrigo. Sendo o acolhimento institucional uma das possibilidades entre as medidas consideradas protetivas, ou melhor, que não são precedidas por atos infracionais, mas visam a proteção, além de garantia e preservação de direitos da criança e do adolescente em situação de vulnerabilidade.

4 ABRIGO: INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO

A instituição concreta chamada abrigo é um equipamento previsto e regulamentado pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS) que teve suas bases de implantação consolidadas em 2005 por meio da divulgação das Normas Operacionais Básicas (NOB/SUAS, 2005), estas descrevem competências e eixos de operacionalização. Deste modo, o abrigo é um serviço que integra a rede socioassistencial do país, tendo como objetivo a proteção social especial prevista na NOB/SUAS. Ou seja, abarca as situações complexas em que a vulnerabilidade esteja posta em jogo, tendo ocorrido *a priori* violações de direitos de crianças e adolescentes.

Assim, as entidades de acolhimento institucional (abrigos) fazem parte de uma política pública de atenção e cuidado destinada às crianças e adolescentes de zero a 17 anos e 11 meses, visando a atender os princípios e garantir os direitos elucidados no Estatuto da Criança e do Adolescente. Segundo esta Lei:

Art. 4º. – É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

No artigo 98 deste Estatuto lê-se:

As medidas de proteção são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta lei forem ameaçados ou violados: I. por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; II. por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável; III. em razão de sua conduta.

O acolhimento institucional é apenas uma das medidas possíveis em se tratando de proteção à infância e juventude, outras possibilidades deste mesmo caráter e de acordo com a necessidade e especificidade de cada caso, de acordo com o Art. 101 são: encaminhamento aos pais ou responsáveis; orientação, apoio e acompanhamento temporário; matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino; requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico; inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio e, colocação em família substituta.

Entre as medidas protetivas o abrigo é, portanto, uma estratégia extrema, relacionado às situações consideradas mais graves. Caracteriza-se por ser um *local provisório*, destinado à proteção e cuidado de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, privados do convívio familiar. Para garantir atendimentos personalizados e ações descentralizadas, em contraposição aos antigos orfanatos, os abrigos se constituem por pequenas unidades, em geral casas, buscando o acolhimento mais regionalizado possível, de acordo com a extensão da rede de atendimento municipal.

Em geral, as crianças e adolescentes são encaminhados pelos Conselhos Tutelares e pelas Varas da Infância e da Juventude que avaliam ser a medida protetiva de acolhimento a mais adequada à situação.

Entre as ações a serem desenvolvidas pelos abrigos constam: oferecimento de moradia, alimentação, vestuário e convivência; garantia de assistências médica, psicológica, odontológica e farmacêutica; encaminhamento e manutenção das atividades formais de ensino; acesso à cultura e lazer; ênfase nas propostas que visem à reintegração familiar; acompanhamento e assistência aos egressos, entre outros.

4.1 Composição do cenário atual

Com este capítulo propomos o reconhecimento do campo em que esta Dissertação se insere. Perguntamo-nos qual o atual panorama do acolhimento institucional no país e, para responder a esta pergunta, primeiramente faremos uso de pesquisas que indicam números e caracterização das casas-abrigo, além de quantidade e caracterização de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional. Em seguida, apresentaremos uma breve revisão bibliográfica que contempla algumas características do acolhimento.

São poucos os estudos quantitativos que temos atualmente acerca das instituições de acolhimento e das crianças e adolescentes em medida de proteção, mesmo assim, nos reportamos a eles na expectativa de ajudar-nos a compor este cenário sobre o qual nos debruçamos. Tomaremos como base três pesquisas amplamente divulgadas: 1. “Levantamento Nacional de Abrigos para Crianças e

Adolescentes da Rede de Serviços de Ação Continuada” (IPEA, 2003), 2. “Por uma Política de Abrigos em Defesa de Direitos das Crianças e Adolescentes na Cidade de São Paulo” (AASPTJ-SP, NCA-PUCSP, SAS, Fundação ORSA, 2003) e, 3. “Levantamento Nacional de Crianças e Adolescentes em Serviços de Acolhimento – dados preliminares” (MDS, 2010 – em andamento).

Em 2003, a Secretaria Nacional dos Direitos Humanos (SEDH) e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) lançam o “Levantamento Nacional de Abrigos para Crianças e Adolescentes da Rede de Serviços de Ação Continuada”⁸. Este é um estudo pioneiro e até hoje pertinente, ainda que não se constitua por uma descrição da maioria dos abrigos do país, mas apenas daqueles que contavam com repasse de recurso do Governo Federal por meio da Rede de Serviços de Ação Continuada.

Foram pesquisadas 589 instituições de acolhimento, das quais aproximadamente 49% (289 abrigos) localizavam-se na região Sudeste, sendo que 200 deles estavam no estado de São Paulo. Mostrando, portanto, um predomínio absoluto na quantidade de instituições de acolhimento (que recebe repasse federal) em relação aos outros estados. Estima-se que estes 589 abrigos atendam cerca de 20.000 crianças e adolescentes, sendo que a maioria delas são meninos (58,5%), afro-descendentes (63,6%) e possuem idade entre sete e 15 anos (61,3%). Destes 20.000 meninos e meninas, 6.600 (33%) estão no abrigo há um período de dois a cinco anos, em contraposição à diretriz de provisoriedade que constitui a medida de acolhimento institucional. Outros dados importantes sobre as 589 organizações pesquisadas são: 383 (65%) destas são não-governamentais; 396 (67%) têm significativa influência religiosa; 345 (59%) foram fundadas após a promulgação do ECA; e, 339 (57,6%) atendem até 25 crianças e adolescentes.

A pesquisa realizada pela parceria AASPTJ-SP, NCA-PUCSP, SAS e Fundação ORSA e intitulada “Por uma política de abrigos em defesa de direitos das crianças e adolescentes na cidade de São Paulo”⁹, apresenta dados referentes ao

⁸ Disponível em: <http://portaldovoluntario.org.br/documents/0000/0189/109726162757.pdf> (Acesso em 05/04/2011)

⁹ Disponível em:

http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/cao_infancia_juventude/rede/rede_abrigos/abrigosp.pdf (Acesso em 05/04/2011)

ano de 2003 e, como o título sugere, se restringiu à cidade de São Paulo. Naquela ocasião, constatou-se um total de 190 abrigos na cidade (entre serviços conveniados, não conveniados e públicos), sendo que o total de crianças e adolescentes acolhidos era de 4.847 de ambos os sexos.

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz, desde 2009 está realizando um levantamento que pretende identificar e caracterizar as instituições de acolhimento institucional no país de forma ampliada e inédita. Até o momento, a pesquisa abrangeu cerca de 1.000 municípios das cinco regiões brasileiras e os dados preliminares divulgados no site do MDS apontam que: foram identificados no Brasil cerca de 2.400 abrigos (governamentais e não-governamentais), destes, a região Sudeste abrange aproximadamente 1.070, sendo, portanto, a região de maior concentração de abrigos. Estima-se que, atualmente, cerca de 54.000 crianças e adolescentes¹⁰ encontram-se acolhidos em abrigos no país.

Com estes números em mente, seguiremos nossa descrição do cenário por meio de estudos acadêmicos que preconizam metodologias qualitativas para refletir sobre os modos como o acolhimento institucional vem acontecendo e, sobretudo, seus atuais desafios.

Percebemos que o volume de trabalhos sobre o tema aumentou consideravelmente nos últimos dez anos, especialmente em Psicologia, mas também em outras áreas, como Medicina, Enfermagem, Saúde Pública, Direito, Educação e Química. Nossas hipóteses mais imediatas são a consolidação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a implementação do Sistema Único de Assistência Social (2005) e o aumento das discussões e repercussões sobre este contexto específico.

Sobre o atual estágio da implementação e do desenvolvimento das políticas públicas de acolhimento institucional no Brasil, apoiando-se em dados quantitativos divulgados recentemente e em outros de cunho histórico, Glens afirma que “os abrigamentos indevidos ou inadequados constituem um dos grandes

¹⁰Disponível em: <http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/vigilancia/padroes-de-servicos/projeto-de-implementacao-das-acoas/levantamento-nacional-de-criancas-e-adolescentes-em-servicos-de-acolhimento> (Acesso em 05/04/2011)

problemas da rede de acolhimento institucional” (GLENS, 2010, p. 203). E, ainda, “a insuficiência e a desarticulação da rede de proteção como um todo gera um sistema que protege descontextualizadamente” (Ibid., p. 204), levando-se em conta apenas a criança ou jovem dentro do abrigo e não seu contexto familiar e comunitário com foco em sua reinserção.

Ainda neste sentido, Leoncio (2009) em sua tese de doutorado em que pretendia refletir sobre o encaminhamento ao abrigo e as relações com a família, chegou à conclusão de que não haviam sido feitas ações e cuidados efetivos com as famílias antes e mesmo após o acolhimento de seus filhos. De modo que, em grande parte das vezes, os pais se referiam ao encaminhamento feito pelo Conselho Tutelar como situações de “injustiça, enganação, traição e roubo” (LEONCIO, 2009, p. 217).

Cabe dizer ainda que os sentimentos e as explicações que as crianças e adolescentes encontram para o acolhimento também são bastante difusas, predominando o sentimento do “abrigamento como punição por seus maus comportamentos ou castigo por desobedecer a seus pais”, além de sérias “dúvidas em relação ao que irá acontecer em suas vidas” (Id., 2002, p. 202).

Estes são dados bastante relevantes se considerarmos o alto número de crianças e adolescentes acolhidos no país, anunciando a pouca expressividade das outras medidas de proteção que deveriam ser anteriores ao abrigo (a saber, encaminhamento aos pais ou responsáveis; orientação, apoio e acompanhamento temporário; matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino; requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico e inclusão em programas comunitários ou oficiais de auxílio), denunciando a emergência de repensarmos a rede de proteção e as políticas de acolhimento e, ainda, mostrando crianças e familiares alheios e pouco implicados com a forma como se dá o processo de acolhimento.

Deste modo, podemos dizer que as políticas públicas que subsidiam as estratégias de proteção aparecem como deficitárias, sobretudo no que se refere à compreensão do que foi descrito na função social do abrigo como direito e medida última para assegurar proteção integral e reinserção social às crianças e adolescentes que não podem permanecer no seio familiar.

Outro ponto que pretendemos elucidar diz respeito à provisoriedade da medida de acolhimento, a partir de 2009, fixada em no máximo dois anos. A

justificativa para o estabelecimento de um prazo determinado se faz no entendimento de que uma criança ou adolescente não deveria permanecer por muito tempo em um abrigo, longe do ambiente familiar. Concordamos com Ayres, Coutinho, Sá e Albernaz (2010) que “quando se afirma a vitimização da criança por estar vivendo longe de sua família, já há um discurso de individualização, despotencialização e uma ligação do desenvolvimento saudável atrelado à família”. De qualquer modo, sabemos que esta questão é bastante complexa por remeter à nossa história recente na qual crianças e adolescentes permaneciam por longos períodos esquecidos em grandes instituições.

Debruçadas sobre este aspecto, Oliveira e Milnitsky-Sapiro (2006; 2007) verificaram que a provisoriedade é ambígua e pode trazer no cotidiano do abrigo “diferentes níveis de ‘res’ e ‘desresponsabilização’ entre atores e agentes”, de modo que interfere diretamente na qualidade do acolhimento, muitas vezes prejudicando-o pela construção de um abrigo “volátil e descartável”, dificultando a continuidade e a efetividade de seu trabalho.

Para terminar esta breve retomada bibliográfica, nos remeteremos agora a um estudo menos recente, mas ainda muito atual, o estudo “Instituição e Relações Afetivas – O vínculo com o abandono” (GUIRADO, 1985/2004a). Naquela ocasião, alguns anos antes do Estatuto da Criança e do Adolescente entrar em vigor, Marlene Guirado desenvolveu sua pesquisa na então FEBEM-SP (Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor) em diferentes modos de atendimento, desde unidades de triagem para “infratores”, até unidades educacionais para “abandonados”, seguindo a nomenclatura vigente naquele período.

Enfatizamos que as entrevistas com os meninos e meninas “abandonados” caracterizaram-se por suas falas breves e pontuais, sem qualquer sinal de tagarelice, “poder-se-ia pensar que eles não quisessem estar lá [entrevista]” (Ibid., p. 135). Marcaremos a partir das análises destes discursos alguns pontos que consideramos os mais relevantes e potentes para pensarmos a atual pesquisa, são eles: a relação que os entrevistados estabeleciam com os espaços, sempre determinantes e norteadores; a dificuldade de constituição de uma memória; a indiferenciação entre eu e nós; e, a relação peculiar estabelecida com o tempo; (GUIRADO, 1985/2004a).

Iniciamos no próximo capítulo as discussões conceituais que embasam nossa estratégia de pensamento, possibilitando a realização das entrevistas e suas posteriores análises.

5 QUESTÕES METODOLÓGICAS

O próprio sujeito de conhecimento tem uma história, a relação do sujeito com o objeto, ou, mais claramente, a própria verdade tem uma história.

Michel Foucault

Não entendemos o “método” em sua apreensão clássica ou cartesiana como instrumento e procedimento replicável que leva à verdade absoluta sobre determinado assunto ou que traduz o que já está posto. De acordo com a tradição epistemológica em que nos inserimos, faz sentido pensar o método como uma estratégia que, ao articular alguns conceitos específicos, orienta nossa forma de pensar e, conseqüentemente, compõe nosso objeto de estudo desde o início – um recorte, portanto.

O método será, desta forma, um modo de olhar que constitui a pesquisa no momento e com as peculiaridades com que lhe dirige o foco. Neste sentido, acreditamos que o pesquisador não é ingênuo, nem está aquém ou além de seu objeto, mas sempre atrelado a ele, intencionado e ativo. Foucault (1973/2003 p. 25) afirma que “o conhecimento é sempre uma certa relação estratégica em que o homem se encontra situado (...) por isso seria totalmente contraditório imaginar um conhecimento que não fosse obrigatoriamente parcial, oblíquo, perspectivo”.

Sendo assim, o que foi possível de se produzir nas e com as análises, que serão apresentadas nos próximos capítulos, de modo algum é independente do recorte metodológico que escolhemos e com o qual pensamos. A pesquisa é sempre um esforço dirigido em que apesar de não saber onde se vai chegar, tem como conhecido seu ponto de partida.

5.1 Modos de objetivação e subjetivação: de Foucault à psicologia

Este primeiro subitem pretende diferenciar os termos *objetivação* e *subjetivação*, sempre próximos de Foucault, mas com algumas especificidades que o campo da psicologia nos permite.

A Análise Institucional do Discurso, proposta por Marlene Guirado, produz a sustentação dessa perspectiva de trabalhar a Psicologia e algumas ideias de Foucault. A metáfora do sujeito-dobradiça será fundamental para tratarmos dos modos de subjetivação como propostos no título desta pesquisa.

5.1.1 Sujeito em Foucault

Foucault se ocupa prioritariamente dos “modos de objetivação” do sujeito, ou seja, quais e como se formam em determinadas práticas como a loucura, a sexualidade, a punição e as ciências. Durante algum tempo críticos insistiram na ausência do sujeito em suas pesquisas, especialmente após os artigos que tematizam a autoria. Para citar dois exemplos: O que é um autor? (FOUCAULT 1969/2002) e A ordem do discurso (FOUCAULT 1970/2006c).

Para Foucault a “função-autor” não seria fruto da genialidade ou profunda individualidade de quem escreve, mas inserida numa complexa ordem de mecanismos de controle e circulação dos discursos de dada sociedade. Ou seja, a autoria se faz por meio de redes discursivas – jogos de poder e saber que permitem a emersão de determinadas ideias e não de outras.

Pensar o sujeito como perfilado nas relações estratégicas poder/saber, nas práticas regionais e nos discursos não significa dar-lhe menos importância, mas outro estatuto. Cabe dizer que este sujeito não representa para Foucault (*Em*: DREYFUS e RABINOW, 1984/1995) uma estrutura endógena, pois, é justamente efeito das práticas e das relações de poder. É um sujeito da superfície, nem interno e nem externo, um sujeito-acontecimento.

A fim de explicitar seu método, definiremos rapidamente as relações de poder, afinal, é por meio desta ideia que Foucault (1976/1990 e 1984/1995) desenvolve suas pesquisas. Em primeiro lugar, os jogos de poder constituem todas as relações, são exercícios de tensão, ou ainda, correlação de forças (no plural). Deste modo, poder não é substantivo, ou seja, não é algo que se possa ter, porém que se faz no registro da ação – é verbo, exercício. Quando se refere às relações de poder, Foucault não as coloca como dominação de uns sobre outros, mas como ação de um sobre a ação de outro, supondo jogos de forças móveis. Dizer que o poder é vetorial, é dizer que possui sentido, direção, alvo, para resumir, estratégia de ação – e, ao mesmo tempo, poder não é subjetivo, não há *um* sujeito do poder, mas forças que constituem e são constituídas por sujeitos. Tendo por metáfora a Física Clássica, a vetorização de forças e o próprio jogo são possíveis na medida em que haja um mínimo desequilíbrio entre elas, propiciando movimento e tensão.

Como já anunciamos antes, não é possível falar em relação de poder se não supusermos pelo menos um segundo vetor de força, a ele chamaremos “resistência”. Sabemos que quando duas ou mais forças agem sobre um corpo, este se movimenta de acordo com a somatória das forças e dos vetores nele envolvidos, é impossível determinar previamente qual será sua direção, porque se trata de uma direção-efeito. Se transpusermos este modelo para as relações que Foucault descreve, a somatória das forças produz novos movimentos, desvios, ângulos, ações, discursos, sujeitos, verdades...

Uma das grandes dificuldades para quem começa a estudar uma obra como a de Foucault é justamente compreender os conceitos que instrumentalizam sua forma de pensar. “Naturalmente”¹¹ nos perguntamos “mas, afinal, o que é o poder? O que é o sujeito?”. No entanto, ao longo dos estudos percebemos que a formulação da frase “o que é o sujeito”, seria em si uma imprudência metodológica, uma vez que Foucault esforça-se por dessubstancializá-lo, insistindo em sua vocação de exercício, o mesmo acontece com poder e discurso, de modo que não sejam instâncias que preexistem às relações.

Isto implica na impossibilidade de universalização do conhecimento, assim, não há um Sujeito (com S maiúsculo) que preexiste ou transcende as

¹¹ As aspas pretendem enfatizar que o naturalmente é sempre uma sensação histórica e instituída, neste caso pela tradição filosófico-científica que insiste na substancialização e universalização dos conceitos e na relação direta de “isto é aquilo”.

práticas, mas justamente sujeitos objetivados nas práticas, portanto, sempre regionais, em minúsculas. “Foucault é conduzido a uma história das práticas nas quais o sujeito aparece não como instância de fundação, mas como efeitos de constituição” (CASTRO, 2009), como forma e não como essência.

No texto “O sujeito e o poder” (*Em*: DREYFUS e RABINOW, 1984/1995), Foucault afirma que suas pesquisas apesar de aparentemente divergentes em relação aos temas e sempre marcadas pela incessante análise do poder, têm todas um interesse comum que seria justamente a questão do sujeito. Afinal, como se delineiam e se reconhecem sujeitos nas práticas regionais?

Os modos de objetivação aparecem nas pesquisas de Foucault como situações específicas em que o sujeito se torna objeto de uma determinada relação entre poder e verdade. São três os processos mais marcantes do que Foucault chamou de objetivação: 1. As Ciências Humanas na medida em que produz a categoria “homem” como objeto de conhecimento e de saber. 2. As práticas divisoras, que dividem os sujeitos uns em relação aos outros, por exemplo, os loucos e os normais, os enfermos e os sadios, os criminosos e os inocentes, etc. 3. A relação do sujeito consigo mesmo, ética¹² por definição. Ou seja, os modos como alguém se reconhece (subjetivação), as práticas de constituição de um “si”.

Dito isto, vale caracterizar a intensa relação entre discurso, poder e sujeito. Temos por pressuposto que o discurso se faz como relação de poder, jogo de forças. O discurso não apenas veicula práticas, mas é prática – o modo como se diz algo, o que se mostra, a luta que se trava pelo direito ou a naturalidade de dizê-lo, produz efeitos concretos na realidade em que se insere, nos lugares que configura.

Assim, em sua aula inaugural no *Collège de France*, intitulada “A ordem do discurso” (1970/2006c), Foucault enfatiza que o discurso não é apenas a fala, mas tudo aquilo que diz, mostra ou dispõe, a rigor, um dispositivo. Por exemplo, a organização física de uma sala de aula diz sobre o modo de relação e, ao mesmo tempo, configura as relações possíveis naquele contexto, os lugares, a ordem

¹² Um tema importante nos escritos foucaultianos, sobretudo na década de 1980, é a busca por uma “estética da existência”. *Estética* entendida como trabalho artístico, produção, lapidação de si de acordo com os preceitos éticos que regem as relações dos sujeitos, consigo e com os demais; ou, mais especificamente, naquilo que de si influencia e permite a relação com os outros. Deste modo, estética e ética são complementares e praticamente indiscerníveis, pois, convocam o *cuidado de si* (FOUCAULT, 1984/2006b) como atitude eminentemente política.

discursiva, os pressupostos, os jogos e, como não podia deixar de ser, a possibilidade das resistências.

No início de sua fala, tendo identificado uma incessante ordenação para os discursos, a pergunta central que Foucault expõe é: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (Ibid., p. 8). Ao tecer considerações sobre os procedimentos de produção e organização dos discursos, Foucault supõe a existência de uma “ordem” que o restringe em seu caráter de acontecimento, ruptura e acaso.

Sobre tal ordem, Foucault aponta que o discurso é efeito de uma regulação específica, operada por meio de procedimentos de controle externos, internos e de circulação. Os procedimentos externos são os que limitam o discurso aos modos de dizer, constituindo campos de verdade, o que pode ser dito em determinada época e lugar. Já os procedimentos de controle internos consistem na organização própria aos modos de produção dos discursos. E os procedimentos de circulação visam à sua disseminação e legitimidade.

Esta regulação que Foucault aponta seria algo inescapável, no sentido de que toda produção discursiva é constituída por tais procedimentos. Tornando-se impossível um discurso exterior a sua própria ordem.

Na parte final de sua aula, Foucault diz: “É preciso aceitar introduzir a casualidade como categoria na produção dos acontecimentos” (Ibid., p. 59), restabelecendo, portanto, o caráter de acaso inerente ao discurso em sua materialidade, ampliando assim a dimensão do acontecimento.

Neste sentido,

O problema é de reintroduzir a retórica, o orador, a luta do discurso no interior do campo de análise, não para fazer como os lingüistas, uma análise sistemática de procedimentos retóricos, mas para estudar o discurso, mesmo o discurso de verdade, como procedimentos retóricos, maneiras de vencer, de produzir acontecimentos, de produzir decisões, de produzir batalhas, de produzir vitórias (FOUCAULT, 1973/2003, p. 142).

Eis o desafio, portanto, de um trabalho como este, em que entrevistadora e entrevistados travam lutas (denominadas entrevistas) no e pelo acontecimento do dizer. Nestes dizeres, nos preocupamos, sobretudo, com os lugares forjados no discurso, em ato, das práticas cotidianas de uma instituição concreta casa-abrigo, não apenas do que fala, mas para quem, de quem e como fala. Melhor dizendo,

quando um ator institucional fala de si e dos outros, na relação específica entre entrevistadora e entrevistado, se configuram as possibilidades de lugares e atuações do cotidiano mais amplo, ou seja, a entrevista traz as cenas das relações institucionais. Mas isto tudo já no domínio da psicologia, o que procuraremos definir mais sistematicamente a seguir.

5.1.2 A metáfora de um “sujeito-dobradiça”

Na fronteira com este jeito de pensar os modos de objetivação, impõe-se a necessidade de um operador conceitual como condição para se trabalhar as ideias de Michel Foucault em Psicologia. Assim, o “sujeito-dobradiça” (GUIRADO 1995/2006) é tido como imagem elucidativa dos processos de subjetivação, da articulação de posições que se configura no e pelo discurso. A ideia é a visualização, por meio de uma dobradiça de porta, dos movimentos e tensões que se estabelecem entre lugar institucional e história de vida, de modo que a dobradiça é o que permite o movimento e a diversidade de arranjos entre a porta e seu quadro. Deste modo, o “sujeito-dobradiça” instiga-nos a pensar que a subjetividade se desenha necessariamente nas relações e em movimento. Deste modo, temos subsídios para pensar a subjetivação como processo e não como algo dado.

Se de um lado da fronteira temos o pensamento de Foucault, de outro está a psicanálise freudiana. A constituição subjetiva na obra de Freud é geralmente pensada pelo viés dos aspectos histórico-relacionais, ou seja, o sujeito seria marcado pela história de suas relações.

A pedra fundamental da psicanálise foi a constatação de que algumas doenças, como a histeria, não podiam ser explicadas meramente pelo funcionamento orgânico. Havia algo de outra ordem que se manifestava no corpo. Muito da relevância do que Freud produziu no início do século XX se deveu à relativização da organicidade como principal e única explicação para as afecções, fossem elas mentais ou físicas. A base da outra explicação estaria no aspecto relacional, na forma como, ao longo da vida, as pessoas viviam e significavam suas experiências e vínculos, com os outros e consigo.

Por ora, o que nos interessa são as articulações que Guirado propõe com a psicanálise freudiana no que diz respeito à apreensão do inconsciente não como instância profunda, mas como superfície. Em sua Tese de Livre Docência, Guirado (2010) afirma que o que lhe permite pensar o inconsciente e o matriciamento subjetivo desta forma é a metáfora do “bloco mágico”, descrita por Freud como possibilidade de explicação do psiquismo em seu texto de 1925 (“Uma nota sobre o bloco mágico”). O “bloco mágico” é uma espécie de brinquedo engenhoso constituído por

uma prancha de resina ou cera castanha-escura, com uma borda de papel; sobre a prancha está colocada uma folha fina e transparente, da qual a extremidade superior se encontra firmemente presa à prancha e a inferior repousa sobre ela sem estar nela fixada. Essa folha transparente constitui a parte mais interessante do pequeno dispositivo. Ela própria consiste em duas camadas, capazes de ser desligadas uma da outra salvo em suas duas extremidades. A camada superior é um pedaço transparente de celulóide; a inferior é feita de papel encerado fino e transparente. Quando o aparelho não está em uso, a superfície inferior do papel encerrado adere ligeiramente à superfície superior da prancha de cera.

Para utilizar o Bloco Mágico, escreve-se sobre a parte de celulóide da folha de cobertura que repousa sobre a prancha de cera. Para esse fim não é necessário lápis ou giz, visto a escrita não depender de material que seja depositado sobre a superfície receptiva. Constitui um retorno ao antigo método de escrever sobre pranchas de gesso ou cera: um estilete pontiagudo calca a superfície, cujas depressões nela feitas constituem a ‘escrita’. No caso do Bloco Mágico esse calcar não é efetuado diretamente, mas mediante o veículo da folha de cobertura. Nos pontos em que o estilete toca, ele pressiona a superfície inferior do papel encerado sobre a prancha de cera, e os sulcos são visíveis como escrita preta sobre a superfície cinzento-esbranquiçada do celulóide, antes lisa. Querendo-se destruir o que foi escrito, necessário é só levantar a folha de cobertura dupla da prancha de cera com um puxão leve pela parte inferior livre. O estreito contato entre o papel encerado e a prancha de cera nos lugares que foram calcados (do qual dependeu a visibilidade da escrita) assim acaba, e não torna a suceder ao se reunirem novamente as duas superfícies. O Bloco Mágico está agora limpo de escrita e pronto para receber novas notas. (FREUD, 1925/2006, p. 256 e 257)

No entanto, apesar de aparentemente “limpo”, uma análise mais detalhada, perceberá que as impressões antigas feitas na cera continuam inscritas em sua base/superfície, criando sulcos permanentes que irão constituir os novos traços.

Voltando ao “sujeito-dobradiça”, trata-se, portanto, de entender o sujeito nos efeitos do imbricamento das marcas históricas de cada um e o contexto institucional presente, o que acarretará maneiras absolutamente singulares de se fazer as instituições e as subjetivações.

Em sua análise do “sujeito-dobradiça” ou do “conceito-dobradiça de sujeito”, Ribeiro supõe uma dobradiça “que seja dupla face” e transparente:

Se do ponto de vista teórico-metodológico o acionamento do sujeito-dobradiça faz entrever práticas institucionais e subjetividade, poderíamos afirmar (...) que pelo avesso de sua superfície, faz entrever agora dispositivos e lugares institucionais. (RIBEIRO *Em*: GUIRADO e LERNER, 2007, p. 248)

Uma vez que fazemos psicologia, o sujeito é nosso principal alvo de pesquisa. Como as pessoas tornam-se sujeitos? Quais processos as fazem se reconhecer em determinadas práticas? Que práticas são essas? Assim, entre Foucault e Freud, Guirado propõe o desenho de um sujeito que, em suas relações, se (des)dobra.

5.2 A psicologia como instituição: por uma dimensão ética

A Psicologia Institucional de Marlene Guirado (GUIRADO, 2000, 1985/2004a, 1987/2004b, 1995/2006, 2007 e 2010) se produz na interface de diferentes campos do saber propondo que se pense, em princípio, “a psicologia como instituição”, ou seja, como um conjunto de práticas sociais concretas que se repetem e se legitimam em sua ação cotidiana e no reconhecimento desta como necessária e legítima (GUILHON ALBUQUERQUE *Em*: GUIRADO, 1987/2004b). Logo, temos por suposto que a psicologia, enquanto se faz e se (re)produz em cada prática forja suas verdades, clientes, técnicas, realidades, enquadres e daí por diante.

Sendo assim, nas práticas profissionais que realizamos como psicólogos, sejam elas invenções ou repetições, reconhecemos algo como sendo “a” psicologia e, ao mesmo tempo, desconhecemos a relatividade das condições de sua produção. Deste modo, se configuram os efeitos de reconhecimento/desconhecimento (GUIRADO, 1985/2004a) na legitimação e naturalização das práticas que, repetidas, consolidam suas instituições – seus modos de fazer, dispositivos, saberes, sujeitos...

Pensar a psicologia como instituição propõe refletir sobre a produção de subjetividades, verdades e naturalizações que o “fazer psicologia” impõe, enquanto

reconhece sua legitimidade como saber/prática. Neste sentido, a Psicologia Institucional aponta para uma dimensão ética na medida em que se implica na produção dos fenômenos e não apenas os descreve ou explica. Conforme a metáfora do “sujeito-dobradiça” que descrevemos anteriormente, entendemos a subjetividade como efeito de relações sociais concretas, supondo subjetivações de matizes singulares, sem que isto signifique algo do âmbito estritamente individual ou interno, mas na superfície das relações.

5.3 Análise Institucional do Discurso

A proposta de Psicologia Institucional com a qual nos filiamos (GUIRADO, 2000, 1985/2004a, 1987/2004b, 1995/2006, 2007 e 2010) articula: uma concepção psicanalítica freudiana, implicando o processo histórico-relacional na constituição do sujeito e focalizando o *campo transferencial*; o conceito de *instituição* pela repetição e legitimação das práticas de Guilhon Albuquerque, que definimos no item anterior; as concepções de *cena*, *heterogeneidade* e *gênero discursivos* da lingüística de Dominique Maingueneau; as idéias de Michel Foucault, sobretudo, o *discurso* como ato e as *relações de poder/resistência* como jogos de forças constituídos por (e constitutivos de) *sujeitos*. Dessa multiplicidade discursivo-conceitual, Marlene Guirado derivou sua *analítica da subjetividade* - a Análise Institucional do Discurso.

Nesta estratégia, o *discurso* é tomado como ato, como acontecimento, como função enunciativa, na trilha do que pensa Foucault. É considerado um conjunto de regras ou dispositivos acionados no ato da fala, a partir dos lugares institucionais ocupados pelos sujeitos (falante e ouvinte) que o constituem.

Da influência da Análise do Discurso Francesa de Dominique Maingueneau na constituição do método de Guirado, destacam-se três idéias centrais: *cenografia*, *heterogeneidade* e *gênero de discurso*.

A *cenografia* compreende o que está sendo dito como parte de uma “cena”, um jogo teatral, a partir do qual o sujeito atribui lugares a si e aos outros, inclusive ao interlocutor – como no caso desta pesquisa, à entrevistadora. Esta, por

sua vez, também fará parte da cena/relação que se estabelece ocupando e delegando lugares – é neste sentido que Guirado faz uma releitura do conceito freudiano de *transferência*, pensando-o como reedição de lugares e cenas na superfície mesma das relações institucionais concretas (GUIRADO, 2000).

Sendo assim, a forma como alguém ocupa o lugar de entrevistadora ou entrevistado (ou qualquer outro) é absolutamente singular e remete à história de suas relações, ou melhor, aos modos como se posicionou, aos lugares que ocupou e às interlocuções que teve. No momento em que nos sentamos em uma sala para a entrevista, sem que pensemos nisso, se estabelece um jogo paradoxal de reedição/invenção que inclui as maneiras como estabelecemos relações anteriores, bem como as expectativas referentes à atual.

O *gênero de discurso* é um dispositivo que articula os lugares falante/ouvinte e torna possível a produção de um discurso em (e de) seu contexto. Assim, é um regulador que garante pertinência, legitimidade e significação a um discurso em um contexto específico e não em outros. Deste modo, Maingueneau afirma que o gênero de discurso é como o “quadro” suporte da enunciação, ao mesmo tempo pré-estabelecido e legitimado a cada vez que os interlocutores se colocam em relação, uma espécie de contrato.

Quando você vai procurar um psicólogo, ou um médico, ele tem o direito de te perguntar coisas íntimas, como por exemplo quando você teve, pela última vez, relações sexuais. Você imagina essa pergunta na rua?” (MAINGUENEAU *Em*: GUIRADO, 2000, p. 95).

Pensar em *heterogeneidade do discurso* é admitir sua polifonia, ou seja, que “o discurso é sempre uma maneira de construir uma relação com outros discursos” (MAINGUENEAU *Em*: GUIRADO, 2000, p. 47). Se o discurso é um dispositivo ativado na ação da fala, constituído e constituinte de lugares institucionais, é possível compreender tal polifonia pelo fato de que a subjetivação se dá por um matriciamento nas instituições, ou melhor, nas relações institucionais que construímos durante a vida (GUIRADO, 1995/2006).

A *Análise Institucional do Discurso* nos apresenta uma possibilidade de delineamento do sujeito não pelo que está sendo dito – como uma realidade acabada – mas em seu ato de dizer; marcado, portanto, pelas ideias de produção, contexto, lugar e expectativas, nisso tudo constituídas. E, é claro, de uma realidade

psíquica que constrói e é construída no momento mesmo da fala, num ato eminentemente enunciativo e transferencial (GUIRADO, 2000 e 1995/2006).

Deste modo, trabalhamos o sujeito como singular, o discurso como polifônico, a analista como “parte da cena” e, a própria pesquisa como instituição concreta, produtora de discursos, portanto.

Por fim, tendo a concepção do sociólogo Guilhon Albuquerque de instituição como práticas que se legitimam no exercício de sua repetição, realizamos esta pesquisa nos limites e inter cruzamentos de três instituições concretas: o abrigo, a psicologia e a pesquisa acadêmica – é justamente nesta superposição de instituições e lugares que produzimos a presente análise.

5.4 Procedimentos de análise

Primeiramente, cabe a ressalva de que com esta estratégia metodológica não procuramos descrever as entrelinhas ou as profundezas do discurso, mas torná-lo opaco, analisar o que está sendo dito e o dizer, sem procurar razões, explicações ou possíveis sentidos ocultos do texto. Assim, percebemos a diferença que Guirado marca entre interpretação e análise (GUIRADO, 2010). A interpretação seria uma tentativa/certeza de traduzir, de captar as entrelinhas do discurso, supondo-o com uma transparência da qual se pudesse ver através, algo como o obscuro, implícito, latente, desconhecido. Além disso, o esforço da interpretação seria desvendar os “porquês” de algo ser dito. Em contraponto, a análise se atenta ao “como” algo foi dito, para quem e onde. Neste sentido, a análise seria um olhar em perspectiva para a superfície do discurso, em busca de seus movimentos mais óbvios (que de tão à mostra podem passar despercebidos); e a interpretação como um olhar vertical, que pressupõe e procura um lado de dentro.

Trabalharemos, por meio da análise das entrevistas, em um mapeamento dos lugares que os entrevistados atribuíram a si e aos outros, de suas expectativas, das relações que entrevistadora e entrevistados estabeleceram, das maneiras como o abrigo foi descrito, enfim, das cenas que foram construídas a partir das entrevistas. Isto, a fim de delinear processos de subjetivação possíveis nestas práticas de

acolhimento institucional. Deste modo, a análise é concebida como uma estratégia de pensamento e escuta para que se pudessem constituir sujeitos e lugares institucionais carregados de significações.

Tomamos como base os procedimentos de análise utilizados em “Instituição e Relações Afetivas” (GUIRADO, 1985/2004a): após as transcrições das entrevistas, operamos uma desmontagem do discurso, destacando as repetições de palavras e imagens, a adjetivação de pessoas e situações, o lugar sintático ocupado por determinadas palavras e o papel dos personagens nas cenas; em seguida, partimos para a reorganização dos discursos por temas que mantinham relações entre si.

5.5 *Corpus* discursivo

O *corpus* discursivo de que nos ocupamos na presente Dissertação compreende dez entrevistas com jovens de 13 a 17 anos, moradores de três abrigos da cidade de São Paulo, segundo roteiro temático em anexo (Anexo A).

5.6 Aspectos éticos formais

Ressaltamos que foi apresentado a todos os entrevistados um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B), em que cada um pode optar por participar ou não da pesquisa, sendo que, por serem menores de idade, também os responsáveis leram e concordaram, assinando a autorização das entrevistas. O Termo contém informações sobre a necessidade de gravação da entrevista, os nossos objetivos, a possibilidade de retirarem seu consentimento em qualquer etapa desta pesquisa, além do compromisso que a pesquisadora firmou em manter absoluto sigilo sobre os nomes ou qualquer tipo de identificação mencionados, direta ou indiretamente.

6 ANÁLISES

O capítulo que ora se apresenta trata da organização geral das análises das entrevistas feitas com a clientela de três abrigos da cidade de São Paulo¹³. A saber, um total de dez entrevistas, todas com adolescentes de 13 a 17 anos, de ambos os sexos¹⁴.

A análise foi configurada a partir de temas recorrentes nas entrevistas. Estes foram agrupados de acordo com o recorte teórico-conceitual que definimos anteriormente em consonância com os objetivos desta pesquisa. Deste modo, organizamos um discurso analítico sobre os processos de subjetivações produzidos no contexto das práticas de acolhimento nos abrigos.

Os temas que norteiam esta análise são: 6.1) Definindo o abrigo: circunstância, adjetivo e lugares; 6.2) Sobre relações, regras e castigos; 6.3) A família no discurso; 6.4) O futuro e os sonhos; 6.5) Movimento, tédio e solidão; 6.6) A pesquisa como instituição: nos matizes da relação entrevistadora-entrevistado; 6.7) Subjetividade(s) em foco.

Cabe dizer que os temas foram pensados a fim de propor uma sistematização possível daquilo que foi produzido nas análises de cada entrevista de acordo com o recorte que fizemos. Não raro os temas podem articular-se e confundir-se, sempre denunciando o estado de tensão que possibilitou nossos arranjos.

6.1 Definindo o abrigo: circunstância, adjetivo e lugares

Nas entrevistas, as referências ao “abrigo” foram constantes e denotavam cenas muito diversas, em cada uma a palavra “abrigo” assumia características

¹³ Nos anexos desta Dissertação constam a tabela que relaciona os adolescentes e seus respectivos abrigos, bem como as entrevistas na íntegra (Anexos C a M).

¹⁴ Aline – 16 anos, Bianca – 15 anos, Bruno – 14 anos, Caio – 14 anos, Daniela – 15 anos, Gabriela – 16 anos, Juliana – 17 anos, Mariana – 14 anos, Matheus – 13 anos e Ricardo – 14 anos.

Os nomes dos entrevistados e aos que eles se referem são fictícios para garantir o sigilo de informações, vigente nos princípios éticos da pesquisa acadêmica. No caso, foi sugerido aos próprios meninos e meninas entrevistados que escolhessem nomes para si.

próprias de acordo com seu emprego. O desenho do abrigo que faremos a seguir o mostrará como um definidor subjetivo, seja por seus aspectos de ocasião, lugar-espço, proteção, garantia de acesso e também das tensões da palavra “morar”.

Percebemos que os jovens que entrevistamos costumavam falar do abrigo e seu cotidiano como circunstância, ou seja, como condição ou situação em um momento determinado. Neste sentido, notamos que o tempo, seja de trânsito ou de permanência, é um forte caracterizador deste lugar-abrigo.

Dailza – Em quantos abrigos você já ficou?

Caio – ...Abrigo? já passei em uns... porque assim, tem diferença entre abrigo e CRECA¹⁵, né? CRECA eu já passei em uns cinco e em abrigo, dois.

Dailza – E qual é a diferença?

Caio – Ah, a diferença é que falam que CRECA fica meses, né? Num fica ano e abrigo fica ano.

É comum a definição do abrigo ser feita a partir da elucidação das diferenças entre abrigo e CRECA, na exterioridade do que “falam” acerca do tempo de permanência (tempo em que “fica”).

Dailza – Qual é a diferença de abrigo e CRECA?

Bruno – CRECA é... você fica três semanas lá e depois vai pra qualquer um... vai pra abrigo direito ou então vai pra outro CRECA, aí eu saí de um e foi pra outro CRECA, depois do outro CRECA vim pra cá.

Dailza – Você veio pra cá com quantos anos? Quer dizer, pros abrigos.

Matheus – O primeiro abrigo acho que eu passei com dois anos.

Chama a nossa atenção que o CRECA e o abrigo, apesar de suas diferenças aqui marcadas, são lugares por onde se “passa”. A diferença fundamental entre as duas instituições aparece no que se refere ao tempo de permanência,

¹⁵ O Centro de Referência da Criança e do Adolescente (CRECA) compuseram até o ano de 2010 os serviços chamados de Alta Complexidade associados à Secretaria Municipal de Assistência Social da prefeitura de São Paulo. Comumente o CRECA é chamado de Casa de Passagem, porque segundo o projeto funcionaria como uma triagem para o acolhimento institucional ou para as outras alternativas presentes, como a reinserção familiar, de acordo com as possibilidades de cada caso específico. Portanto, prevê um tempo curto de acolhimento, a saber, de 48 horas a dois meses.

sendo a provisoriedade característica do CRECA, uma espécie de lugar de distribuição.

Dailza – E nesse abrigo?

Mariana – É oito anos nesse abrigo.

Dailza – Você só ficou em um abrigo?

Mariana – Não, na verdade eu fiquei em uma casa de acolhida, aí... é uma casa de acolhida que eu fiquei do zero até os seis anos, depois eu vim pra cá, aí eu fiquei dos seis até os 14 anos.

Aqui, Mariana aponta uma diferença entre o abrigo e a casa de acolhida. Diferença esta marcada pelo passado e pelo presente. Tanto abrigo quanto casa de acolhida são lugares onde Mariana “fica” determinados anos de sua vida.

Caio – Eu tenho que trabalhar, daí a tia me acorda.

Dailza – Como a tia te acorda?

Caio – É porque assim, ela acorda primeiro meus irmãos, eu tenho irmão aqui, meus irmãos e o pessoal que vai pra escola, aí acorda eles, aí umas cinco eles vão pra escola, aí quando troca o plantão, aí o tio me acorda umas sete horas, às vezes peço pra acordar cedo, aí eles me acorda, eu tomo banho, tomo meu café, espero dar oito horas, quando dá oito horas eu saio daqui, tenho que estar lá dez horas.

Dailza – O que você menos gosta?

Bianca – O que eu menos gosto?... Quando tem escala, porque é muito chato.

Durante as entrevistas, não raramente as perguntas que se referiam ao “como” ou ao “que” foram respondidas por circunstâncias de tempo e ordem de atividade. Apesar de ser a “tia” quem acorda, não há outras referências a um acolhimento pessoal, não parece fazer diferença se é a “tia” ou o “tio” quem acorda, de forma que são reconhecidos nesta cena pela função que exercem.

Desde já, enfatizamos a caracterização do abrigo como possibilidade de adjetivação para os sujeitos, portanto, como “definidor subjetivo”.

Dailza – Quantos anos ela [irmã] tem?

Gabriela – Ela tem... a minha outra tem, a mais velha, tem 25, né? E a terceira mais velha tem de...18, não 19. E a Raquel que tava aqui comigo, ela fez 18.

A única irmã nomeada é a que estava “aqui”, no abrigo. Como se este lugar fizesse de Raquel um sujeito definido, adjetivado, dando a ela uma existência mais específica. Enquanto as outras irmãs são definidas por pronomes ou adjetivos, Raquel substantiva-se pelo aqui.

Dailza – O que, em sua opinião, é mais difícil de morar num abrigo?

Gabriela – Mais difícil? Quando eu saio pra algum lugar, as pessoas ficam perguntando pra mim que eu sou de abrigo.

Dailza – O que você fala?

Gabriela – Ah, eu fico meio sem graça.

Podemos configurar a polarização entre o “abrigo” e “algum lugar”, em um momento o abrigo transcende o lugar em si e torna-se um adjetivo que caracteriza Gabriela (“ser de abrigo”) por seu constrangimento. Aqui, podemos supor o abrigo como marca identitária.

Dailza – Você diz que é difícil quando as pessoas ficam perguntando...

Gabriela – É, tipo, você ta dentro de um lugar, né? Fica uma semana fora, aí você tem que ir pra um lugar, pra casa de um amigo, aí você tem que falar, né? Falar que você ta vindo de abrigo, aí eles ficam meio assim.

O abrigo caracteriza o sujeito no plano identitário. Assim, podemos dizer que o abrigo se configura como um lugar-condição ou lugar-definição, como se Gabriela estivesse marcada à ferro e fogo.

Dailza – O que você menos gosta de fazer?

Bruno – ...Sair.

Dailza – Como assim?

Bruno – Sair com os meninos pra gente jogar bola, ali frente tem uma quadra.

Dailza – O que você menos gosta?!

Bruno – De sair pra jogar bola com os meninos.

Dailza – Por que você não gosta?

Bruno – Porque lá onde que nós joga, tem uns meninos que não sabem jogar muito, eles cavala quando nós dá driblinho neles.

Dailza – E o que você faz?

Bruno – Eu? Dou chapeuzinho, elástico é... um montão de coisa.

Dailza – Daí eles cavalam. E você?

Bruno – Eu vou e xingo eles.

Na cena do jogo de futebol surgem dois grupos de meninos bem definidos: nós e eles. Enquanto o “nós” parece identificar os que vivem no abrigo, o “eles” são os outros, os que não sabem jogar – de um lado a habilidade (“nós dá driblinho”, “chapeuzinho”, “elástico”) e de outro a agressividade (“eles cavala”). A agressividade física dos outros aparece como resposta às demonstrações de habilidade de Bruno. Neste jogo montam-se dois times, sendo que o intercâmbio se faz na desigualdade que está posta de início.

Os três trechos a seguir têm em comum a identificação com um coletivo maior que compõe o abrigo, diferente da corriqueira antítese nós/eles, remetendo a lugares institucionais distintos: clientela e agentes, respectivamente. Nas situações festivas descritas, forma-se o coletivo “abrigo” caracterizado pelos jovens e pelos adultos, sem distinção de lugar institucional.

Dailza – Eu queria que você lembrasse um dia aqui que você tenha achado muito bom.

Juliana – Aqui? O dia do meu aniversário de 15 anos.

Dailza – Como foi?

Juliana – Foi legal, Buffet, tudo. Aí foi festa com garçom, com DJ...

Dailza – A festa foi aqui mesmo?

Juliana – Não, foi lá... foi numa igreja, foi num lugar alugado, um salão.

Dailza – E quem que fez a festa?

Juliana – A gente pagou.

O “dia muito bom” se refere ao aniversário comemorado, à festa. Juliana se funde no “a gente” e banca a festa.

Dailza – Queria que você me contasse um dia aqui que você tenha achado bom.

Bruno – Quando eu saí pro hopi hari.

Dailza – Como foi o dia?

Bruno – Foi legal, foi todo mundo.

Dailza – Todo mundo quem?

Bruno – Foi eu, os meninos e a tia.

Dailza – E como foi lá?

Bruno – Foi legal. Fiquei com uma menina lá e depois voltei pra cá.

Dailza – Me conta um dia que tenha sido ruim.

Bruno – Ruim é nós não poder sair.

Tanto o dia bom quanto o dia ruim marcam uma oposição, tendo como referência o "sair", de forma que o "aqui" (abrigo) inclui um "lá", ainda que por oposição. No dia bom a resposta é dada no singular ("eu") e no ruim, no coletivo ("nós"). O dia bom é uma cena com "todo mundo" (eu + meninos + tia) em um lugar diferente, no entanto, o lugar é o que menos aparece na resposta, o mais marcante são as pessoas, a "menina lá". Aqui o contato com pessoas de fora do abrigo, ou seja, que não compõe a categoria "todo mundo", é uma experiência prazerosa.

Dailza – Queria que você me lembrasse um dia que você tenha vivido aqui que tenha sido muito bom.

Matheus – No dia que a Record veio reformar o abrigo.

Dailza – Como foi?

Matheus – Eles foram reformar, daí nós fomos pra um hotel fazenda, e passamos três dias lá.

Dailza – Aonde?

Matheus – Lá em Mairiporã, num hotel fazenda.

Dailza – E aí, o que você fizeram lá?

Matheus – Nós nadamos, fizemos um monte de coisa...

Dailza – Você já tinha ido pra um hotel fazenda?

Matheus – Não.

O dia bom é um dia atípico, marcado pela oportunidade de sair do abrigo, passar uns dias em outro lugar. Não são necessariamente os dias no hotel fazenda os mais marcantes, mas o "dia que a Record veio", como que carimbando os passaportes. Vale notar que Matheus não aparece sozinho na cena, mas fundido no coletivo "nós", sem discernir entre jovens acolhidos e funcionários, o que é inédito em sua fala.

Nos três dias bons relatados acima, as respostas são enfáticas e descrevem saídas, de modo que o "aqui" (abrigo) a que as perguntas remetem, é transportado para outros lugares (Salão de Festas, Hopi Hari e Hotel Fazenda), ficando muito mais o abrigo internalizado como lugar-condição do que como lugar físico.

Dailza – Aqui, queria que você me contasse um dia que tenha sido bom.

Daniela – Um dia?

Dailza – É. Queria que você escolhesse...

Daniela – O dia que a gente foi pro playcenter.

Dailza – Como que foi?

Daniela – Ah, foi legal, foi divertido, todo mundo aproveitou, foi muito legal.

Dailza – Todo mundo foi?

Daniela – Não, não todo mundo.

Dailza – Quem não foi?

Daniela – Ah, agora não vou lembrar...

Dailza – Por que não foi todo mundo?

Daniela – Porque tinha bagunçado, tinha aprontado, daí a tia não deixou ir.

O dia “bom” acontece mais uma vez fora do abrigo, além disso, se relaciona à diversão mediada pela autorização da “tia”. Aqui o abrigo se configura como possibilidade de acesso, como porta de saída, de forma que a “tia” é uma espécie de porteira que controla este fluxo.

Dailza – O que é fácil de morar aqui?

Bianca – Mais fácil é [INAUDÍVEL], você entra, a comida deles é super boa...

Dailza – Me dá um exemplo.

Bianca – Ah, esses dias mesmo a gente foi pro parque aquático que é perto do hopi hari, esqueci o nome. Ah, sempre tem passeios, festas aqui...

Dailza – Conta como foi o último passeio que vocês fizeram.

Bianca – Foi esse. Tava muito bom. Nunca vi tanta piscina como eu vi naquele parque aquático...

Dailza – Me conta um dia que tenha sido bom.

Ricardo – O dia de sábado.

Dailza – O que acontece?

Ricardo – Quando eu vou pro [INAUDÍVEL].

Dailza – Como é?

Ricardo – É muito legal. Faz um monte de atividades.

Dailza – Que tipo?

Ricardo – Tipo, acampamento, tipo, vai pro [bairro X], vai pra um monte de lugares.

O “mais fácil” é a relação com o lugar-abrigo, representado pelo eles/”deles”, portanto, exterior à Bianca que desfruta da comida e do passeio, como um hotel. O abrigo aparece como sinônimo de acesso a lugares de lazer/”passeios” e à possibilidade de “ver” coisas novas.

Dailza – O que eles aprontam, né? O que eles fazem? Me dá um exemplo.

Bianca – Igual alguns meninos, fugiram e volta. Como eles fugiram, aí tiveram a punição deles. Que num iam ter festa nem computador na casa.

Em contraponto ao que denominamos acesso, o abrigo é também um lugar de onde se “foge”, sendo, portanto, em si uma sentença/obrigatoriedade/prisão. Uma vez que é possível considerar a saída como “fuga”, podemos supor que o adolescente acolhido não é livre a priori. Exploraremos mais adiante outras cenas em que as restrições de liberdade ganham protagonismo no discurso.

Em outros momentos é a espacialidade do abrigo que se torna tema das conversas, neste sentido, gostaríamos de enfatizar esta possibilidade de apreensão do abrigo também como lugar físico.

Dailza – E o que é mais fácil de morar num abrigo?

Caio – Mais fácil? Ah, num é assim mais fácil, é um ambiente diferente, né? Porque em casa a gente num tinha o que a gente tem aqui, né? A gente tem cinco refeições por dia, na minha casa, por exemplo, tinha duas, e olha lá ainda. Aqui diferença é que, assim vamos supor, a gente tem onde a gente dormir, a gente tem onde comer, tem onde ficar, tem lazer, aqui a gente praticamente tem de tudo.

Dailza – Praticamente?

Caio – É.

Dailza – O que num tem aqui?

Caio – O que num tem aqui? Ah, assim, num tem o que num tem aqui, o que tem aqui ta ótimo.

Dailza – Num falta nada?

Caio – Num falta nada.

Em primeiro lugar, vemos que quando o espaço físico vem à tona, traz consigo a ideia da casa, ainda que como contraponto. O mais fácil na resposta de Caio se faz na comparação com a casa, casa é o lugar do não ter ou do não ter tanto, o abrigo é onde “tem”. O abrigo se configura pela quantidade de refeições e pela presença de espaços específicos (“onde” comer, dormir, ficar), como uma hospedagem. Em certo momento a autossuficiência do abrigo para Caio é relativizada pelo “praticamente”, em seguida reafirmada: “o que tem aqui ta ótimo”.

Dailza – Pra onde você sai?

Gabriela – Nós vai pro clube escola, aí a gente vai pra escola, aí depois a gente volta, né? E nós fica fazendo alguma coisa, né? Na casa.

Dailza – E o que é mais fácil de morar num abrigo?

Gabriela – Ah, porque tem um lugar pra nós ficar, né? Um lar, né? Pra morar. Tem o que comer, né? Tem onde dormir.

Na entrevista com Gabriela o “mais fácil” aparece como justificativa ou razão: “porque...”. No abrigo “tem” algo, no caso, lugar e comida. Ao mesmo tempo, o personagem que se caracteriza nesta cena é desprovido de “lugar para ficar”, encontrando no abrigo uma possibilidade de estadia. A palavra lugar está aqui relacionada com “lar”, “ficar” e “morar”.

Dailza – E o que que é mais fácil de morar num abrigo?

Aline – Mais fácil? Que você pode ser ajudada, no abrigo.

Dailza – Como que você é ajudada?

Aline – Ah, igual se eu não tivesse aqui no abrigo hoje, eu podia... Tem um monte de amiga minha que já tá morta, se eu não tivesse aqui no abrigo eu tava ou grávida, ou tava acontecendo alguma coisa comigo. Eu acho, eu peço a Deus que eu to aqui no abrigo, se eu não tivesse aqui no abrigo eu não sei nem onde é que eu tava.

A pergunta traz o verbo “morar”, no entanto, a entrevistada responde com o verbo “estar”. O abrigo se configura como um lugar para quem não tem ou não imagina outro lugar (“se eu não tivesse aqui no abrigo eu não sei onde é que eu tava”). Além disso, o abrigo aparece como uma possibilidade de manter-se viva, protegida.

Nos trechos anteriores, Caio e Gabriela falam do abrigo como um “onde”, neste último a fala de Aline amplia as significações deste “onde”. Ao mesmo tempo em que se refere a um lugar físico – “se eu não tivesse aqui no abrigo eu não sei nem onde é que eu tava”, inclui outras possibilidades de “estar”, além desta mais concreta, mencionando gravidez e morte.

Deste modo, os movimentos discursivos nos levam a outros caminhos que novamente extrapolam as paredes do abrigo, transformando-o em um “onde” imaterial.

Dailza – Por que você foi abrigado?

Caio – Eu? Assim, eu já passei várias vezes, já passei no... o primeiro motivo foi porque meu tio me maltratava eu, aí eu num

aguentava, eu fugia, aí eu ia lá. O juiz me pegou, me levou pro abrigo, aí minha mãe foi e me tirou, aí depois a noite eu... aí depois minha mãe foi presa, eu voltei, num tinha ninguém pra ficar comigo, aí eu voltei.

A figura do “juiz” emerge como alguém que interfere na situação que se estabelece entre ser maltratado e fugir, o juiz “pega e leva” para o abrigo. Cria-se uma tensão entre juiz (“me levou pro abrigo”) e mãe (“foi e me tirou”). O abrigo se constitui o lugar para onde se vai quando não tem com “quem” ficar. Portanto, é necessário quando Caio perde a companhia da mãe.

Assim, Caio se configura como quem não pode ficar sozinho, que precisa dos outros e que alterna momentos em que é tirado e colocado nos lugares por outrem e outros em que assume uma posição ativa “eu não aguentava”, “eu fugia” e “eu voltei”.

Dailza – Eu queria saber se você quer me contar mais alguma coisa da sua vida...

Aline – Da minha vida? [pausa] Pode ser da minha mãe?

Dailza – Pode.

Aline – Que ela pare de beber pra ela conseguir me tirar daqui.

A saída do abrigo depende do esforço ativo de quem está fora (“conseguir me tirar daqui”), como em uma operação de resgate. A palavra “vida” parece relacionar-se à família.

A seguir, os recortes se referem ao estabelecimento de uma tensão entre as perguntas e as respostas nos usos da palavra “morar”. Notamos que nas respostas estes verbos estão quase sempre relacionados à família e em contraponto ao abrigo.

Dailza – Por que ela foi embora?

Mariana – Por causa que ela aprontava demais, ela teve que ser mandada prum outro abrigo. Aí ela foi pro outro abrigo, fugiu. Aí agora ela tá morando com a minha tia.

O “morar” se refere à família, em relação ao abrigo se “vai” pra um ou outro.

Dailza – Por que você foi abrigado?

Ricardo – Porque eu fazia coisa de errado quando eu morava com a minha mãe.

(...)

Dailza – E daqui a dez anos?

Ricardo – Dez anos... Acho que eu não vou tá aqui... é, eu não vou tá aqui.

Dailza – Você vai estar onde?

Ricardo – Vou ta morando sozinho já.

Em longo prazo (10 anos) vislumbra-se a “saída” definitiva e com ela, Ricardo tem a possibilidade de conjugar o verbo “morar” novamente, a outra ocorrência da conjugação acontece no início da entrevista em “quando eu morava com a minha mãe”.

Dailza – O que é mais difícil de morar aqui?

Daniela – Ficar longe da família.

Dailza – Como é?

Daniela – É muito difícil, às vezes... ao mesmo tempo você quer ficar com a família e ao mesmo tempo você quer ficar aqui, aí você não sabe... fica meia confusa.

Novamente cria-se uma tensão entre as perguntas e as respostas, uma vez que a entrevistadora usa o “morar” quando se refere ao abrigo e a entrevistada usa verbos como “ficar” e “estar”.

Dailza – O que é mais fácil de morar num abrigo?

Bruno – Nada. Pra mim nada. É importante eu tando aqui, melhorar minha vida.

Dailza – O que que é mais difícil de morar num abrigo?

Aline – Mais difícil? Ah, por causa que chega gente nova... Agora, quando eu cheguei aqui pra mim era difícil, que eu não conhecia ninguém, eu não me dei bem com os outro, eu me acostumei mais no outro abrigo, mas hoje... É, já me dei bem. Fiz três anos nesse abrigo, aí... Tô bem.

Percebemos que o verbo “morar” na grande maioria de suas ocorrências como resposta está relacionado ao fora do abrigo e à família, a entrevistadora insiste em inserir o morar em suas referências ao abrigo, o que não é nunca contestado em palavras, embora os entrevistados não manifestem adesão ou reconhecimento da relação abrigo-morar. Isto acaba produzindo certa desconexão (às vezes nada óbvia) entre as falas que compõem o discurso de cada entrevista.

O próximo tema que definimos se refere ao lugar ocupado pelos funcionários do abrigo nas entrevistas e a forma como se estabelecem relações no contexto institucional do acolhimento de crianças e adolescentes.

6.2 Sobre relações, regras e castigos

Chamou-nos a atenção, ao longo das entrevistas, que raramente as pessoas que compõem as cenas têm nomes próprios. Em geral, são tratadas por meio dos pronomes indefinidos “nós” e “eles”, antítese que caracteriza o cotidiano institucional. Além disso, os agentes institucionais na maioria das vezes são nomeados de forma característica como “tias/os”, remetendo a uma referência familiar sem necessária definição afetiva.

Apesar desta montagem ser freqüente nas entrevistas, gostaríamos de iniciar este tema com as cenas que no conjunto foram exceção, ou seja, aquelas em que aparecem os nomes das pessoas que as compõem. Tentaremos definir quais as características destas cenas e dos lugares que as pessoas nomeadas nelas ocupam.

Dailza – Você tem outros irmãos?

Aline – Tenho. Mais três, tão na Bahia.

Dailza – Na Bahia?

Aline – É.

Dailza – Na casa de quem? Ou em algum abrigo...

Aline – Um é na casa do meu tio, o outro é na casa da minha outra tia, e a outra mora com a minha vó desde pequena, a mais velha.

Dailza – Em São Paulo só tem você?

Aline – Só tem eu e a Miriam, a minha irmã que tá aqui.

Dailza – Ah, tá aqui também?

Aline – Tá, a Miriam.

Dailza – Ela é mais nova?

Aline – É.

O único familiar nomeado é a irmã que está no abrigo, sendo o abrigo, portanto, uma possibilidade de nomeação, um definidor subjetivo, se quisermos insistir em uma característica marcada no primeiro tema configurado. Além disso, queremos enfatizar o circunstanciamento espacial como definição, de forma que o

espaço (“Bahia”, “São Paulo”, “abrigo”) instrumentaliza descrição dos irmãos e das relações.

Dailza – Aqui, quais os educadores que você mais gosta?
 Matheus – Seu Bruno, a tia Ana, o tio Orlando, o tio Dalmo...

Dailza – Certo. Você tem amigos aqui?
 Juliana – Amigos? Só minhas irmãs.
 Dailza – Você tem quantas irmãs?
 Juliana – Duas. A Maria e a Renata.

Os dois trechos anteriores parecem se caracterizar pela afetividade que permite a nomeação das pessoas. Chama a atenção que os dois trechos invocam a familiaridade, seja em relação às irmãs ou aos “tios/as” para se referir aos educadores.

Dailza – E uma lembrança de um dia que tenha sido ruim?
 Gabriela – Ruim? Vixe...
 Dailza – Você num lembra?
 Gabriela - ... lembro
 Dailza – Você pode contar?
 Gabriela – Quando eu cheguei a tia Solange ficou brava comigo.
 Dailza – Por quê?
 Gabriela – Porque eu respondi ela com um nome que ela num gosta, que ela num gostou.
 Dailza – Você pode falar o nome?
 Gabriela – (risos) quando eu xinguei ela de sapatona, aí ela foi e num gostou.
 Dailza – O que ela fez?
 Gabriela – Ela começou falar comigo, ela falou “Gabriela eu num gostei desse tipo de... eu num aceito esse tipo de brincadeira boba”.

Aqui a nomeação mostra um aspecto afetivo relevante, trazendo à tona uma lembrança bem marcada (quando Gabriela chegou) de uma cena que se inicia em um conflito em que tanto a educadora quanto a adolescente tem nome próprio.

Dailza – O que é mais difícil de morar num abrigo?
 Ricardo – Mais difícil? Pra mim eu num acho muito difícil não.
 Dailza – O que é mais fácil?
 Ricardo – Ah, mais fácil é você conquistar os amigos.
 Dailza – Você tem amigos aqui?
 Ricardo – Tenho.
 Dailza – O que vocês fazem juntos?
 Ricardo – Jogamos bola.
 Dailza – Como foi conquistá-los?

Ricardo – Foi difícil, mas foi legal.

Dailza – O que você fez?

Ricardo – Fui perguntando o nome de cada um, aí eles foram me chamando pra jogar bola. Quando cheguei no abrigo, não conhecia ninguém. Aí eu só saía pra cá, ficava sentado aqui, aí tinha alguns meninos que vinha, me cumprimentava, perguntava meu nome e chamava eu pra jogar bola.

Dailza – Você tem inimigos aqui?

Ricardo – Não.

“Os amigos” definem o abrigo como um lugar “fácil”. Além disso, aparecem como “conquistas” e como “possibilidade de jogar bola”. Nesta cena, o nome próprio aparece como passaporte para “jogar bola”, para estar junto e para se conhecer.

Dailza – O que é uma brincadeira boa?

Gabriela – Não, quando nós tamo brincando, tipo, normal, sem zona sem nada, aí vem um já vai arrastá pra tia, fala tia ó, esse pessoal tá no quarto das meninas brincando... de cartas, né? Aí outro vai e fala pra tia pra tia pode tirar a pessoa que ta brincando com a gente.

Dailza – O que é arrastar?

Gabriela – Não, tipo, porque quando eu to brincando com os meninos lá no quarto, né? Aí quando fica eu, a Andréia, e o menino brincando de uno. Porque ele não pode ficar brincando no quarto das meninas, né?

Dailza – Entendi.

Gabriela – Aí a pessoa vai, desce, fala “tia, o Renato ta no quarto das meninas”, quer tirar a brincadeira de nós, pra ele sair do quarto das meninas.

Andréia e Renato se unem a Gabriela na transgressão da regra, no entanto, o nome de Renato não aparece num primeiro momento, mas apenas quando é delatado.

Dailza – E inimigos, você tem aqui?

Mariana – Inimigo é raro, tem gente que eu não me dou bem, mas inimigo não.

Dailza – Você, por que você não se dá bem?

Mariana – Não sei. A Andressa, irmã da Adriana, ela tem a mesma idade que eu.

Dailza – Vocês já brigaram?

Mariana – Não.

Dailza – Discutiram?

Mariana – Já.

Dailza – Você pode contar como foi?

Mariana – ...

Neste trecho, percebemos duas possibilidades de nomeação, a primeira faz referência a um parentesco, e a segunda a uma característica comum, ou seja, Andressa tem algo igual à Mariana (idade). Nos dois casos supomos que a proximidade, por parentesco ou identidade, permite nomeação.

Assim, a partir das cenas que montamos, é possível supor que os nomes fazem referência ao tom pessoal da relação. Em contraponto, nos próximos trechos a relação “eles” (funcionários) e “nós” (acolhidos) é definida pela impessoalidade e pela existência das regras, relacionando-se ao (não)cumprimento destas e às suas consequências.

Dailza – Como é o seu dia geralmente?

Mariana – Ah, nós acorda, faz atividades, ela passa atividade pra nós, nós faz, depois nós almoça, fica jogando bola de vez em quando, quando elas libera, umas que vão pra escola. Eu estudo à tarde também.

Dailza – Você falou que faz atividades de manhã... que atividades, me dá um exemplo.

Mariana – As tias passa lição de matemática, continhas, passa leitura, leitura...

O dia se marca pelo coletivo “nós” e pela antítese institucional “nós”/“elas”, denotando lugares diferentes de ação, a clientela se configura pelos verbos “fazer” e “ir”, e os agentes institucionais por “passar” e “liberar”. De modo que as ações do “nós” estão subordinadas às ações do “elas”.

Dailza – Como é morar num abrigo?

Juliana – Ruim. Péssimo.

Dailza – Você pode me dar algum exemplo?

Juliana – Ai, tudo. Tem hora pra tudo, sabe? Muita regra. Sei lá, na sua casa acho que você se sentirá mais a vontade... numa casa. Você num pode fazer nada, sabe? Num pode namorar, sabe? Umas frescuras, sei lá.

(...)

Dailza – Você quer me contar mais alguma coisa sobre como é morar num abrigo?

Juliana – Ah, é muito chato, porque aqui é muita regra, sabe? Muita regra, você não pode fazer quase nada, tudo é permissão, sabe?

Dailza – Me dá um exemplo de alguma coisa que você gostaria de fazer e você não pôde.

Juliana – Ah, num sei... Eu acho que eu gosto de ser bem livre, sabe? Eu num gosto de pedir permissão pra fazer as coisas.

Eu acho que as pessoas nas suas... numa casa comum, assim, não têm toda essa regalia igual tem aqui.

Dailza – Regalia?

Juliana – É, tipo regras, sei lá... tem que pedir pra sair toda hora, sabe? Quando eu to na casa da minha mãe num é assim, eu falo “mãe, vou ali” e já... aí num tem horário pra voltar, sabe? Fala “ó, que horas você vai voltar?”, “tal hora”, “ta bom, então”. Aqui não, aqui às vezes elas deixa, é muito difícil elas deixarem, tipo...

Dailza – Quem deixa?

Juliana – As educadoras.

Dailza – Aí como você faz? Você argumenta?

Juliana – Não, tipo, você combina um horário, um horário, tipo, no máximo as dez horas, eu num gosto.

Dailza – Você chega a conversar, dizer que quer voltar mais tarde?

Juliana – Ah sim, mas elas num deixam. Eu tinha meu namorado, aí eu queria ficar com ele até mais tarde, só que elas num deixavam, eu só ficava até as sete com ele.

Dailza – O que elas falavam?

Juliana – “Ah não, você num pode ficar até mais tarde”.

Dailza – Você sabe por que não pode?

Juliana – Não...

O abrigo limita as possibilidades de Juliana fazer, em contraponto com o que seria uma “casa comum”, ambiente tido como mais permissivo e marcado pela figura da mãe. O aspecto totalizador da permissão desenha uma personagem que precisa se reportar a outro constantemente e que desconhece a construção das regras. O abrigo e as relações que se estabelecem entre agentes institucionais e clientela e entre clientela e pessoas de fora do abrigo são marcados fortemente pelo que pode, pelo que não pode e pela restrição da liberdade dos jovens. A entrevista vai mostrando (em especial nos trechos que selecionamos) que, em um abrigo, a liberdade é um bem que se almeja.

Dailza – E um dia que você lembra que tenha sido ruim?

Juliana – Aqui, um dia ruim? Quase todos os dias.

Dailza – Me conta um.

Juliana – Hoje, eu acho ruim.

Dailza – O que você fez hoje?

Juliana – Nada, por isso. Você num pode fazer nada, muita regra. Quase todo dia pra mim é ruim, porque eu num gosto de muita regra, trancado, sabe?

Dailza – O que é mais difícil de morar num abrigo?

Mariana – É muita regra.

Dailza – Como assim?

Mariana – É regra pra tudo, eu sei que umas regras é necessário, sim, claro. Tem muita regra, se você num cumpre essas regras, você fica de castigo.

Dailza – Me fala uma regra.

Mariana – Como assim?

Dailza – Uma dessas regras.

Mariana – Deixa eu ver... É... só pode sair do quarto quando estiver tudo arrumado, mesmo não sendo a nossa escala, cada um tem escala da casa.

As regras aparecem sem sujeitos e como aprisionamento. O abrigo é configurado pelas regras e (seu descumprimento) pelo castigo. De forma que, diante da regra as possibilidades são duas: ou cumprir, ou ser castigado. A regra é uma constante, marcando o ambiente como um todo (“regra pra tudo”) e se associa às possibilidades de ação dos jovens.

Dailza – O que é “restrição”?

Mariana – Restrição é um... é um nome de um negócio de castigo. Invés de falar castigo, é restrição.

Dailza – Por que alguém fica de restrição?

Mariana – A por causa que apronta. Não vai pros compromissos, pra escola.

Dailza – O que acontece quando a pessoa tá de restrição?

Mariana – Tem que ir pro quarto às dez horas, num pode ficar até as três.

Dailza – E vocês podem ficar até as três?

Mariana – Não. Só pode ficar até as três de sábado, por causa que domingo é liberado.

Dailza – E o que vocês ficam fazendo até as três?

Mariana – Eu fico assistindo filme, eles fazem pipoca. Se tiver restrita, fico no quarto.

Dailza – E se você não tiver restrita?

Mariana – Fico lá em baixo, comendo pipoca.

As palavras castigo e restrição são intercambiáveis, operando-se a denúncia de um eufemismo, que tem relação direta com o “aprontar”, ou seja, não cumprir os “compromissos”. Nesta cena o ir aparece não como privilégio, mas como obrigação. A “restrição” se aplica aos locais acessíveis. Vemos que o castigo exclui de um momento de diversão.

Dailza – E o que você menos gosta de fazer?

Gabriela – O que eu menos gosto? É quando a tia pega no meu pé pra mim fazer alguma coisa.

Dailza – Como é?

Gabriela – Ah?

Dailza – Dá um exemplo.

Gabriela – Ah, tipo quando eu to cansada, aí a tia sempre manda eu limpar o refeitório, manda limpar a sala, mas quando eu to cansada eu num limpo.

Dailza – Você num limpa? E o que acontece?

Gabriela – A tia fala que eu fico de castigo, me dá disciplina, aí eu vou e limpo.

Dailza – Como que é o castigo?

Gabriela – Disciplina, tipo, num vai sair... num vai assistir televisão, passeio num vai.

Dailza – Mas daí você limpa?

Gabriela – Aí eu limpo.

Dailza – Você já ficou de castigo?

Gabriela – Não.

A tia é quem “pega no pé/manda”, Gabriela é quem decide baseada em um estado seu (“cansada”). No entanto, em seguida a “tia” ameaça e diante disso Gabriela não tem mais escolha. Uma cena que se configura é a resistência como forma de adiar, também podemos supor que Gabriela não “obedece” ao mando, mas à ameaça de castigo, que passa a ser uma estratégia de trabalho da tia. O castigo é traduzido por “disciplina” que aqui se configura como a impossibilidade de ir, tanto dentro como fora de casa.

Dailza – E um dia que você lembre que tenha sido ruim?

Matheus – O dia que eu fiquei de castigo.

Dailza – Como foi?

Matheus – Porque eu cheguei tarde aqui. Era pra mim voltar umas cinco e meia, aí voltei sete horas. Aí eu fiquei de castigo. Fiquei de castigo três dias sem sair.

O dia ruim está associado ao castigo que novamente aparece como restrição da liberdade de ir e vir, como consequência do atraso. Nesta cena, podemos configurar o horário como regra, sendo que uma vez quebrada, não há argumentos.

Dailza – Foi todo mundo [no passeio]?

Bianca – Não, nem todos, porque alguns aprontaram muito, aprontam muito com a tia, aí entra na disciplina, aí foram os melhores, assim...

Dailza – O que é disciplina, como é?

Bianca – É quando a pessoa apronta. Aí sempre quando a pessoa apronta, ela tem sua punição. Aí tira do computador, das férias, do passeio... ela perde tudo.

Dailza – Quem decide?

Bianca – Os educadores e a coordenação.

Dailza – O que eles aprontam, né? O que eles fazem? Me dá um exemplo.

Bianca – Igual alguns meninos, fugiram e volta. Como eles fugiram, aí tiveram a punição deles. Que num iam ter festa nem computador na casa.

O “aprontar” é característica de quem não vai para o passeio e tem relação imediata com a “tia”, que é a vítima na cena (apronta-se “com a tia”). A “disciplina” aparece como um lugar alternativo ao passeio, na configuração de uma cisão entre a clientela – “os melhores”, que vão ao passeio, e os outros, que “perdem tudo”, passeio, computador e férias... desta forma, “tudo” está relacionado ao que o abrigo dá. “Entrar na disciplina” aparece como sinônimo de “ser tirado” de outros lugares, em geral, divertidos.

A “disciplina” marca um “perder” que se generaliza e se justifica pela situação, em um primeiro momento inespecífica, designada pelo verbo “aprontar”, que designa uma transgressão. O abrigo é o lugar onde ninguém fica impune. Aqui aparecem as palavras “educador” e “coordenação” como atores-juízes na cena deste suposto ato indisciplinar.

Dailza – O que você trouxe de fora pra cá?

Bianca – A maioria das pessoas que moram aqui foi que não deu valor à mãe, essas coisas... fugia da mãe, dava trabalho... agora eu já era diferente, já era o contrário, ficava o dia todo com a minha mãe e ela sempre ficava saindo, essas coisas... né? Daí eu tava junto... aí eu vim pra aqui, porque eu via... quer dizer, eu tive minha mãe, eu dei valor pra minha mãe, minha mãe num deu valor em mim. Agora as pessoas daqui foi ao contrário, não deu valor pra mãe, entendeu? A mãe ficava lá sonhando e os filhos aprontando... essa é a diferença.

Dailza – O que é aprontando?

Bianca – Ah, saindo pra balada escondido, batendo na mãe ou no pai, tia... assim, da família.

Trazemos este trecho novamente à análise, desta vez enfatizando que o abrigo é apresentado como um castigo/punição para quem “aprontou” com a família, ou vice versa, pra família que aprontou com o filho.

Dailza – Por que você foi abrigado?

Ricardo – Porque eu fazia coisa de errado quando eu morava com a minha mãe.

Dailza – Que coisas?

Ricardo – Fugia de casa, saia pra vender drogas...

Ricardo assume a responsabilidade do abrigamento por suas ações (“eu fazia coisa de errado”). Surge a diferença entre o certo e o errado, sendo o “errado” associado às ações de Ricardo na casa da mãe, descritas como evasivas (“sair” e “fugir”), ora representando uma casa aberta, ora uma casa-prisão. Marcando pessoas que se dirigem para fora dele.

Dailza – E um dia que tenha sido ruim?

Mariana – Do que?

Dailza – Aqui. Você lembra?

Mariana – Lembro. (...) Foi o dia que a minha irmã foi embora.

Dailza – Quem é a sua irmã?

Mariana – A Ingrid.

Dailza – Por que ela foi embora?

Mariana – Por causa que ela aprontava demais, ela teve que ser mandada prum outro abrigo. Aí ela foi pro outro abrigo, fugiu. Aí agora ela tá morando com a minha tia.

Dailza – O que ela aprontava?

Mariana – Oi?

Dailza – Como ela aprontava?

Mariana – Ah, ela arranjava muita confusão com muita gente da casa. Não, mas ela ajudava as tia, ela fazia almoço pra todo mundo, ela gostava de fazer.

O “ir embora” garante uma posição ativa da irmã. Aqui o “aprontar”, diferentemente do trecho anterior, impossibilita a estada nos abrigos, de forma que podemos supor que o abrigo não acolhe irrestritamente, sobretudo aqueles que sabotam a ordem de seu cotidiano, produzindo confusões. Na balança entre ir ou ficar, a confusão tem mais peso que a “ajuda”. Assim, configuramos a existência de sujeitos não-abrigáveis.

Dailza – O que você acha que vai acontecer daqui a dois meses. Imagina, como você acha que vai estar?

Bruno – Vo ta grande, vou ta um pouco grande... vo ta... saindo mais, porque até lá eles vão esquecer¹⁶, eles vão deixar nós sair, eles num vão deixar nós preso, porque se eles deixar nós preso, nós vamo ficar mais nervoso com a casa... querer

¹⁶ Bruno relata anteriormente que, na ocasião da entrevista, ele e os outros adolescentes estavam sem poder sair em virtude de supostos roubos de pertences que teriam acontecido no abrigo.

fugir... aí nós vai começar a... aí depois vai ser melhor pra eles porque ninguém vai ficar pra cuidar de nós, aí até chegar outras pessoas... vai ser mó...

Chamamos atenção neste trecho para a corriqueira (nas entrevistas) indiferenciação entre as primeiras pessoas do singular e do plural: eu-nós.

Além disso, o abrigo no presente se caracteriza como uma prisão pela falta de permissão para sair e pela ação de “fugir”. Em um futuro imediato o discurso assume um tom diferente, despertando ferres que, quando unidas, podem se tornar incontroláveis, agora “eles” aparecem como reféns de “nós”. “Eles” fazem concessões/esquecem para o próprio bem, são ameaçados e coagidos. Cria-se a cena de uma rebelião, em que o “nós” domina o “eles”, apoderando-se do controle da situação.

Paradoxalmente, se monta um cenário que lembra uma rebelião ou guerra controlada pelos meninos/meninas e, o “eles” (entendido como os funcionários) aparece no lugar dos que cuidam, formando um estranho pacto entre “nós” e “eles”. Ou melhor, ao mesmo tempo em que necessitam de cuidadores, são os adolescentes quem autorizam o cuidado, ou escolhem se rebelar.

Dailza – Você tem amigos aqui?

Mariana – Tenho.

Dailza – O que vocês fazem juntos?

Mariana – A gente fica conversando no quarto à noite, quando fica alguém de restrição fica todo mundo dentro do quarto.

A amizade aparece como resistência, antídoto para a restrição/castigo, como solidariedade, aliança, “ficar” junto. A amizade ao mesmo tempo escapa da e coletiviza a restrição.

Bruno – Nós não tamo mais saindo.

Dailza – Por que?

Bruno – Porque sumiram muitas coisas aqui, aí eu não fui o culpado e eu to pagando por isso. Aí eu num posso sair.

Dailza – Quem num deixa?

Bruno – As pessoas daqui, as mulher aqui.

Dailza – O que elas falam?

Bruno – Ela falou assim que não vai sair até encontrar.

Dailza – O que são essas coisas?

Bruno – São o celular, o mp4 do homem, o mp5 do menino que mora aqui, o mp4 da outra menina e os dinheiros que sumiu... mas é... por culpa deles eu num posso sair.

Dailza – Deles quem?
 Bruno – Quem roubou as coisas.
 Dailza – Você sabe quem foi?
 Bruno – Não.

A diferenciação eu-nós se dá pela existência de um culpado, que se indiferencia pelo castigo coletivo. O não sair aparece como um pagamento (“eu to pagando por isso”), sendo assim, o castigo exerce a função de moeda neste contexto. O abrigo é um lugar onde as coisas “somem”, mostrando-se também como um lugar onde as pessoas têm coisas. O sumiço é qualificado como roubo e a culpa, desconhecida, se torna coletiva. Assim, cria-se um ambiente onde se opera a divisão da suposta culpa, de modo que alguém “roubou”, ninguém pode sair e todos são culpados. Mais uma vez ocorre a cena de um julgamento, em que os agentes institucionais são juízes e promotores de acusação, e a clientela naturalmente ocupa a cadeira do réu.

Dailza – O que é uma brincadeira boa?
 Gabriela – Não, quando nós tamo brincando, tipo, normal, sem zona sem nada, aí vem um já vai arrastá pra tia, fala tia ó, esse pessoal tá no quarto das meninas brincando... de cartas, né? Aí outro vai e fala pra tia pra tia poder tirar a pessoa que ta brincando com a gente.
 Dailza – O que é arrastar?
 Gabriela – Ah?
 Dailza – O que é arrastar?
 Gabriela – Não, tipo, porque quando eu to brincando com os meninos lá no quarto, né? Aí quando fica eu, a Amanda, e o menino brincando de uno. Porque ele não pode ficar brincando no quarto das meninas, né?
 Dailza – Entendi.
 Gabriela – Aí a pessoa vai, desce, fala “tia, o Ricardo ta no quarto das meninas”, quer tirar a brincadeira de nós, pra ele sair do quarto das meninas.
 Dailza – O que a tia faz?
 Gabriela – Aí às vezes a tia deixa ele brincar, às vezes a tia manda ele sair.
 Dailza – E ele sai?
 Gabriela – Aí ele sai.

A brincadeira é marcada pela subversão relativa à restrição de espaços, parece legítimo para Gabriela que meninos e meninas não possam ocupar juntos o espaço “quarto”, ao mesmo tempo em que a quebra desta regra é justificada pela situação brincadeira.

O uso do verbo “arrastar” também é interessante, remete a uma prática de delação que insere outra pessoa na cena, no caso a “tia”, para quem se “arrasta”. O “arrastar” faz com que a tia possa “tirar a pessoa que ta brincando”. Outros se tornam rivais, usando a “tia” para atingir os que estavam brincando ilegalmente. No entanto, a “tia” apresenta reações variadas, ora “deixa brincar”, ora “manda sair”, nem sempre cumprindo, portanto, a regra anterior que permite a delação. Sendo assim, podemos supor que a brincadeira relativiza a regra, tanto para os adolescentes, quanto para a tia.

Aqui e em outros extratos que pautam as relações entre os jovens, é possível pensar como estas se regulam, ora pela aliança, ora pela rivalidade, expondo um cenário vivo, em constante movimento.

Como é possível observar, as regras (indissociáveis das figuras “tias/educadoras”) são importantes reguladores das condutas e do ambiente, sobretudo no que se refere à iminência de punição. Percebemos que as cenas que remetem ao castigo muitas vezes se confundem com aquelas em que a questão da liberdade está posta. Assim, o castigo (seja “restrição” ou “disciplina”) se caracteriza pelo impedimento do “sair” e do “ir”, barrando isto que aparece como um importante desejo da clientela dos abrigos. De modo que o castigo parece legitimar ou mesmo produzir desejo, trazendo à tona resistências.

Consideramos que até aqui foi possível delinear importantes pilares das relações que se estabelecem no abrigo, primeiro pela possibilidade de nomeação que demonstrou um viés mais pessoal e afetivo das relações. Em seguida, as regras e suas transgressões mostraram uma das possibilidades de regulação social dos atores que compõe o contexto. A seguir, queremos pontuar outro matiz das relações no abrigo, mediada pela ajuda nos afazeres domésticos.

Dailza – Queria que você me contasse um dia seu. Como que é.

Aline – Um dia meu? O que eu faço, assim?

Dailza – É.

Aline – Ah, igual hoje... Hoje eu to ajudando, aí depois que eu ajudar eu vou pro telecentro, aí depois quando eu chegar eu vou ajudar a cuidar dos bebê. Ajudar a cuidar da... Todo mundo. Ajudo que sou mais velha, aí eu ajudo a cuidar dos bebês e das pessoa.

O dia está muito marcado pelo “ajudar” do começo ao fim. O “ajudar” acontece dentro do abrigo, antes de sair ou depois que chega. A saída para o telecentro fica como um intervalo entre os momentos de ajuda, estes atrelados à rotina. A posição em relação ao cuidado se naturaliza pela idade, os mais velhos cuidam dos mais novos: bebês, pessoas, todo mundo.

Dailza – E você foi abrigada com quantos anos?

Aline – Com... Acho que com dez, ou onze.

Dailza – Tá. O que você trouxe de fora pra dentro do abrigo?

Aline – O que eu trouxe pra dentro do abrigo? [longa pausa] Na minha opinião, eu acho que eu trouxe, pro abrigo aqui nesse [INAUDIVEL] eu acho que muita ajuda.

Dailza – Ajuda?

Aline – É.

Dailza – Ajuda em que sentido?

Aline – Ah, quando as tia pede minha ajuda, eu ajudo. [INAUDIVEL] igual agora, ninguém pediu minha ajuda e eu to ajudando.

Ao trazer ajuda para o abrigo, Aline se configura como uma espécie de força-tarefa. As tias são as que pedem ajuda, mas a ajuda não está apenas condicionada ao pedido, pode ser espontânea. Aline se reconhece como alguém que oferece algo para o abrigo, no caso ajuda.

No momento da entrevista, Aline também aparece como alguém que ajuda (“igual agora”).

Dailza – O que você menos gosta?

Bianca – O que eu menos gosto?... Quando tem escala, porque é muito chato.

Dailza – Como que é a escala?

Bianca – É a ajudante do dia, cada dia é uma pessoa que ajuda na... ajuda, tipo a tia na limpeza... Não adianta você vir e limpar e as crianças vim e sujar. É o que eu menos gosto daqui. Tipo, eu arrumo o quarto, daqui uma hora tá tudo sujo. É essa parte que eu não gosto.

Dailza – Por que suja tão rápido?

Bianca – Aqui as meninas são muito bagunceiras, sabe, roupa pro chão, bala, pirulito, salgadinho...

Dailza – E aí, o que você faz?

Bianca – Ah, deixo quieto, não falo mais nada, se falar as meninas vem reclamar...

Dailza – E aí?

Bianca – Aí você fala “tá bom”, aí chama todo mundo pra arrumar.

A escala é um momento em que o adolescente ocupa um lugar em que parece nadar contra a corrente, sendo a sujeira e a bagunça duas constantes, de forma que o esforço de limpeza é vão, apesar de insistente.

São as “crianças” e as “meninas” que atrapalham o trabalho da “tia” e de sua “ajudante”. Nota-se que o “ajudante” tem um lugar institucional indefinido, na medida em que não se associa completamente a um grupo, nem ao outro.

Dailza – Quem faz a “escala”?

Mariana – Ah, as tias vê, sabe? Tipo, de sexta eu num fico de manhã em casa e a tarde eu vou pra escola, num tem como eu fazer a escala de manhã. Aí elas não me colocam nesse dia, entendeu?

A elaboração da escala marca a coerência do olhar das “tias”, que aparecem como administradoras do cotidiano. Os dias da semana têm status de lugar e as pessoas, de objeto, sendo colocadas em um ou outro dia.

A ajuda na fala das adolescentes aparece como algo muito presente no cotidiano como um regulador das atividades, ora por disposição própria, ora por imposição (“escala”).

6.3 A família no discurso

Neste momento, definiremos quais as cenas que a análise construiu, envolvendo a figura e os personagens referentes às famílias, bem como quais os lugares estes parecem ocupar no cotidiano do abrigo e dos entrevistados.

Dailza – Por que você foi abrigada?

Gabriela – Porque minha mãe não teve condições de ficar comigo e com as minhas irmãs.

Dailza - Você tem contato com a sua mãe?

Gabriela – Já tive, agora não.

Dailza – Quer falar mais alguma coisa?

Gabriela – ...

O abrigo aparece como solução para a falta de “condições de ficar” da família. Ir para um abrigo constitui uma falta de opção frente à impossibilidade não especificada atribuída à figura da mãe.

Dailza – E o que você pensa... Que as pessoas que moram em abrigo...? O que elas têm em comum?

Gabriela – Ah, eu num penso nada, porque eles também são de abrigo, né? Mas alguns têm mãe, tem pai que vai visitar, que nem eu, eu tenho minha irmã e ela vem me visitar.

Há um jogo entre “ser de abrigo” e “ter família”, configurada pela adversativa “mas”. No entanto, esta é justamente a característica em comum que Gabriela delinea: “ter” família e “vir” visitar, produzindo uma confusão entre o que é comum e o que a diferencia dos demais. A família é colocada como uma posse, algo exterior ao abrigo, sendo que o contato é traduzido como visita.

Dailza – O que você mais gosta de fazer?

Ricardo – Ficar com a minha família aqui no abrigo.

Dailza – Você tem algum familiar aqui no abrigo?

Ricardo – Tenho. Minha irmã e minha sobrinha.

Dailza – Mais novas ou mais velhas?

Ricardo – Tenho uma irmã que tem 12 e uma sobrinha que tem quatro.

Dailza – O que você menos gosta de fazer?

Ricardo – Quando minha sobrinha tá doente, eu não gosto de fazer nada.

Dailza – Tem alguma situação que você lembre de quando sua sobrinha ficou doente?

Ricardo – Tem.

Dailza – Como foi?

Ricardo – Eu num fiz nada, não joguei bola, num fiz nada.

Dailza – Por que?

Ricardo – Preocupado.

O abrigo é descrito como a possibilidade de “ficar com a família”. O que mais gosta e o que menos gosta se relacionam à família, no abrigo a família define completamente as ações (ou não-ações) de Ricardo, como se este fizesse parte de uma espécie de bloco-família, ou melhor, como no desenho de um sujeito-siamês.

Dailza – O que é mais difícil de morar num abrigo?

Caio – É ficar longe dos pais.

Dailza – Você tem algum contato com seus pais?

Caio – Eu num tenho pai, meu pai é falecido e minha mãe é foragida da justiça.

Dailza – Você num tem nem ideia de onde ela esteja?

Caio – Meu pai já faleceu, minha mãe não.

O abrigo marca uma distância com a família, ainda que seja de uma pessoa que não se “tem”. Ao ser questionado sobre o paradeiro da mãe, Caio menciona a morte do pai. Mesmo quando não há pai e mãe, estes lugares permanecem, o abrigo não os substitui.

Dailza – Você tem algo parecido com os outros adolescentes que moram aqui?

Bianca – Não.

Dailza – E algo diferente?

Bianca – (balança a cabeça negativamente)

Dailza – O que você trouxe de fora pra cá?

Bianca – A maioria das pessoas que moram aqui foi que não deu valor à mãe, essas coisas... fugia da mãe, dava trabalho... agora eu já era diferente, já era o contrário, ficava o dia todo com a minha mãe e ela sempre ficava saindo, essas coisas... né? Daí eu tava junto... aí eu vim pra aqui, porque eu via... quer dizer, eu tive minha mãe, eu dei valor pra minha mãe, minha mãe num deu valor em mim. Agora as pessoas daqui foi ao contrário, não deu valor pra mãe, entendeu? A mãe ficava lá sonhando e os filhos aprontando... essa é a diferença.

Dailza – O que é aprontando?

Bianca – Ah, saindo pra balada escondido, batendo na mãe ou no pai, tia... assim, da família.

A relação mãe-filho é abastecida pelo “valor” e não pode se sustentar sem este combustível mútuo. Além disso, mãe-filho se caracteriza pelo descompasso e pela falta de reciprocidade que levam ao abrigo. Assim, o abrigo aparece como um lugar possível, uma conseqüência ou uma maneira de remediar a “falta de valor” de um lado ou de outro. Sendo que o jovem acolhido institucionalmente é aquele que ou não recebeu ou não deu o valor que deveria, conforme o caso, alguém em crédito ou em débito.

Dailza – O que você trouxe de fora pra cá?

Ricardo – Muitas lembranças.

Dailza – Que tipo?

Ricardo – Quando eu ficava na rua, quando eu saia pra pedir dinheiro.

Dailza – Como era?

Ricardo – Era chato.

Dailza – O que você vai levar daqui quando sair?

Ricardo – Muitas lembranças e minha família.

Dailza – Como assim?

Ricardo – Minha sobrinha e minha irmã.

A permanência no abrigo acrescenta elementos ao que Ricardo leva consigo: antes do abrigo, “muitas lembranças”; depois, “muitas lembranças e minha família”. Operando-se uma espécie de resgate da família.

Dailza – E um dia que você lembre como um dia ruim?

Caio – Ah, foi quando minha mãe foi presa.

Dailza – Como foi?

Caio – Assim, minha mãe ela ia visitar o namorado na cadeia que ela arrumou, aí na sexta feira, chegou uma sexta feira que ela foi, aí ficou eu e meus irmãos em casa, até o meu irmão de 18 anos, tinha na época uns 17, por aí... aí a gente tava dormindo na sala, aí era sábado, meu tio foi lá na porta, bateu, ele perguntou a notícia, falei “o que foi?”, ele falou assim “sua mãe foi presa”, aí todo mundo começou a chorar, aquela correria, saber onde ela ta... aí no mesmo dia, deixaram ela ligar pra gente, a gente falamos com ela no telefone, aí nós não vimos mais ela. Assim, eu fui o único que vi ela mais, porque quando eu tava no outro abrigo deixaram eu ir visitar ela uma vez na penitenciária.

(...)

Dailza – Agora ela num ta mais na penitenciária?

Caio – Não, ela foi transferida pra outro lugar e de lá ela pediu uma licença pra sair, aí num quis voltar, agora ninguém sabe onde ela está.

O dia ruim remete à casa, à mãe, à eminência do acolhimento institucional, mediados pela separação/desamparo. Na penitenciária, a mãe precisa de autorização para ligar para os filhos. No abrigo, Caio precisa de autorização para visitar a mãe. Chama a atenção o fato da relação mãe-filho ser mediada/autorizada pelas instituições que se pareiam em relação ao procedimento de conceder ou não “autorização” para o contato.

Na segunda cena, em um primeiro momento a mãe de Caio aparece como um objeto mudado de lugar, em seguida, pede licença e por último desaparece.

Dailza – Você tem contato com a sua mãe?

Aline – Tenho, de vez em nunca.

Dailza – De vez em nunca? Como que é esse contato?

Aline – Ah, quando ela liga aqui ela fala assim como é que eu to, ela pergunta se... O dia que ela pode vir aqui ela fala assim se eu fui no fórum, eu falo pra ela que ainda não... Aí ela mora com a minha tia, ela manda recado pela minha tia me dá.

A mãe figura como uma presença-ausente. A mãe pergunta, Aline responde. A mãe manda recado, Aline recebe. Existe uma mãe, mas...

Dailza – Você tem amigos aqui?

Juliana – Amigos? Só minhas irmãs.

Dailza – Você tem quantas irmãs?

Juliana – Duas. A Maria e a Renata.

Dailza – Mais novas?

Juliana – Aham.

Dailza – Quantos anos elas têm?

Juliana – A Maria tem 15 e a Renata tem 14, vai fazer 14.

Dailza – Como é sua relação com elas?

Juliana – Ótima. Às vezes tem umas briguinhas, mas é normal, né? Mas é bem bacana nossa relação.

A relação de amizade se restringe às figuras de parentesco, às irmãs. Nestas relações as “briguinhas” parecem marcar a normalidade, ainda que pela adversativa.

Dailza – Tem irmãos?

Daniela – Tenho.

Dailza – Estão aqui?

Daniela – Só tenho um aqui.

Dailza – Quantos anos ele tem?

Daniela – oito.

Dailza – Como é sua relação com ele?

Daniela – É meio complicado.

Dailza – Como assim?

Daniela – Ele não se dá muito bem comigo não.

Dailza – Você sabe por quê?

Daniela – Num sei...

Dailza – O que vocês gostam de fazer juntos? Tem alguma coisa?

Daniela – (faz sinal negativo com a cabeça).

A relação com a família é marcada pelas inexplicáveis desavenças.

Dailza – Me dá um exemplo de alguma coisa que você gostaria de fazer e você não pôde.

Juliana – Ah, num sei... Eu acho que eu gosto de ser bem livre, sabe? Eu num gosto de pedir permissão pra fazer as coisas. Eu acho que as pessoas nas suas... numa casa comum, assim, não têm toda essa regalia igual tem aqui.

Dailza – Regalia?

Juliana – É, tipo regras, sei lá... tem que pedir pra sair toda hora, sabe? Quando eu to na casa da minha mãe num é assim, eu falo “mãe, vou ali” e já... aí num tem horário pra voltar, sabe? Fala “ó, que horas você vai voltar?”, “tal hora”, “ta bom, então”. Aqui não, aqui às vezes elas deixa, é muito difícil elas deixarem, tipo...

A mãe aparece como uma figura que não controla, à mãe se informa, às “educadoras” se pede. A mãe não tem um caráter de interdição, como o “aqui” (abrigo) parece ter.

Dailza – Daqui a dois meses, nós estamos em outubro, em dezembro, como você imagina que vai ser, como você vai estar?

Juliana – Eu imagino bastante festas. Festa, sabe? Curtição. Final de ano. Porque é final do ano, o ano inteiro é estudar, trabalhar, essas coisas... um mês de curtição.

Dailza – E se você imaginar daqui a dois anos.

Juliana – Daqui a dois anos?

Dailza – É. Como você se imagina?

Juliana – Daqui a dois anos eu me imagino trabalhando, com a minha casa, sabe? Não com a minha casa, minha casa que eu comprei... Minha casa tipo alugada, sabe? Com as minhas irmãs.

Dailza – Me conta um dia que tenha sido ruim?

(...)

Ricardo – Hoje mesmo.

Dailza – Como foi?

Ricardo – Foi ruim, num tinha ninguém na casa, só ficou eu, chamei alguém pra jogar bola e ninguém quis.

Encadeia-se “curtição, festa, fim de ano” aparecendo como antagônicos diretos de trabalho e estudo. Durante as entrevistas, algumas vezes o abrigo aparece como casa, no entanto, não é acompanhado de pronome possessivo. Além disso, o “minha casa” se associa às irmãs e ao trabalhar, neste sentido, ao fora do abrigo. O que é próprio, com exceção das irmãs, é exterior ao abrigo.

Para finalizar este tema, gostaríamos de incluir brevemente o lugar e as expectativas que a adoção parece ocupar neste contexto da instituição-abrigo.

Dailza – Por que ela te levou? [referente a uma viagem propiciada por uma “voluntária”]

Mariana – Ah, sei lá... na verdade foi assim, o filho dela namorou minha irmã, minha irmã é a Daiane. Aí minha irmã falou que ia me apresentar, aí minha irmã me apresentou, aí a Débora gostou muito de mim. Aí me levou lá, aí ela disse que ia me adotar. Aí eu fiquei oito anos, sete anos com ela.

Dailza – Sete anos? Ou sete meses?

Mariana – É. Sete meses com ela. Foi bastante. Aí nós fomos no juiz, aí ele falou que eu só podia ficar com ela se tivesse um quarto só pra mim e ela tinha um filho de 17 anos, mas o quarto era enorme. Aí ela falou que num podia, aí eu voltei pro abrigo.

Dailza – E como você ficou com essa história?

Mariana – Ah, eu entendi.

Dailza – Você ainda encontra a Débora?

Mariana – Encontro. Eu vou na casa dela, durmo, ela vem aqui.

Aparece uma linha quase natural entre: ser apresentada a alguém – o alguém gostar – o alguém querer adotar, de modo que no caminho da possível adoção não há lugar para as vontades ou gostos de Mariana. Neste momento é possível criarmos a metáfora de um sujeito-produto, de um abrigo-vitrine e de um voluntário-adoptante-consumidor. O juiz aparece como quem impõe as condições e decide. Nesta cena, o juiz fala, a adotante fala e Mariana não tem voz, apenas cumpre/“entende” sua sentença.

Dailza – Você falou das suas irmãs, né? Tem a Ingrid que saiu daqui e está com a sua tia... você tem outras irmãs?

Mariana – Tem. A Patrícia que já é casada, tem filhos. A Natália que tem dois filhos e é casada também. A Aline que tem um filho, é separada. Só. E a Laura que é adotada. Ela vem todos os dias aqui.

Dailza – Ela foi adotada?

Mariana – Por uma educadora. Ela faz... tudo o que a gente faz, ela faz. Ela faz teatro...

Dailza – Vocês têm bastante contato?

Mariana – Aham.

Dailza – Ela é mais nova?

Mariana – É. Tem 12 anos.

As três primeiras irmãs se definem pelo estado civil e pelos filhos (pela constituição das próprias famílias). O “só” marca uma fronteira entre as três

primeiras e Laura, a adoção parece excluir a filiação imediata. O “adotada” é uma característica de Laura.

6.4 O futuro e os sonhos

O roteiro que construímos para as entrevistas continha algumas perguntas ou temas fundamentais, um destes focos de investigação era justamente entender como é possível relacionar subjetividade, instituição-abrigo, futuro e sonhos.

Dailza – O que é mais fácil de morar num abrigo?

Bruno – Nada. Pra mim nada. É importante eu tando aqui, melhorar minha vida.

Dailza – Como você vai melhorar sua vida?

Bruno – Aqui eles coloca nós no trabalho e... depois que nós faz 18 anos, aí cada um vai pro seu outro lugar, num vai ter mais ninguém pra... é... pedir pra você fazer as coisas, alguém na sua... é, cuidando de você. Você vai ta cuidando de você mesmo, você já vai ta velho, mais velho.

Dailza – Qual vai ser o seu lugar quando você tiver 18 anos?

Bruno – Ter minha casa.

Dailza – Como você imagina isso?

Bruno – Minha casa é grande, um carro gran... um carrão, minha filha e minha esposa.

Dailza – Qual é o seu sonho?

Bruno – Meu sonho é ser jogador de futebol.

Dailza – Qual é o seu sonho?

Caio – Meu sonho? Meu sonho... ó, meu sonho ou é ser jogador de futebol ou ser profissional em montagem e manutenção de computador e câmera, quero me tornar um profissional.

Dailza – Qual é o seu sonho?

Juliana – Meu sonho? Quando eu vou pra cama e durmo, aí eu tenho sonho. (risos)

Dailza – E que sonhos você geralmente tem?

Juliana – Meu sonho, assim, meu sonho é sair desse abrigo, ter minha casa, meu trabalho...

Dailza – Você quer trabalhar com o que?

Juliana – Ah, no momento... [INAUDÍVEL] trabalhar “de sonho”, assim, é ser... eu quero fazer faculdade de artes cênicas.

Dailza – Tá. Qual é o seu sonho?

Daniela – Ser... advogada.

O futuro remete ao “ter” (lugar, casa, família) e o sonho se relaciona a uma profissão que define o “ser”. Em um primeiro momento, Juliana brinca com a pergunta usando seu duplo sentido, lançando uma espécie de desafio à entrevistadora, propondo um novo jogo: a possibilidade do sonho é o dormir, sendo apenas uma realidade onírica. No entanto, na sequência volta ao sentido anterior e desta vez parece trazer uma resposta pronta, “correta”. O sonho traz pronomes possessivos e o verbo “ter”. A possibilidade de “ser” está relacionado a “trabalho” no discurso.

Dailza – Você imagina algum lugar que você gostaria de trabalhar?

Aline – Aham.

Dailza – Que lugar?

Aline – Ou no... Ou trabalhar de médica, ou de... Como que é? De... Eu acho que só de médica.

Dailza – De médica?

Aline – Ou eu trabalho no abrigo.

Dailza – No abrigo?

Aline – É.

Dailza – Sendo o que no abrigo?

Aline – Educadora. Cuida de criança.

Na cena que se monta existe uma diferença entre “trabalhar de” e “trabalho no”. A primeira se relaciona a uma função/profissão específica (médica), já a segunda trata-se de uma função inespecífica atrelada a um lugar (abrigo). Sobre o verbo trabalhar, no primeiro caso está no infinitivo, no segundo está conjugado no presente e em primeira pessoa, trazendo mais materialidade à situação “trabalho no abrigo”.

Dailza – O que você acha que vai acontecer daqui a dois meses. Imagina, como você acha que vai estar?

Bruno – Vo ta grande, vou ta um pouco grande... vo ta... saindo mais, porque até lá eles vão esquecer, eles vão deixar nós sair, eles num vão deixar nós preso, porque se eles deixar nós preso, nós vamo ficar mais nervoso com a casa... querer fugir... aí nós vai começar a... aí depois vai ser melhor pra eles porque ninguém vai ficar pra cuidar de nós, aí até chegar outras pessoas... vai ser mó...

Dailza – E daqui a dois anos, como você se imagina?

Bruno – Ah?

Dailza – Daqui a dois anos...

Bruno – ...

Dailza – E se eu falar dez anos?

Bruno – Aí eu vou ta um pouco mais velho.

Dailza – O que você vai estar fazendo?

Bruno – Eu vou ta com a minha mulher, com a minha filha... só.

A resposta para um curto prazo (dois meses) é imediata, para médio prazo (dois anos) não existe e para longo (dez anos) reaparece a questão do crescimento, agora como envelhecimento. Além disso, enquanto em curto prazo a resposta é dada como coletivo (“nóis”), em longo prazo aparece o “eu” e a possibilidade da formação de uma família.

Dailza – Quais são os seus planos, como você se imagina daqui a dois meses?

Caio – Daqui a dois meses?

Dailza – O que você vai estar fazendo?

Caio – Ah, se deus quiser trabalhando...

Dailza – Continuar ou trabalhando em outro lugar?

Caio – Não. Continuar trabalhando, continuar trabalhando... aí vamos supor, a pergunta quer dizer o que eu vou... o que você acha que vai acontecer daqui a dois meses?

Dailza – É.

Caio – Ah, pretendo também ter uma bicicleta, uma bicicleta pra mim.

Dailza – E daqui a dois anos?

Caio – Daqui a dois anos? Num sei.

Dailza – Então... daqui a dez anos?

Caio – Ah, daqui a dez anos eu vou tá... daqui a dez anos dá pra imaginar... daqui a dez anos eu quero... vamos supor, quero começar agora a ter uma poupança no banco, quero juntar todo o dinheiro que eu ganho, juntando pra quando eu sair daqui, fizer 18 anos, eu comprar uma casa, comprar uma casa quero ter, dar um tempo, tentar tirar meus irmãos do abrigo, tirar meus irmãos do abrigo e vim morar com eles.

Dailza – Você tem algum sonho?

Gabriela – Ah, meu sonho é poder sair do abrigo, quando eu sair do abrigo poder fazer alguma coisa, né? Tipo, eu trabalho, aí depois eu chego, cuido da casa... ter filhos.

Na entrevista com Caio é possível planejar/imaginar em curto (dois meses) e longo (dez anos) prazos, enquanto o futuro em médio prazo é mais uma vez indefinido. Em dois meses, continua-se no abrigo, no trabalho e se adquire algo (uma bicicleta); além disso, a vontade/decisão vem de fora, do querer divino. Em dez anos, já fez 18 e imagina comprar uma casa. Para Gabriela o sonho se relaciona ao sair do abrigo e remete à vida adulta.

Dailza – Qual é seu sonho?

Mariana – O meu sonho é sair daqui do abrigo, terminar os estudos, fazer minha faculdade de medicina e... fazer minha casa. É... levar minhas... ajudar minha família e... eu gosto muito de animais. Quero ser veterinária.

Dailza – Qual é seu sonho?

Ricardo – Meu sonho é sair desse abrigo com minha família, ter uma boa casa, um bom emprego e um bom carro.

Dailza – No que você gostaria de trabalhar?

Ricardo – De empresário.

Dailza – Em que ramo?

Ricardo – Sei lá... de banco.

O sonho tem relação com o sair do abrigo. É a possibilidade de articular o fazer, o ser, o gostar, a profissão... Se refere a construção concreta de um outro lugar para si (“fazer minha casa”, “ter uma boa casa”).

A seguir pontuaremos de que forma a maioria (18 anos) marca a desinstitucionalização e também a liberdade e autonomia.

Dailza – Quais são seus planos? O que você acha que vai estar acontecendo daqui a dois meses?

Mariana – Ah, sei lá...

Dailza – E daqui a dois anos?

Mariana – dois anos? Eu vou estar mocinha... ah, não sei o que mais.

Dailza – E daqui a dez anos?

Mariana – Eu vou tá nas baladas já.

Dailza – Nas baladas? Você gosta de baladas?

Mariana – Gosto.

Dailza – O que faz numa balada?

Mariana – Ah, você dança. Põe roupa de sair... eu já vou tá de maior, num vou precisar ficar pedindo autorização...

O plano em curto prazo fica sem resposta. Em médio prazo se relaciona ao amadurecimento do corpo. E, em longo prazo, aparece a maioria como um estado, suprimindo a necessidade da autorização dos outros.

Dailza – Qual que é seu sonho?

Aline – Meu sonho? É quando eu fizer meu 18 ano tirar minha irmã daqui. E ter minha própria casa.

Dailza – Quantos anos de diferença da sua irmã?

Aline – Quantos anos? Minha irmã tem seis eu tenho 16.

Dailza – Dez anos...

Aline – Aham.

O sonho se relaciona à maioridade como marco para a saída do abrigo. A possibilidade da “minha casa” está fora da instituição.

Dailza – O que é mais fácil de morar num abrigo?

Bruno – Nada. Pra mim nada. É importante eu tando aqui, melhorar minha vida.

Dailza – Como você vai melhorar sua vida?

Bruno – Aqui eles coloca nós no trabalho e... depois que nós faz 18 anos, aí cada um vai pro seu outro lugar, num vai ter mais ninguém pra... é... pedir pra você fazer as coisas, alguém na sua... é, cuidando de você. Você vai ta cuidando de você mesmo, você já vai ta velho, mais velho.

Dailza – Qual vai ser o seu lugar quando você tiver 18 anos?

Bruno – Ter minha casa.

Dailza – Como você imagina isso?

Bruno – Minha casa é grande, um carro gran... um carrão, minha filha e minha esposa.

Os “18 anos” operam uma discriminação entre todos (“nóis”) e um (“cada um”), trazendo singularidade para o discurso. Assim, a maioridade pontua deslocamentos importantes de “alguém pede”, “alguém coloca”, “alguém na sua”, “alguém cuida” para “você já vai ta velho”, “você vai ta cuidando de você”. Por fim, é marcada pelo “cada um vai pro seu outro lugar”, relacionado à casa que vem precedida pelo pronome “minha” e caracterizada por sua grandeza. Ainda assim, é possível dizer a partir do trecho “pro seu outro lugar” que no presente há um lugar, no caso, o abrigo.

Dailza – Você é o mais velho?

Ricardo – Não, sou o terceiro.

Dailza – Quem é o mais velho?

Ricardo – É a Léia, aí tem a Léia de 19, o Tiago de 18, um de 14, tem a minha irmã de 12 e tem minha sobrinha de quatro.

A possibilidade de nome próprio se relaciona com a maioridade, de forma que os únicos nomeados são Léia e Tiago (19 e 18 anos respectivamente), já os outros ficam indefinidos.

Em outras ocasiões notamos o estabelecimento de relações singulares com o conceito de “tempo”.

Dailza – Qual é seu sonho?
 Bianca – ...
 Dailza – Daqui a dois meses, como você acha que vai ser?
 Bianca – ...
 Dailza – Dois anos?
 Bianca – ... não
 Dailza – Dez anos?
 Bianca – Também não (risos).

Nesta entrevista, desenha-se uma personagem que não fala dos sonhos, na impossibilidade de realizar projeções futuras.

Dailza – E qual que é o seu plano pra daqui a dois meses, como vai ser daqui a dois meses?
 Daniela – [INAUDÍVEL], fazer minha faculdade, ter minha casinha e só.
 Dailza – E quais são seus planos, como você vai estar daqui a dois anos?
 Daniela – ...bem melhor do que hoje.
 Dailza – Você tem alguma ideia assim... consegue se imaginar?
 Daniela – Não.
 Dailza – Como bem melhor, dá um exemplo, assim, uma coisa que vai estar melhor?
 Daniela – Ah, tudo, né?
 Dailza – E daqui a dez anos?
 Daniela – Nossa! Daqui dez anos? Não sei se vou estar viva até lá.
 Dailza – Não?
 Daniela – Não.

Para Daniela, dois meses significam “fazer faculdade” e “ter minha casinha”, dois anos aparece indefinido, mas como possibilidade de “estar melhor” em relação ao presente. E, por último, dez anos anunciam a possibilidade de morte. Parece-nos que as referências temporais de Daniela são diferentes, como se o tempo passasse muito lento e dois meses pudessem significar a faculdade e a casa própria, enquanto dez anos trouxessem a questão da finitude. Para nós é possível supor como característica deste sujeito que ora se delinea, sua extemporaneidade, ou melhor, uma relação idiossincrática com o tempo cronológico.

Dailza – Por que ela te levou? [referente a uma viagem propiciada por uma “voluntária”]

Mariana – Ah, sei lá... na verdade foi assim, o filho dela namorou minha irmã, minha irmã é a Daiane. Aí minha irmã falou que ia me apresentar, aí minha irmã me apresentou, aí a Débora gostou muito de mim. Aí me levou lá, aí ela disse que ia me adotar. Aí eu fiquei oito anos, sete anos com ela.

Dailza – sete anos? Ou sete meses?

Mariana – É. Sete meses com ela. Foi bastante. Aí nós fomos no juiz, aí ele falou que eu só podia ficar com ela se tivesse um quarto só pra mim e ela tinha um filho de 17 anos, mas o quarto era enorme. Aí ela falou que num podia, aí eu voltei pro abrigo.

Dailza – E como você ficou com essa história?

Mariana – Ah, eu entendi.

Dailza – Você ainda encontra a Débora?

Mariana – Encontro. Eu vou na casa dela, durmo, ela vem aqui.

A noção de tempo é confusa, quase como se não houvesse diferença entre anos e meses, uma vez que “foi bastante”.

Percebemos nas entrevistas que, em geral, o futuro e os sonhos fundem-se na expectativa de uma vida idealizada e comum, como dos comerciais de TV,¹⁷ fora do abrigo, portanto – a casa, o trabalho e os filhos aparecem como os principais pilares desta construção. Queremos ressaltar o fato de, ao sair do abrigo, desenhar-se a possibilidade do lugar próprio “minha casa” e também de deslocarem-se do lugar de “filhos” para o de “pais”. Outro ponto se refere às formas peculiares da relação sujeito-tempo.

6.5 Movimento, tédio e solidão

Este tema se refere às cenas marcadas pelo movimentar-se constante e também por meio da caracterização paradoxal do abrigo no fazer e no tédio. Além disso, gostaríamos de marcar os personagens destas cenas no que aparentam ser vivências de solidão. Inicialmente discutiremos as cenas marcadas pelo movimento.

¹⁷ Referimo-nos ao modelo publicitário bastante comum em que a família mostrada é composta por pai, mãe e filhos, economicamente abastados, brancos, bem-humorados, etc.

Dailza – Eu queria que você me contasse um dia seu. Como geralmente é?

Matheus – Bagunçado.

Dailza – Bagunçado? Por que?

Matheus – Porque... sou agitado, tem muitas coisas pra fazer...

Dailza – Vamos lá... Você acordou. Que horas você acorda?

Matheus – Às vezes nove horas, dez...

Dailza – E aí você acorda...

Matheus – Banheiro, escovo os dentes, depois eu desço, ligo a televisão e assisto, aí depois tomo café, aí fim de semana eu saio, vou pro SESC, aí eu volto, almoço, aí... Vou na escala...

Dailza – Vai na escala... Que escala?

Matheus – A escala pra fazer as tarefas.

Dailza – E você vai pra escola? Que horas você vai pra escola?

Matheus – À tarde.

Dailza – Que série você tá?

Matheus – Sexta.

Dailza – Você disse que gosta de ir pro SESC, né? O que você faz lá?

Matheus – Mexo no computador, às vezes jogo bola, fico andando...

A primeira palavra que descreve o dia de Matheus é “bagunçado”, seguido de duas justificativas: uma interna (“sou agitado”) e outra externa (“tem muitas coisas para fazer”), estas duas explicações implicam-se, ou seja, é impossível discernir se as “coisas para fazer” agitam Matheus ou se a agitação de Matheus produz “coisas para fazer”.

Trata-se de um dia cheio, o garoto não pára, vai de uma atividade a outra quase que mecanicamente, de modo que está sempre fazendo alguma coisa. A rotina tem um automatismo, diferentes atividades aparecem encadeadas: higiene, alimentação, lazer, organização da casa... Matheus fala sobre o dia em primeira pessoa e não aparecem outras pessoas, além dele em suas descrições.

Dailza – Queria que você me contasse um dia.

Caio – Um dia? Como assim?

Dailza – Um dia seu.

Caio – O que eu faço num dia? Ah, eu trabalho, né? To trabalhando, daí hoje eu num fui por causa da condução, eu passo o dia inteiro fora, eu saio as oito, oito horas daqui, chego lá dez horas e saio quatro de lá e venho pro abrigo.

Dailza – O que você faz quando chega?

Caio – Aqui? Eu estudava, não to estudando mais, eu parei de estudar faz... semana passada. Eu chegava, tomava banho e ia pra escola à noite. Mas aí eu num gostei de lá, porque... muito corrido, tinha que acordar mais cedo ainda, chegava quase

meia noite em casa, aí a tia falou que vai ver se ela põe eu em outro lugar de manhã.

O relato do dia é marcado pelo fazer e pelos verbos de movimento (ir, passar, sair, chegar, vir); é como se Caio estivesse sempre em movimento de um lado para o outro. Ainda neste sentido, o dia se divide em “lá fora” e “aqui”. Surge o aspecto da “condução”, algo externo que possibilita e define o movimento de Caio, como numa dança a dois. Porém, este segundo personagem permanece oculto.

Dailza – Como é [o dia]?

Bianca – É levantar, escovar o dente, tomar café, organizar nossa cama, nosso guarda-roupa... tipo na semana não dá pra mexer [no computador], porque eu acordo essa hora, ajudo a tia, vou tomar banho agora e saio pra ir pra escola. Aí eu volto só umas oito horas, sete... a hora que eu chego, eu tomo banho, janto e peço pra tia.

Dailza – Você lembra um dia que tenha sido bom? Que você tenha gostado?

Mariana – Um dia que tenha sido bom, que eu tenha gostado? Foi um dia que veio minha família aqui, no dia do meu aniversário.

Dailza – Como foi?

Mariana – Ah, foi legal. Acho que eu tava fazendo sete anos.

Dailza – Conta aí o que você lembra.

Mariana – Ah, eu num lembro não. [INAUDÍVEL] teve aqui, me ajudou. Ficamos aqui dentro, ficamos na sala, aí depois nós viemos aqui pra fora, ficamos brincando...

O dia de Bianca se caracteriza por dois lugares: o abrigo e a escola, sendo desenhado a partir do movimento de ir e voltar, como um pêndulo. Ainda nesse sentido, e considerando o extrato da entrevista com Mariana, atentamos para a força dos espaços para definir as ações e caracterizar pessoas, como se viu anteriormente. As adolescentes estão sempre “indo” de um lugar a outro, apesar da constância do verbo “ficar”, não parecem ter muita parada.

Dailza – Me conta um dia seu, como geralmente é?

Daniela – ...hmm... como é a pergunta?

Dailza – Como é geralmente seu dia?

Daniela – Ah, é legal. De manhã eu fico [INAUDÍVEL], aí a tarde, mais ou menos meio-dia eu se arrumo e vou pra escola, saio seis e meia...

Dailza – E depois?

Daniela – Depois chego em casa, se tiver lição eu faço, aí escala eu faço e depois mexo no computador...

Em relação ao dia de Daniela, ele se divide em manhã e tarde, ficar e ir – caracterizando-se espaço-temporalmente. Além disso, são muitos os verbos de movimento na descrição do dia (“fico”, “vou”, “saio”, “chego”), expondo alguém em constante movimento. Não aparecem outras pessoas no dia de Daniela. Pontuamos que tal movimento aparece como um passar por lugares sem descrição da atividade ou aparente atribuição de sentido.

Dailza – O que você menos gosta de fazer?

Mariana – Como assim?

Dailza – Você falou o que mais gosta, né? Conhecer lugares...

Mariana – O que eu menos gosto de fazer? ...repetir muito o mesmo lugar, eu num gosto.

Dailza – Tem um lugar que você num agüenta mais ir?

Mariana – Deixa eu ver... acho que... cinema. Eu vou muito pro cinema, eu gosto de repetir quando é um filme que eu gosto, sabe?

Dailza – Teve alguma vez que você foi sem estar a fim?

Mariana – Teve um domingo, que teve que todo mundo ir da casa, eu não tava assim, sabe? muito a fim... só pra se divertir, aí eu fui.

Tanto o “gostar” quanto o “não gostar” se referem à ação de ir a lugares, marcando um sujeito-transeunte e o “ir” como obrigação.

Dailza – Como você gosta de se divertir?

Caio – Aqui dentro?

Dailza – Tanto faz.

Caio – Ah, a gente gosta de jogar vídeo game, que às vezes tem educador que trás pra gente jogar vídeo game e jogar bola, a gente vai pro clube aqui embaixo jogar bola, a gente vai pra piscina, a gente vai pro telecentro jogar...

O abrigo é, de alguma forma, sinônimo de acesso (clube, piscina, telecentro). Delineia-se um personagem que vai, vai, vai e não volta.

Dailza – Queria que você me contasse um dia seu, como que é geralmente?

Gabriela – um dia meu?

Dailza – É.

Gabriela – ...

Dailza – Você acorda...

Gabriela – É, eu acordo, tomo café, aí fico na sala, aí faço as minhas atividades na casa, depois eu fico na sala de TV ou saio, depois volto, aí depois eu tomo um banho e vou pra escola.

Dailza – Em que série você ta?

Gabriela – Oi?

Dailza – Em que série você ta?

Gabriela – No supletivo.

Dailza – E quando você volta da escola?

Gabriela – Quando eu volto? Daí eu janto e vou dormir.

Na descrição da rotina não aparecem outras pessoas, apenas Gabriela que acorda, toma café, fica, faz, sai, volta e vai. Chama a atenção a quantidade de verbos de movimento na descrição do dia, o que dá a impressão que a menina está sempre de passagem. As ações ou os espaços não parecem imprimir, na descrição do dia, efeitos sobre a entrevistada.

Dailza – O que é escala?

Daniela – Escala é varrer, assim, o quarto, passar pano [INAUDÍVEL]

Dailza – Sempre tem escala?

Daniela – Todo mundo faz, até os pequenos.

Dailza – O que você mais gosta de fazer na escala?

Daniela – É... varrer.

Dailza – O que você menos gosta?

Daniela – Passar pano, todo mundo fica passando...

A primeira incidência de outras pessoas no discurso se refere à “escala”, uma obrigação, algo que “todo mundo faz”. Ao mesmo tempo as outras crianças e adolescentes dividem com Daniela o fazer e são os que atrapalham por sua movimentação constante. Monta-se a cena de um lugar em que a situação da limpeza do chão é uma espécie de luta pelo direito de “passar”.

Os trechos a seguir remetem à construção discursiva de um lugar onde predomina o “fazer nada”, produzindo uma gente entediada.

Dailza – Qual que é a melhor hora do seu dia?

Gabriela – A melhor? ... Ah, o dia num tem melhor não.

Dailza – E a pior?

Gabriela – A pior? É de domingo.

Dailza – O que acontece?

Gabriela – Eu num gosto de domingo, é ruim.

Dailza – O que tem aqui no domingo, me conta um domingo.

Gabriela – Ah, às vezes num tem quase nada pra fazer.

Dailza – O que vocês fazem quando num tem nada pra fazer?

Gabriela – Ah, fica na casa ou sai pro clube mesmo.

Dailza – E um dia que você lembra que tenha sido ruim?

Juliana – Aqui, um dia ruim? Quase todos os dias.

Dailza – Me conta um.

Juliana – Hoje, eu acho ruim.

Dailza – O que você fez hoje?

Juliana – Nada, por isso. Você num pode fazer nada, muita regra. Quase todo dia pra mim é ruim, porque eu num gosto de muita regra, trancado, sabe?

Não existe melhor hora, existe pior dia. O pior é qualificado pela ausência do que “fazer”, produzindo uma cena marcada pelo ócio, aparentemente nada criativo.

O “fazer nada” aparece como razão para o dia ser ruim, além disso, não depende de Juliana, mas de alguma forma (bem marcante na entrevista) define o contexto. Aqui as regras definem o que fazer e, principalmente, o que não fazer. De forma que um “fazer” sem sentido, parece naturalizado.

Dailza – Qual é a melhor hora do dia?

Ricardo – Melhor hora? (INAUDÍVEL)

Dailza – Quando você tá fazendo o quê?

Ricardo – Brincando com a minha sobrinha.

Dailza – De que vocês brincam?

Ricardo – Eu brinco com ela de várias coisas, fico brincando de levar ela no carrinho... um monte de coisas.

Dailza – Qual que é a pior hora?

Ricardo – A pior hora é... é quando a minha irmã tá na escola e a minha sobrinha também.

Dailza – O que você fica fazendo?

Ricardo – Fazendo nada.

A melhor hora do dia é garantida pela presença da família e pelas cenas de brincadeira. A pior, é a hora da família-ausente que se marca pelo “fazer nada”. Sem a família, entra em cena o tédio.

Dailza – Qual é a melhor hora do seu dia?

Daniela – Qual é a melhor hora?! Ah, toda hora.

Dailza – Tem alguma pior hora?

Daniela – À noite.

Dailza – Por quê?

Daniela – Ah, eu num gosto da noite.

Dailza – O que você faz a noite?

Daniela – Nada. Fico só na televisão e no computador, depois num tem nada pra fazer...

A “melhor hora” é generalizada e inespecífica. A “pior hora” também é descrita de forma ampla, mas com mais contornos – um período do dia em que aparece uma personagem entediada que “num tem nada pra fazer”.

Dailza – Me conta um dia que tenha sido ruim?

Ricardo – Ruim? É quando eu num vou pra escola.

Dailza – Você se lembra de algum dia?

Ricardo – Hoje mesmo.

Dailza – Como foi?

Ricardo – Foi ruim, num tinha ninguém na casa, só ficou eu, chamei alguém pra jogar bola e ninguém quis.

“Ruim” é não “ir” e se associa a uma quebra de rotina. Aqui Ricardo é definido pelo estar sozinho e o abrigo é marcado como deserto ou território-fantasma na emblemática sequência: “num tinha ninguém” – “chamei alguém” – “ninguém quis”.

Dailza – Como foi conquistá-los [os amigos]?

Ricardo – Foi difícil, mas foi legal.

Dailza – O que você fez?

Ricardo – Fui perguntando o nome de cada um, aí eles foram me chamando pra jogar bola. Quando cheguei no abrigo, não conhecia ninguém. Aí eu só saia pra cá, ficava sentado aqui, aí tinha alguns meninos que vinha, me cumprimentava, perguntava meu nome e chamava eu pra jogar bola.

Dailza – Você tem inimigos aqui?

Ricardo – Não.

A chegada ao abrigo é descrita como um momento de solidão, que se rompe pela presença de pessoas “amigáveis”.

Dailza – E qual a melhor hora do seu dia?

Bianca – A hora de tomar banho pra ir pra escola. Porque só eu tomo banho das 10h às 11h, eu pego ônibus. Daí a hora que eu mais gosto é tomar banho sozinha, me trocar sozinha, sossegada.

Dailza – Se você tomar banho em outro horário, como é?

Bianca – Não gosto, você vai tomar banho, todas pessoas tomam banho junto com você.

Dailza – Tem mais de um chuveiro?

Bianca – Tem dois.

Dailza – Qual a pior hora?

Bianca – Ah quando pega todas as meninas pra tomar banho junto, é uma sujeira no banheiro. Você entra, você quer sumir na hora. Quem toma banho com aquela nojeira? Tudo jogado, as meninas andam com o chinelo sujo [INAUDÍVEL]...

A “melhor hora” está atrelada a momentos de privacidade (“tomar banho sozinha”, “me trocar sozinha”), estes revelam um “sossego”. Em oposição a isso, a “pior hora” está associada à obrigatoriedade do coletivo e da convivência. Com as outras “meninas”, a hora do banho é também a hora da “sujeira”, delineando uma cena em que o limpar-se é aversivo.

Por estes trechos que analisamos acima é possível marcar o estabelecimento de uma tensão entre a solidão e a privacidade, ou melhor, o surgimento de um sujeito que precisa lidar com este paradoxo: apesar de sozinho, está rodeado.

A seguir, gostaríamos de enfatizar as relações que foram estabelecidas entre entrevistadora e entrevistados e que, conforme justificamos no capítulo do método, possibilitaram a produção de discursos.

6.6 A pesquisa como instituição: nos matizes da relação entrevistadora-entrevistado

Enfatizamos que os discursos das entrevistas são construídos nas relações singulares que se estabelecem entre entrevistadora e entrevistado. Portanto, os discursos fazem parte de um contexto específico regulado pela produção de uma dissertação de mestrado, pelo convite à entrevista, pela relação estabelecida entre o jovem e o agente institucional que autorizou a pesquisa naquele abrigo, pela maneira como entrevistadora e entrevistado estabelecem a sua relação, entre tantas outras variantes que deixamos de enumerar.

Neste sentido, conforme definimos anteriormente, a situação da entrevista se constitui a partir do campo transferencial em que as histórias de cada um dos atores, permeadas pelas instituições/relações que viveram durante a vida, são

indispensáveis para definir os lugares e as possibilidades de construção do discurso presente. Da mesma maneira, destacam-se os constituintes do modo como a entrevistadora exerceu seu lugar.

Cabe aqui uma breve digressão acerca das situações das entrevistas e das sensações provocadas na entrevistadora. Esta muitas vezes se sentiu constringendo, incomodando, invadindo durante as entrevistas. Os entrevistados costumavam ser bastante lacônicos, concretos e impacientes em suas respostas, o que trazia para a cena uma espécie de desconforto, tanto de um lado, quanto de outro.

Adiante trazemos alguns recortes das análises das entrevistas em que a relação entrevistadora/entrevistados encontra-se tensionada e com isso referenciamos para pensarmos a subjetividade e os lugares institucionais neste contexto.

Dailza – O que em sua opinião é mais difícil de moral num abrigo?

Matheus – Não sei...

Dailza – E o que é mais fácil?

Matheus – Não sei...

Dailza – Como é morar num abrigo?

Matheus – Legal...

Dailza – Você quer me contar mais alguma coisa sobre a sua vida aqui? Sobre a sua vida, e tal?

Matheus – ...

Dailza – Por que você foi abrigado?

Matheus – Eu não sei.

Dailza – Quer me contar mais alguma coisa?

Matheus – ...

Dailza – Não?

Matheus – Acho que não... Não sei.

Dailza – ...Obrigada!

Sobre o que é mais difícil, mais fácil e como é “morar” num abrigo, Matheus parecia não querer conversa. Nesta e nas outras entrevistas com os jovens nos chamam a atenção as respostas extremamente curtas e objetivas e também a grande quantidade de reticências. Na entrevista com Matheus, por exemplo, as principais perguntas que ficam sem resposta dizem respeito à sua vida, seja a sua história ou ao seu dia-a-dia... desenhando-se um entrevistado resistente às perguntas. A partir disso, podemos supor a constituição de um sujeito na resistência e seus efeitos no redirecionamento da ação da entrevistadora.

Dailza – O que em sua opinião é mais difícil de morar num abrigo?

Gabriela – Mais difícil? Quando eu saio pra algum lugar as pessoas ficam perguntando pra mim que eu sou de abrigo.

Dailza – O que você fala?

Gabriela – Ah, eu fico meio sem graça.

A entrevista foi bastante truncada e difícil, mas nesta parte específica o incômodo aparece com um pouco mais de contorno. O difícil é configurado pela existência (ou seria insistência?) das perguntas. Desenha-se uma relação direta entre “ser de” abrigo e as pessoas perguntarem, configura-se alguém que desperta a curiosidade nos outros e que fica “sem graça” diante de tal situação, não podemos deixar de fora a entrevistadora e a situação específica da entrevista/pesquisa.

Dailza – Bom, aqui... O que você acha que você tem em comum com as outras crianças e adolescentes que moram aqui?

Aline – Comum?

Dailza – É. O que é parecido em vocês?

Aline – Pra mim?

Dailza – É. Se tem alguma coisa...

Aline – Acho que nem... Ah, deixa eu ver aqui... O Caio. Esse menino que veio aqui primeiro.

Dailza – Por que?

Aline – Por causa que, no dia que... O educador foi embora daqui, aí eu tentava falar assim pra ele... Não, tentava não, que ele não falava comigo. Aí eu falava pra ele falar comigo, ele faz cinco [INAUDIVEL] dez meses que a gente não se fala.

A possibilidade de identificação de algo parecido com outro adolescente se dá pelo lugar concreto de entrevistado (“esse menino que veio aqui primeiro”).

Outro ponto é que Caio é alguém que não fala com Aline, resistindo às suas tentativas e pedidos, apesar disso é alguém que aceita falar com a entrevistadora.

Dailza – Você tem alguma coisa em comum com os outros jovens aqui no abrigo?

Bruno – Não.

Dailza – E diferente?

Bruno – Também não. Num tem nada diferente.

Dailza – E tem alguma coisa igual ou parecida?

Bruno – Ah?

Dailza – Tem alguma coisa parecida com os outros jovens daqui?

Bruno – Não.

Dailza – Nem diferente?!

A comparação com os outros jovens não é legítima para Bruno como o é para a entrevistadora, tornando o discurso meio sem pé nem cabeça e mostrando lugares diferentes de fala e de compreensão do cotidiano.

Dailza – Queria que você me contasse um dia seu, como que é geralmente?

Gabriela – um dia meu?

Dailza – É.

Gabriela – ...

Dailza – Você acorda...

Gabriela – É, eu acordo, tomo café, aí fico na sala, aí faço as minhas atividades na casa, depois eu fico na sala de TV ou saio, depois volto, aí depois eu tomo um banho e vou pra escola.

Dailza – Em que série você ta?

Gabriela – Oi?

Dailza – Em que série você ta?

Gabriela – No supletivo.

Dailza – E quando você volta da escola?

Gabriela – Quando eu volto? Daí eu janto e vou dormir.

A entrevista até aqui fluía com dificuldades, mas a pergunta sobre o dia de Gabriela é a primeira que fica sem resposta. Em seguida a entrevistadora, como quem quer tirar leite de pedra, sugere um início de resposta (“Você acorda...”), que Gabriela aceita e passa a discorrer mais detalhadamente, ao contrário de suas outras respostas.

Caio – O que mudou? ... ah, muitas coisas.

Dailza – Fala aí algumas.

Caio – ah, uma é que eu assim... o que mudou em mim é que assim... eu era uma pessoa que era muito sozinha, num gostava de conversar com ninguém, agora eu converso com todos, tem coisa que eu nem me lembro, eu já passei em tanto lugar que vai passando e num dá pra lembrar.

Dailza – Um dia que tenha sido bom fora daqui, você lembra?

Gabriela – Eu lembro.

Dailza – Conta aí.

Gabriela – Quando eu fui pra casa de uma tia, que ela veio me buscar, né? Aí fico na casa dela, ajudo ela, jogo videogame, mexo no computador, a gente sai, vai no shopping.

Nestes dois trechos, a entrevistadora modifica radicalmente seu modo de falar, trazendo para a cena o coloquial que acaba por mobilizar os entrevistados, tornando-os mais tagarelas.

Dailza – E o que você... que as pessoas que moram em abrigo... o que você pensa? O que elas têm em comum?

Gabriela – Ah, eu num penso nada, porque eles também são de abrigo, né? Mas alguns têm mãe, tem pai que vai visitar, que nem eu, eu tenho minha irmã e ela vem me visitar.

Apesar de esta pergunta ter sido formulada no roteiro que serviu de base para a entrevista, notamos que ao ser realizada se faz de forma entrecortada e sem fluidez. Ao lermos a transcrição, quase não entendemos seu conteúdo. No entanto, a entrevistada responde prontamente e demora-se na resposta, o que não é muito comum. Isto pode mostrar o pacto (nada silencioso) que produz discursos, sempre na relação que se estabelece, de modo que desta vez é a entrevistadora quem se torna reticente.

Dailza – O que você trouxe de fora pra cá?

Juliana – ...Revolta. (risos).

Dailza – Revolta?! Como assim?

Juliana – Revolta. Ah não, não quero... eu quero me poupar, mas foi revolta.

Dailza – Tá. E o que você vai levar daqui quando sair?

Juliana – Tédio. (risos). Brincadeira. Daqui eu vou levar educação.

As construções das respostas inicialmente ácidas e que os risos parecem transformar em brincadeiras, chamam nossa atenção pela necessidade do tom politicamente correto, do que parece ser a reprodução de um discurso que Juliana supôs que a entrevistadora gostaria de ouvir. A resposta “tédio” se transforma em “educação”, como se do abrigo fosse necessário dizer que se levam coisas sérias (em contraponto às brincadeiras). Neste sentido, desenha-se um entrevistado que sabe o que dizer, como uma espécie de ator.

Dailza – E o que você vai levar daqui quando sair?

Juliana – Tédio. (risos). Brincadeira. Daqui eu vou levar educação.

Dailza – Educação?! Em que série você está?

Juliana – Segundo. Segunda série.

Dailza – Do colegial.

Juliana – Isso.

Dailza – Que mais que é educação pra você além da escola?

Juliana – Não, não é escola, é aqui dentro mesmo, aprendo aqui dentro.

Dailza – O que você aprende?

Juliana – O que é educação, você não sabe o que é? (risos)...

ah, aprendo muitas coisas, sabe? Sei lá... você aprende a cuidar de crianças, você aprende a como lidar com as pessoas, aprende trabalho... aprendo tudo isso.

A entrevistadora aproxima educação de escola (“série”) e Juliana a contrapõe: educação se refere a aprender e a “aqui dentro”, não acatando a sugestão/expectativa de Dailza, resistindo. Novamente fica clara a tensão na relação entrevistada e entrevistadora, que tenta se dissolver nos risos de Juliana e numa espécie de indissociação de lugares pelo uso do “você”.

Dailza – Desde quando você entrou no abrigo, no primeiro abrigo, até agora, o que você acha que mudou em você?

Aline – Ah, mudou?

Dailza – É.

Aline – Um monte de coisa.

Dailza – Dá um exemplo.

Aline – Um? Deixa eu ver.... Deixa eu ver... [risos] Quando eu entrei no abrigo?...

Dailza – Alguma coisa mudou?

Aline – Ah... [risos]

Dailza – Então vou mudar a pergunta...

Aline – Muda.

A resposta sobre o que mudou tem intensidade e é inespecífica. Até mesmo a pergunta precisa mudar.

Dailza – Como é morar num abrigo?

Juliana – Ruim. Péssimo.

Dailza – Você pode me dar algum exemplo?

Juliana – Ai, tudo. Tem hora pra tudo, sabe? Muita regra. Sei lá, na sua casa acho que você se sentirá mais a vontade... numa casa. Você num pode fazer nada, sabe? Num pode namorar, sabe? Umas frescuras, sei lá.

Na comparação entre abrigo/regra e casa/conforto, se constitui uma possibilidade de tensão entre entrevistada e entrevistadora, na qual a entrevistadora “se sentirá mais a vontade”. Nem sempre...

A linha analítica que traçamos parte da elucidação de um desconforto, constitutivo e efeito das relações. Primeiramente observado na ausência de respostas ou no modo lacônico com que os entrevistados respondiam, em seguida nas estratégias que a entrevistadora passa a usar, ainda que sem se dar conta disso. E por fim, no clareamento da tensão estabelecida que colocava cada ator no seu lugar, fazendo emergir as expectativas que os constituíam.

6.7 Subjetividades(s) em foco

Este último tema que configuramos constitui um apanhado de cenas em que as subjetividades desenhadas no contexto do acolhimento institucional estão postas em foco. Como já enuncia o título desta Dissertação – Modos de Subjetivação e Acolhimento Institucional –, nosso objetivo primeiro é pensar¹⁸ quais sujeitos se forjam e como se reconhecem nas práticas e instituições do abrigo.

Sendo assim, poderíamos pensar neste tema como privilegiado. No entanto, como o leitor já pode perceber, a questão do sujeito atravessa toda a análise, é central. A sistematização deste tema é tão-somente mais uma ocasião para pensarmos quem/como são estes meninos e meninas, sempre efeitos das relações.

Iniciamos este item da análise marcando as relações entre os meninos marcadas “amizade”¹⁹, em seguida trataremos as especificidades da memória, por fim pontuamos as mudanças reconhecidas como decorrentes da institucionalização.

Dailza – O que é mais difícil de morar num abrigo?

Ricardo – Mais difícil? Pra mim eu num acho muito difícil não.

Dailza – O que é mais fácil?

Ricardo – Ah, mais fácil é você conquistar os amigos.

Dailza – Você tem amigos aqui?

Ricardo – Tenho.

Dailza – O que vocês fazem juntos?

Ricardo – Jogamos bola.

Dailza – Como foi conquistá-los?

¹⁸ Neste pensar, reconhecemos nossa postura ativa no desenho dos sujeitos de acordo com o contexto, que inclui nosso recorte epistemológico, por meio da produção de metáforas e cenas.

¹⁹ Chama-nos a atenção a escassez destas cenas em que os meninos e meninas se relacionam entre si, ainda assim, elas trazem uma importante marca nas relações.

Ricardo – Foi difícil, mas foi legal.

Dailza – O que você fez?

Ricardo – Fui perguntando o nome de cada um, aí eles foram me chamando pra jogar bola. Quando cheguei no abrigo, não conhecia ninguém. Aí eu só saía pra cá, ficava sentado aqui, aí tinha alguns meninos que vinha, me cumprimentava, perguntava meu nome e chamava eu pra jogar bola.

Os amigos definem o abrigo como um lugar fácil. Além disso, aparecem como “conquistas” e como “possibilidade de jogar bola”, onde Ricardo se mostra um sujeito ativo.

Dailza – Você tem amigos aqui?

Caio – Amigos? Tenho.

Dailza – O que você faz com eles?

Caio – Ah, a gente se diverte, a gente fica quase o tempo todo juntos de fim de semana.

A palavra “amigos” se relaciona com diversão, fim-de-semana e jogar. É onde as atividades parecem ganhar intensidade e sentido, a saber, do divertimento.

Dailza – E tem alguma coisa que você acha que é parecido entre você e os outros adolescentes que moram aqui?

Aline – Não.

Dailza – E diferente?

Aline – Diferente? É porque eu não conheço todos, na verdade, cada um aqui, direito. Só... A Cláudia, só.

Dailza – O que é conhecer direito?

Aline – Conhecer direito? Deixa eu ver... [longa pausa] Eu acho que... que não.

Dailza – E o que você e a Cláudia têm em comum?

Aline – Em comum? A nossa amizade.

“Conhecer” é diferente de “conhecer direito”, sendo que o “direito” se relaciona à amizade que é um bem comum entre Aline e Cláudia, algo que elas têm para si.

Dailza – Você tem amigos aqui?

Bruno – Tenho. Amigos, amigos... eu num tenho, mas eu tenho uns amiguinhos.

Dailza – O que vocês fazem juntos?

Bruno – Joga bola.

Dailza – Só jogam bola?

Bruno – hum... mexer no videogame e assistir alguns filmes.

Aqui, a relação de amizade é relativizada, como se o possível no abrigo fosse apenas ter “amiguinhos”, como um protótipo. Estes aparecem em cenas do cotidiano ligadas estritamente ao lazer (bola, videogame, filmes).

Dailza – E o que você vai levar daqui quando você sair?

Aline – Ah, daqui? Ah, muita lembrança, muita lembrança. Só.

Dailza – Fala uma lembrança.

Aline – Uma? Os amigos, e as educadoras.

O abrigo produz lembranças, aqui entendidas como lembranças de pessoas: os amigos e as educadoras, de forma que as duas categorias não se confundem.

Dailza – Desde quando você entrou no primeiro abrigo até hoje, o que você acha que mudou em você?

Caio – O que mudou? ... ah, muitas coisas.

Dailza – Fala aí algumas.

Caio – Ah, uma é que eu assim... o que mudou em mim é que assim... eu era uma pessoa que era muito sozinha, num gostava de conversar com ninguém, agora eu converso com todos, tem coisa que eu nem me lembro, eu já passei em tanto lugar que vai passando e num dá pra lembrar.

Antes Caio não gostava de conversar, agora conversa. O verbo “gostar” aparece no passado, mas não no presente, simplesmente conversa. A mudança é como um deslocamento do “ninguém” para “todo mundo”, atravessado pelo ato de conversar. Os lugares-abrigo por onde se “passa” de alguma forma desfavorecem os registros ou a organização mnêmica.

Nos próximos trechos aparece uma tensão entre as perguntas e as respostas, produzindo estranhamentos e fazendo com que nós, como leitores, voltássemos diversas vezes ao mesmo trecho da entrevista, reconhecendo oposições que nos fizeram repensar o modo de organização do discurso.

Dailza – Desde quando você entrou num abrigo até agora, o que mudou em você?

Bruno – Mudou... mudou tudo, mudou minha vida.

Dailza – Me dá um exemplo.

Bruno – Eu usava droga, eu parei de usar, eu usava muitas coisas, depois que eu entrei aqui, me falaram que eu não vou poder usar e eu to até agora sem usar.

Dailza – Você ta abrigado desde?

Bruno – Aqui? Desde [INAUDIVEL], eu cheguei com treze anos, agora tenho catorze.

Dailza – E você usava drogas até entrar aqui? Que drogas você usava?

Bruno – (Sinal afirmativo com a cabeça). Maconha, farinha, um montão de coisas, menos pedra.

Dailza – E por que você acha que parou?

Bruno –... Pra mudar minha vida, e também mudar a vida de nós, pra nós... quando nós sair daqui num ficar morando na rua, batendo em muita gente, eles não querem o nosso mal, querem o nosso bem. Eles falaram pra nós parar com isso.

Dailza – Eles só falaram?

Bruno – Eles falaram [INAUDIVEL] “num pode, vai piorar sua vida... quando você sair daqui você não vai poder ver sua mãe, vai ficar nervoso com ela, agredir ela...”, só.

Dailza – O que você falou?

Bruno – Num falei nada, falei “ta bom então”.

Dailza – O que você acha que não mudou desde que você entrou num abrigo?

Bruno – Não mudou?

Dailza – O que não mudou?

Bruno – Não mudou nada, ta tudo a mesma coisa. Tem as coisas novas.

Dailza – Você me falou das coisas que mudaram, né? E o que você acha que não mudou?

Bruno – Nada. Ta a mesma coisa.

O abrigo, num primeiro momento, parece marcar uma mudança total, generalizada e irrestrita na “vida” de Bruno. A principal mudança se relaciona ao verbo “usar” (“drogas, muitas coisas”), antes era um quem usava, agora acata o que “eles falaram”. Chama nossa atenção que o pronome “eles” aparece de forma genérica, como uma fala exterior, onisciente e constante. Quando entra no abrigo e pára de usar drogas, Bruno se funde em uma coletividade indefinida - “nóis”, que têm em comum a possibilidade tácita da rua, do mal e do bater (anteriores e possivelmente posteriores ao abrigo).

Bruno se coloca como sujeito que acata a fala do coletivo “eles”, deixando-se convencer. No entanto, as resistências mostram-se no minuto seguinte ao que “mudou tudo”, quando afirma que “não mudou nada”, produzindo a sensação de que algo da ordem do sentido nos escapa, na medida em que as oposições não se excluem, mas compõe o texto.

Dailza – Desde que você entrou num abrigo, o que mudou em você?

Ricardo – Meu jeito.

Dailza – Como assim?

Ricardo – De falar palavrão, falava muito palavrão, agora num falo... falo às vezes assim quando eu to nervoso.

Dailza – E por que você acha que mudou?

Ricardo – Ah, num sei... Acho que foi pelo ensino que eles me deram aqui.

Dailza – O que eles te ensinaram?

Ricardo – Muitas coisas. Tipo não falar palavrão, olhar bem na ca... nos olhos das pessoas. Coisas que antes eu num fazia.

Dailza – O que não mudou em você?

Ricardo – O meu jeito de ser. Às vezes eu grito, às vezes eu fico quieto.

Ao mesmo tempo, o que muda e o que não muda é o “jeito” de Ricardo, constituindo mais uma vez um paradoxo.

Dailza – Desde que você entrou num abrigo, até hoje, você acha que mudou alguma coisa em você?

Gabriela - ...Mudou um pouco.

Dailza – Você sabe me falar o que?

Gabriela – As brigas.

Dailza – Por que?

Gabriela – Porque antes eu brigava muito, aí a tia conversa comigo, às vezes eu me acalmo.

Dailza – Você é muito nervosa?

Gabriela – É, às vezes eu sou nervosa, tipo saio xingando, agora eu num saio mais.

Percebemos que no emprego dos tempos verbais presente e passado produz-se uma confusão quanto ao que mudou ou continua o mesmo – “às vezes eu sou nervosa, tipo saio xingando, agora eu num saio mais”.

Dailza – Desde quando você entrou num abrigo, até hoje, o que mudou em você?

Daniela – Antes eu era muito histérica, bem mais [INAUDÍVEL].

Dailza – O que é ser histérica?

Daniela – ãh?

Dailza – O que é histérica?

Daniela – Era muito nervosa, chegava aqui eu batia em todo mundo...

Dailza – Você chegava e batia?

Daniela – Mexia comigo eu batia...

Dailza – E agora?

Daniela – Agora eu tenho mais paciência.

Dailza – O que você faz quando mexem com você?

Daniela – Eu nem dou ouvido, eu saio andando...

Dailza – O que não mudou em você desde que você entrou?

Daniela – A paciência.

Dailza – Por quê?

Daniela – Porque eu não tenho paciência pra nada.

Dailza – O que você trouxe de fora pra cá?

Juliana –... Revolta. (risos).

Dailza – Revolta?! Como assim?

Juliana – Revolta. Ah não, não quero... eu quero me poupar, mas foi revolta.

Dailza – Tá. E o que você vai levar daqui quando sair?

Juliana – Tédio. (risos). Brincadeira. Daqui eu vou levar educação.

Tanto Daniela quanto Juliana parecem creditar ao abrigo uma paradoxal função de amansamento.

Dailza – Por que você num vai mais [para a balada]?

Juliana – Por que num dá mais, a gente num tem mais essa regalia. Agora... eu também num tenho mais vontade de ir não.

Aqui os motivos apresentam-se no crescente “não dá mais” – “a gente num tem mais essa regalia” – “eu num tenho mais vontade”, no início o sujeito gramatical é indefinido, em seguida é o “a gente” e por último “eu”. Parece haver uma apropriação subjetiva que se faz entre não dar mais e não querer. Neste sentido, podemos dizer que a vontade está condicionada a uma autorização externa.

Dailza – O que que é mais difícil de morar num abrigo?

Aline – Mais difícil? Ah, por causa que chega gente nova...

Agora, quando eu cheguei aqui pra mim era difícil, que eu não conhecia ninguém, eu não me dei bem com os outro, eu me acostumei mais no outro abrigo, mas hoje... É, já me dei bem. Fiz três anos nesse abrigo, aí... Tô bem.

O difícil é a chegada, as novidades, os desconhecidos, a falta de costume... Configura-se uma personagem que com o tempo se adapta às condições adversas. De um abrigo para o outro aparecem diferenças nas intensidades do se acostumar. O tempo amansa as dificuldades.

Dailza – E um dia que tenha sido muito ruim?

Aline – Ah, no dia... Um dia? No dia que o Edson deu um chilique.

Dailza – Como foi?

Aline – Que ele deu chilique lá na rua. Começou quebrando os vidro dos pessoal, o carro do home... Aí eu fui falar com ele, ele

não quis ouvir, aí eu puxei ele lá pra cima, amarrei ele lá em cima.

Dailza – Amarrou?

Aline – Aham.

Dailza – Amarrou com o quê?

Aline – Com... Com toalha, não, com lençol. Aí foi esse dia.

Dailza – Como que foi esse chilique?

Aline – Ah, ele quis morder os educador daí eu não deixei, aí ele foi e quis é... Quis... Morder... Aí eu fui e amarrei ele, [INAUDIVEL], aí depois ele foi e soltou, ainda teve um negócio [INAUDIVEL], acho que [INAUDIVEL] estorou, aí eu fui, não agüentei mais segurar ele, aí o policial chegou e deu um jeito nele. Aí depois levou ele pro Hospital X. Pra tomar soro.

Dailza – O que a polícia fez?

Aline – Ah, a polícia falou com ele. Aí ele se acalmou.

Dailza – E por que você achou que esse dia foi ruim?

Aline – Ah, por causa que ninguém tava agüentando mais ele, nesse dia... Nem assim, eu tava, é... Tava com [INAUDIVEL] por aí.

Dailza – Depois ele voltou pra cá?

Aline – É, depois ele voltou calmo.

Aline protagoniza a contenção de Edson, começando pelo falar e não ser ouvida, o que, nesta cena remete imediatamente para uma ação direta sobre o corpo daquele que “quebra” e não ouve. O educador aparece como uma figura estática, prestes a ser agredida. Aline é quem “não deixa”, é quem resolve a situação rendendo o agressor, e é quem a polícia substitui. Esta última chega no momento exato como quem resolve, a fala do policial é a única que surte efeito no sentido de amansar Edson. Chama atenção que a chegada da polícia não está atrelada a um chamado, a polícia simplesmente chega. O processo de amansamento passa pelas seguintes etapas: chilique > falar/não ouvir > amarrar > polícia > falar/acalmar > hospital > medicação (soro).

A agitação do menino é transformada em peso – “por causa que ninguém tava agüentando mais ele nesse dia”. “Depois ele voltou calmo”, este trecho mostra o abrigo como um lugar de “calmos” e o hospital como solução/remédio para aqueles que necessitam acalmar-se.

Neste último tema destacamos cenas que mais expressamente poderiam indicar os modos de subjetivação no contexto da instituição-abrigo. Para tanto, nos debruçamos rapidamente sobre aspectos referentes à constituição da memória. Em

seguida, fomos acometidos por construções aparentemente incoerentes quando os entrevistados eram convocados a responder sobre o que mudou após terem entrado em um abrigo.

Finalmente, e ainda atentos às mudanças, foi possível traçar um argumento que tinha como fio uma espécie de amansamento destes sujeitos acolhidos. No entanto, este muitas vezes aparece como paradoxal, ou seja, ao mesmo tempo em que as coisas mudaram, elas pareciam permanecer as mesmas. Assim, pontos de resistência se anunciam...

Como dissemos na introdução desta análise, a divisão dos temas se deu como uma possibilidade de arranjo, articulação e produção de discursos, de modo que cada um traz apenas a sistematização de cenas que se articulam da forma que consideramos a mais imediata e didática.

No próximo e último capítulo, teceremos algumas articulações entre os temas visando a dar destaque aos aspectos que consideramos mais relevantes. Além disso, procuraremos retomar alguns aspectos da produção acadêmica na qual nos apoiamos no início desta Dissertação, agora trazendo elementos de nossas análises.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caindo,
Imaginando,
De onde viemos.
Inconsequentemente,
Andando sem rumo.²⁰

As análises apresentadas focalizaram as condições de produção e organização dos discursos. Foram concebidas como um modo específico de desenho dos sujeitos dessas e nessas práticas discursivas do acolhimento institucional, ricos em significação e polifonia.

A Análise Institucional do Discurso (GUIRADO, 2000, 1985/2004a, 1987/2004b, 1995/2006, 2007 e 2010) nos permitiu afirmar o sujeito como efeito das relações institucionais em que se insere desde o berço. É assim que a psicologia pode contribuir, com sua especificidade, para a discussão sobre os modos de produção e objetivação do sujeito: pensando/mostrando como as subjetividades, que são produzidas vida a fora, se atualizam, reconhecem e legitimam em ato.

As análises foram feitas a partir da organização de cenas, de (re)arranjos que as entrevistas permitiram, da descrição dos lugares e dos personagens, ou seja, da construção de um novo discurso – o analítico. Não temos a pretensão de com ele esgotar, apreender a totalidade ou abarcar a verdade absoluta acerca de nosso objeto de pesquisa. Partimos de um recorte teórico-conceitual em que o discurso é pensado como conjunto de dispositivos, a psicologia como instituição concreta e a entrevista como cena transferencial. Em nosso entendimento é esta reviravolta de papéis que faz com que tenhamos importantes ressalvas acerca da “verdade”, pois ela será sempre relativa e nossas análises, provisórias e inacabadas.

Neste sentido, a colocação de um ponto final em uma pesquisa como esta é um dos maiores desafios que se impõe a nós, pois há sempre o pensamento de que se poderia dizer mais alguma coisa, de que o discurso de tão vivo insiste em nos ultrapassar. Mas é o jeito, então que o façamos.

²⁰ Texto de autoria coletiva retirado do livro “Nós somos todos iguais?” (2011), publicação independente dos jovens do abrigo Casa das Expedições.

Começaremos traçando as possíveis relações com os outros estudos, apresentados na introdução. Em seguida, ensaiaremos algumas articulações daquilo que no capítulo de análise optou-se por apresentar em temas separados, destacando os aspectos mais relevantes acerca de nossos objetivos.

Em relação aos outros estudos nesta área, nos chama a atenção a possibilidade de traçarmos uma linha comparativa com “Instituição e Relações Afetivas” (GUIRADO, 1985/2004a), justamente pela constatação de que apesar das grandes diferenças estruturais que marcam estes dois momentos históricos, algumas tensões permanecem quase que intocadas no tempo. Entre elas, daremos destaque primeiramente ao modo singular como os espaços, o lugar onde estão, parecem definir as pessoas. Neste sentido, Guirado afirma que:

Se a pergunta é sobre o como, ou sobre o quem, a resposta é o onde. O espaço é identificado e identifica. As pessoas são indiferenciadas, mas o lugar não ('o Seu lá da ala'). Não há, entretanto, a representação da posse. Não é um lugar seu, é um lugar referência, que contém (Ibid., p. 144).

Para elucidar tais semelhanças, escolhemos o trecho a seguir, que mostra o espaço, o “onde estão”, como subsídio para se referir aos irmãos e às relações. *“Você tem outros irmãos?” “Tenho. Mais três, tão na Bahia” “Em São Paulo só tem você?” “Só tem eu e a Miriam, a minha irmã que tá aqui”.*

Outro ponto que encontra ressonâncias no estudo de Guirado, é a não rara indiferenciação entre “eu” e “nós/a gente”, de modo que percebemos um discurso em que a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural por momentos se tornam intercambiáveis. Como se uns fundissem-se nos outros e as singularidades esvaissem. Isto, principalmente no que se referia aos pares (relação adolescente-adolescente), mas também aconteceu em relação aos agentes institucionais/abrigo. Sobre a festa de 15 anos: *“E quem que fez a festa?” “A gente pagou”.*

Percebemos também uma relação sempre confusa com o tempo, como se não fizesse diferença se falamos em meses ou anos, ou em outra entrevista, como se dois meses pudessem ser, para uma garota de 15 anos, a possibilidade de completar o ensino superior e ter a própria casa. Neste sentido, criamos a imagem de um sujeito anacrônico, que estabelece uma relação muito particular com o tempo. Em seu estudo, Guirado afirma que “sabem a idade que têm, mas nem sempre

reconhecem o ano que estão, ou têm dificuldade em delimitar os tempos passados e em planejar o futuro” (GUIRADO, 1985/2004a, p. 145).

Estas e outras confusões parecem marcar as dificuldades de se constituir uma memória nestes contextos, Guirado (Ibid., p. 152/153) aponta para um “passado do qual se vê separado porque não se lembra” e “a lembrança é quase nada”. Esta foi uma questão bastante marcante, a aparente impossibilidade de se lembrar, uma espécie de pulverização da memória: *“Tem coisa que eu nem me lembro, eu já passei em tanto lugar que vai passando e num dá pra lembrar”*.

Supomos que o esvaziamento dos afetos como constituinte das relações deve desfavorecer o registro mnêmico. Sobre isso, pontuamos a sensação comum que tivemos, ao ouvir e ler as entrevistas, de que a rotina, embora muito carregada de verbos de movimentos e espaços físicos (lugares), parecia sempre esvaziada de pessoas, sentidos e sentimentos. De modo que foi predominante nas análises o desenho de um “fazer por fazer/ir por ir”, sem que as ações parecessem convocar os entrevistados a se posicionarem do ponto de vista afetivo, configurando a produção de um automatismo, bem como de uma rotina impessoal e solitária. Como exemplo, selecionamos dois trechos exemplares:

“E aí você acorda...”

“Banheiro, escovo os dentes, depois eu desço, ligo a televisão e assisto, aí depois tomo café, aí fim de semana eu saio, vou pro SESC, aí eu volto, almoço, aí... Vou na escala...”

“Como é [seu dia]?”

“É levantar, escovar o dente, tomar café, organizar nossa cama, nosso guarda-roupa... tipo na semana não dá pra mexer [no computador], porque eu acordo essa hora, ajudo a tia, vou tomar banho agora e saio pra ir pra escola. Aí eu volto só umas oito horas, sete... a hora que eu chego, eu tomo banho, janto e peço pra tia.”

Em se tratando desta impessoalidade que a análise pode constituir a partir de algumas cenas, gostaríamos de focalizar ainda a relação entre agentes institucionais (em geral, educadores) e os jovens. Notamos que, na maioria das vezes, os funcionários são referidos pelas palavras “tio/tia” e que quase nunca pelo nome próprio ou alguma outra característica, de modo que nas entrevistas os “tios” parecem indiscerníveis entre si.

A existência de regras e suas transgressões marcam o tom destas relações no abrigo, em geral, as regras aparecem como imposição, desprovidas de sentido e como uma das principais características deste contexto em relação aos outros: *“É, tipo regras, sei lá... tem que pedir pra sair toda hora, sabe? Quando eu to na casa da minha mãe num é assim”*. Ao contrário do restante da rotina que descrevemos anteriormente, as regras costumam mobilizar afetos nos adolescentes, sejam eles de revolta ou desejo de transgredir.

Com as regras, aparecem as transgressões e suas consequências. Assim, o “castigo” é um importante regulador das relações tio-adolescente, geralmente operando a restrição do comportamento dos adolescentes. De forma que as punições mais exemplares, parecem se referir à proibição do ir e vir, configurando estes como os maiores desejos de quem está acolhido.

Ao mesmo tempo em que o abrigo se configura na produção de acessos, o castigo opera sua proibição ou restrição. Não raramente ocorreram construções do tipo “fulano não foi ao passeio porque aprontou”. Além disso, um dos verbos mais usados para descrever a transgressão é o “aprontar”, produzindo concomitantemente sujeitos abrigáveis e outros não-abrigáveis pela intensidade com que aprontam, marcando uma tênue linha entre dentro e fora do abrigo: *“Por que ela [irmã] foi embora?” “Por causa que ela aprontava demais, ela teve que ser mandada prum outro abrigo. Aí ela foi pro outro abrigo, fugiu. Aí agora ela tá morando com a minha tia”*.

Percebemos, entretanto, que se as regras e os castigos formam um dos matizes desta relação, outros podem ser caracterizados pelo “cuidado” e “ajuda”: *“ajudo a tia”*; *“eu ajudo a cuidar dos bebês”* e *“você pode ser ajudada no abrigo”*.

Outro ponto que queremos retomar é o de que o abrigo possibilita uma multiplicidade de acessos, muitas vezes como uma porta aberta. Em geral, estes acessos se referem a espaços: escola, curso, telecentro, piscina, praça, parque, cinema, etc. Isso mostra que, em alguma medida, o acolhimento institucional tem possibilitado outras formas de relação com os espaços que a cidade oferece. Constituindo-se, portanto, como possibilidade de novas experiências. Estamos enfatizando este aspecto por entender que ele vai ao encontro das diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente, no que se refere ao aumento de repertório sócio-cultural e à convivência comunitária.

Pelas análises percebemos, ainda, o abrigo como um tempo-espaço entre duas possibilidades de morar, formando um hiato. No passado moraram e no futuro irão morar, porém no presente a conjugação deste verbo não se faz. A entrevistadora, sem se dar conta disso, usou insistentemente em suas perguntas a palavra “morar” para se referir ao abrigo, no entanto, as respostas foram quase unânimes em não aderirem a ele, ainda que nenhum entrevistado tenha o questionado diretamente.

Para falar deles no abrigo, os jovens usaram referências como “estar”, “ficar”, “ir” e “passar”. Salvo raras exceções, nas vezes em que trouxeram o “morar” para as cenas, se referiam à família. Assim, o morar parece remeter a um tom mais pessoal e afetivo, enquanto o passar, o estar, o ficar e o ir, em geral, estão esvaziados de sentido. Deste modo, corroborando nossa sensação de uma aparente dificuldade de vinculação e apropriação dos entrevistados em relação ao abrigo como lar.

A família é bastante presente nos discursos produzidos e guarda as possibilidades de afeto destes meninos e meninas. Além de ser “a” possibilidade de morar, se caracteriza também como uma propriedade, algo que os adolescentes têm e que ninguém tira deles. Assim, se faz, por exemplo, a contundente diferenciação entre “a tia” e “minha tia”.

Foi possível constituir uma polarização entre abrigo e família como antagônicos, mas em nenhum momento como sobreposição. Vimos que os motivos do acolhimento aparecem relacionados com a família, ora denunciando uma falta no seio familiar, ora como castigo e, em outro momento, como consequência de uma relação dissonante em termos de valor, mostrando uma espécie de relação-banco que produz sujeitos em crédito ou débito.

Respectivamente,

“Porque minha mãe não teve condições de ficar comigo e com as minhas irmãs.”

“Porque eu fazia coisa de errado quando eu morava com a minha mãe.”

“Eu vim pra aqui, porque eu via... quer dizer, eu tive minha mãe, eu dei valor pra minha mãe, minha mãe num deu valor em mim. Agora as pessoas daqui foi ao contrário, não deu valor pra mãe, entendeu?”

Destacamos a maioria (18 anos) como marca de desinstitucionalização – saída do abrigo, e anúncio da possibilidade da vivência familiar, da moradia, bem como, do ser e ter algo: “*Tipo, eu trabalho, aí depois eu chego, cuido da casa... ter filhos*”, “*Ter minha casa (...) Minha casa é grande, um carro gran... um carrão, minha filha e minha esposa*”, “*Tirar minha irmã daqui e ter minha própria casa*”. Sendo assim, o tempo no abrigo se define por uma latência, pela espera que algo aconteça, como em um casulo.

Em geral, encadeiam-se as ideias de maioria, sonho e saída do abrigo – momento que aparece como o mais aguardado e como divisor de águas. Grande parte dos entrevistados fez projeções para si fora do abrigo e nelas se viram “bem” ou “melhor” do que no presente. De modo que na relação com o futuro predominam o otimismo e a esperança.

Outro aspecto que relacionamos com o pessoal e afetivo nestas relações ocorrem pela presença, não muito comum, dos nomes próprios para designar as pessoas. Notamos que a possibilidade de dizer o nome de alguém indica proximidade, afeição e vínculo, de modo que, na maior parte das vezes se refere a um familiar ou a um amigo.

Deste modo, podemos entender a amizade como implicação e produção de sentidos para as atividades que, como vimos, não foi corriqueiro. Os amigos pareceram trazer vitalidade às descrições, ora pela aliança ora pela rivalidade. Predominavam nestas cenas, momentos de diversão e companheirismo. Por isso, caracterizamos a amizade como resistência neste contexto.

Voltando ao “Instituição e Relações Afetivas”, a afirmação de que a instituição “se define pela mudança constante, pela impossibilidade de permanecer” (GUIRADO, 1985, 2004a, P. 170), pela presente pesquisa, parece ter sido atualizada pelo dispositivo da provisoriamente. Esta institui o “passar” como verbo privilegiado para descrever o tempo em que se esteve no abrigo.

Neste sentido, o movimento constante (ir, vir, voltar, sair) que vimos caracterizar-se intensamente nos discursos, produz sujeitos sempre “de passagem”, sem âncoras neste ou naquele lugar. As falas referentes ao acolhimento carregam consigo o tom do provisório e passageiro (“*passei em outros abrigos*”). Isto legitima a

tese da construção de “um abrigo volátil e descartável” (OLIVEIRA e MILNITSKY-SAPIRO, 2007) e também o que Glens (2010) descreveu como a desarticulação e descontextualização da rede de atendimento, de forma que, cada serviço trabalha em descontinuidade com os outros, tornando a proteção integral uma virtualidade.

O aspecto provisório do abrigo, preconizado no Estatuto da Criança e do Adolescente e reafirmado na Lei 12010/2009, é entendido juridicamente como uma proteção à condição de institucionalização permanente. No entanto, percebemos que seus reveses são justamente a impossibilidade de vinculação a um abrigo específico, trazendo a marca deste sujeito-passagem.

Nossa hipótese é a de que quando a provisoriedade assume um caráter definitivo, entram em jogo mais instabilidades e incertezas na vida destes jovens. Este é um aspecto paradoxal, por que não dizer perverso, do novo modelo que pretende abolir a institucionalização permanente, mas que, no rebote, institucionaliza a passagem de um abrigo a outro. De modo que, o tempo de permanência continua longo, entretanto, não apenas em um lugar, mas em vários.

É como se estivéssemos diante de uma multiplicação do espaço institucional. Desta vez as camas não estão juntas em um mesmo saguão, mas se interligam simbolicamente pela onipresença de uma marca que se institui na produção de uma subjetividade “de” abrigo. Aqui o “de” funciona como uma locução adjetiva, que indica qualidade, mas não necessariamente pertença.

Para elucidar a descrição do abrigo como marca identitária, ou seja, como definição de identidade, chamamos a atenção para um momento de nossa análise em que quando perguntados sobre “*um dia bom aqui*”, os entrevistados respondem com situações fora do ambiente físico do abrigo (Salão de Festas, Hopi Hari, Hotel Fazenda...). Descrevendo, portanto, momentos de saída, em que o “aqui” não refere necessariamente ao abrigo como espaço, mas como condição, de modo que pode ser transportado sem descaracterizar-se.

Deste modo, opera-se uma espécie de confinamento por identidade, ou seja, a cristalização de um lugar subjetivo, pelo reconhecimento de uma indistigável marca que configura o “ser de abrigo”, ainda que fora deste ambiente: “*Quando eu saio pra algum lugar, as pessoas ficam perguntando pra mim que eu sou de abrigo*”.

Outro destaque é que, pela nossa atuação profissional, sabemos que o uso de medicamentos psicotrópicos como estratégia de controle em questões eminentemente sociais, como pontuam Vicentin, Grankow e Matsumoto (2010), não é um fenômeno desprezível ou com pouca força no cotidiano do acolhimento institucional. Entretanto, nos chamou a atenção que isto não tenha aparecido com tanta ênfase neste estudo.

Ainda assim, acreditamos que a contenção de Edson, com a qual fechamos nossas análises, tenha sido exemplar neste sentido. Pois, configura o protagonismo da polícia e da medicina, como parceiros na cena do que denominamos “amansamento”.

Não raramente sentimos nas entrevistas que, ao se dizer alguma coisa, se mostrava exatamente seu oposto. Como se as resistências se fizessem, em ato, produzindo um sem-sentido como tom. Assim, tem-se um discurso constituído por paradoxos, por exemplo, na fala seguinte em que se diz o que mudou, não raramente os entrevistados afirmaram tal característica exatamente como o que permaneceu. É o caso da “falta de paciência” e do “jeito”:

“Agora eu tenho mais paciência”.

“O que não mudou em você desde que você entrou?”

“A paciência.”

“Às vezes eu sou nervosa, tipo saio xingando, agora eu num saio mais”.

“Desde que você entrou num abrigo, o que mudou em você?”

“Meu jeito”.

“E o que não mudou em você?”

“O meu jeito de ser”.

Além disso, muitas vezes o uso de jargões, frases politicamente corretas e o humor ácido, na cena da entrevista, anunciavam alguém que sabia exatamente o que devia dizer, mas que não se furtaria de dar a entender o que realmente achava: *“O que você vai levar daqui quando sair?” “Tédio. (risos). Brincadeira. Daqui eu vou levar educação”.*

Assim, queremos tecer algumas considerações acerca das dificuldades de descrevermos as resistências neste contexto. Por mais que tenhamos por

pressuposto que elas constituem as relações, foram necessárias insistentes leituras para enfim delinear as algumas de suas formas.

Percebemos que a sutileza e a constância das resistências são justamente suas características mais marcantes. Se as tensões da relação de poder ficam emblemáticas na cena em que Edson “dá um chique”, rapidamente elas são aplacadas e a calma se restabelece. É como se o alarde trouxesse a polícia e o hospital pro abrigo e, a ação passasse a ser diretamente sobre o corpo do adolescente – “amarrar”, “segurar”, “dar um jeito”, “levar”, “tomar soro”. Sendo assim, a sofisticação com que se faz é o que garante suas possibilidades: os risos, as brincadeiras, os aparentes paradoxos, as faltas de sentido, estas sim parecem mais efetivas e produtivas.

Por fim, nos surgiu a imagem de um sujeito-escorregadio que “passa”, sem se fixar. Um sujeito que resiste às vinculações, seja com pessoas, com lembranças ou com o próprio tempo presente. Neste sentido, um sujeito que escorrega para o futuro, aparentemente promissor, sem deixar rastros...

REFERÊNCIAS

AASPTJ-SP/NCA-PUCSP/SAS/FUNDAÇÃO ORSA. **Por uma política de abrigos em defesa de direitos de crianças e adolescentes na cidade de São Paulo: motivos de demanda e qualidade de oferta de serviços de atenção à criança e adolescente sob medida de proteção “abrigo”**. São Paulo: Relatório de pesquisa, 2003. Acesso em 11/04/2011. Disponível em: http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/cao_infancia_juventude/rede/rede_abrigos/abrigosp.pdf

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-IV-TR: Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

ARANTES, E. M. M. **De “criança infeliz” a “menor irregular” – vicissitudes na arte de governar a infância**. Mnemosine. Vol 01. No. 0. p. 162-164. Clio-Psyché - Programa de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia UERJ, 2004. Acesso em: 04/04/2011. Disponível em: <http://www.mnemosine.cjb.net/mnemo/index.php/mnemo/article/view/235/234>

ARRUDA, I. C. **O cotidiano de um abrigo para crianças e adolescentes: uma simplicidade complexa**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Serviço Social – Pontifícia Universidade Católica SP, 2006.

AYRES, L. S. M., COUTINHO, A. P. C., SÁ, D. A., e ALBERNAZ, T. **Abrigo e abrigados: construções e desconstruções de um estigma**. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro: UFRJ. Vol 10. N 2, 2010. Acesso em 04/04/2011. Disponível em <http://www.revispsi.uerj.br/v10n2/artigos/html/v10n2a09.html>

BRASIL. **Decreto nº 17.943 – Código de Menores**. 12 de outubro de 1927.

_____. **Lei Federal nº 6.697 – Código de Menores**. 10 de outubro de 1979.

_____. **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

_____. **Lei Federal no. 8.069 – Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 13 de julho de 1990.

_____. **Lei Federal no. 12010**. Brasília, 03 de Agosto de 2009.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Norma Operacional Básica/Sistema Único de Assistência Social (NOB/SUAS)**. Brasília: 2005.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome/FIOCRUZ. **Levantamento Nacional de Crianças e Adolescentes em Serviços de Acolhimento – dados preliminares**. 2010 – em andamento. Acesso em: 04/04/2011. Disponível em:
<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/vigilancia/padroes-de-servicos/projeto-de-implementacao-das-acoas/levantamento-nacional-de-criancas-e-adolescentes-em-servicos-de-acolhimento>

CASA DAS EXPEDIÇÕES. **Nós somos todos iguais?** São Paulo, 2011.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Ed Autentica, 2009.

COIMBRA, C. M. B e NASCIMENTO, M. L. **Ser jovem, ser pobre é ser perigoso?** Em: Revista de Estudios sobre Juventud. Edição: ano 9, núm. 22. México: JOVENes, 2005. Acesso em 04/04/2011. Disponível em:
http://ver2.imjuventud.gob.mx/pdf/rev_joven_es/22/Cecilia%20Coimbra%20y%20Maria%20L%C3%ADvia,%20Ser%20jovem,%20ser%20pobre%20%C3%A9%20ser%20perigoso.pdf

COSTA, A. C. G. **O novo direito da infância e da juventude do Brasil**. Cad.1- Unicef, 1990.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens/Vega, 1969/2002.

_____. **A ordem do discurso**. 14. Ed. São Paulo: Loyola, 1970/2006c.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. 3. Ed. Rio de Janeiro: NAU Ed, 1973/2003.

_____. **História da sexualidade I: vontade de saber**. 10. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1976/1990.

_____. **O sujeito e o poder.** *Em:* DREYFUS, H. e RABINOW, P. Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984/1995, p. 231-249.

_____. **Ditos & escritos V: Ética, sexualidade e política.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984/2006b.

FREITAS, J. M. **A história da biblioteca infantil Monteiro Lobato: entrelaçamento de personagens e instituição.** Tese de Doutorado. Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia, 2001.

FREUD, S. **Uma nota sobre o “bloco mágico”.** *Em:* Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira. Vol. XIX. p.253-259. Rio de Janeiro: Imago, 1925/2006.

GLENS, M. **Órfãos de pais vivos: uma análise da política pública de abrigamento no Brasil.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo, 2010.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos.** 8. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1961/2008.

GUIRADO, M. **Instituição e relações afetivas: o vínculo com o abandono.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1985/2004a.

_____. **Psicologia institucional.** 2. ed. São Paulo: EPU, 1987/2004b.

_____. **Psicanálise e Análise do Discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico.** 2. Ed. São Paulo: EPU, 1995/2006.

_____. **A clínica psicanalítica na sombra do discurso.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

_____. **A Análise Institucional do Discurso como analítica da subjetividade.** São Paulo: Annablume; FAPESP, 2010.

GUIRADO, M. e LERNER, R. (Orgs.) **Psicologia, pesquisa e clínica – por uma análise institucional do discurso.** São Paulo: Annablume; FAPESP, 2007.

IPEA/DISOC. **Levantamento nacional de abrigos para crianças e adolescentes da Rede SAC. Relatório de Pesquisa.** No 1. Brasília, 2003.

LEONCIO, W. A. H. **Retrato de vivências emocionais de crianças recém-abrigadas: observações psicanalíticas por meio do procedimento de desenhos-estórias.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo, 2002.

_____. **Consultas terapêuticas de crianças abrigadas e seus pais: uma investigação dos vínculos familiares.** Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo, 2009.

LOMBROSO, C. **O homem delinqüente.** Porto Alegre: Ricardo Lenz, 1876/2001.

OLIVEIRA, A. P. G. e MILNITSKY-SAPIRO, C. **O ambiente de abrigo como holding para adolescentes.** Simpósio Internacional do Adolescente. São Paulo, 2006. Scielo Proceedings online.

_____. **Políticas públicas para adolescentes em vulnerabilidade social: abrigo e provisoriedade.** Psicologia ciência e profissão, Brasília, v. 27, n. 4, dez. 2007. Acesso em 10/11/11. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007001200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 nov. 2011.

OMS. **CID-10. Classificação Internacional das Doenças, décima edição revisada, Manual e Glossário.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

ONU. **Convenção sobre os direitos da criança.** Nações Unidas, 20 de novembro de 1989.

RIZZINI, I. **Assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção.** Rio de Janeiro: Ed Universitária Santa Úrsula, 1993.

RIZZINI, I. e RIZZINI, I. **A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente.** São Paulo: Loyola, 2004.

ROSA, J G. **Grande Sertão: Veredas.** São Paulo: Nova Fronteira, 1956/2006

VICENTIN, M. C. G. **Responsabilidade penal juvenil: problematizações para a interface psi-jurídica.** *Revista Brasileira de Ciências Criminas*, Ano 13, n. 53, IBCCrim, São Paulo, p. 319-343. 2005.

VICENTIN, M. C. G.; GRANKOW, G.; MATSUMOTO, A. E.. **Patologização da infância e alianças psi-jurídicas: algumas considerações sobre a internação psiquiátrica involuntária.** BIS. Boletim do Instituto de Saúde (Impresso), v. 12, p. 268-272, 2010. Acesso em 22/11/2011 Disponível em: http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-18122010000300010&lng=pt&nrm=iso

ANEXOS

ANEXO A – Roteiro das entrevistas

As perguntas a seguir servirão de norteadoras em nossas entrevistas, semi-dirigidas, portanto. Deste modo, não são questionários fixos e sim roteiros, contendo os principais temas que gostaríamos de abordar. Para construí-los, a partir da proposta teórico-metodológica que descrevemos acima, procuramos propor aos entrevistados questões relacionadas ao cotidiano institucional, na expectativa de fazê-los narrar situações e práticas.

- Quantos anos você tem? Há quanto tempo está abrigado? E neste abrigo?
- O que você mais gosta de fazer? E o que menos gosta?
- Me conte um dia seu, como é geralmente?
- Qual a melhor hora do dia? E a pior?
- O que é mais difícil de morar num abrigo? E o que é mais fácil?
- Conte um dia que tenha sido bom. E um ruim.
- Você tem algo em comum com as outras crianças/adolescentes que moram aqui? O que? E algo diferente?
- O que você trouxe de fora pra cá? E o que levará daqui para fora?
- Você tem amigos aqui? E inimigos?
- Desde quando entrou num abrigo até hoje, o que mudou em você? E o que não mudou?
- Qual é o seu sonho?
- Quais seus planos para daqui a dois meses, como você estará? E daqui a dois anos?
- Quer me contar mais alguma coisa?

ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa ou desistência você não será penalizado(a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do Projeto: **ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO**

Pesquisadora Responsável: DAILZA PINEDA

Telefone e e-mail para contato: (11) XXXX-XXXX dailzapineda@usp.br

Descrição da pesquisa e objetivos: Este trabalho pretende analisar como se produzem subjetividades em um contexto de abrigamento, ou melhor, como os sujeitos reconhecem a si e aos outros na dinâmica institucional da qual participam.

Procedimentos: Serão feitas uma (01) entrevista com cada participante, esta será gravada em áudio e transcrita. Posteriormente a pesquisadora analisará o conjunto das entrevistas e para resguardar o sigilo, suprimirá quaisquer possíveis identificações presentes na entrevista.

Em caso de desconforto com qualquer das perguntas feitas pela pesquisadora, o participante poderá optar por não respondê-la. Se for identificada a necessidade de alguma modalidade de atenção psicológica decorrente do procedimento de pesquisa, a pesquisadora assegura tal atendimento em consultório particular gratuitamente.

A pesquisadora garante que não haverá nenhum tipo de identificação dos participantes. E que eles têm o direito de retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isto lhe traga nenhum tipo de prejuízo.

Em necessidade de maiores esclarecimentos a respeito dos aspectos éticos envolvidos, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP pelo endereço Av. Prof. Mello Moraes 1721, Bloco Gabriela, CEP 05508-030, Cidade Universitária - São Paulo – SP ou pelo e-mail ceph.ip@usp.br.

Nome e Assinatura da pesquisadora:

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, _____,
RG _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo ABRIGAMENTO E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora DAILZA PINEDA sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer tipo de penalidade. Além disso, minha identificação permanecerá em absoluto sigilo.

Local e data _____, ____/____/____

Nome e Assinatura do participante:

Nome e Assinatura do responsável legal:

Nome e Assinatura da pesquisadora:

ANEXO C – Tabela: Relação de adolescentes e abrigos

Nome (fictício)	Idade	Abrigo
Bruno	14 anos	Abrigo X
Juliana	17 anos	Abrigo X
Mariana	14 anos	Abrigo X
Ricardo	14 anos	Abrigo X
Aline	16 anos	Abrigo Y
Caio	14 anos	Abrigo Y
Gabriela	16 anos	Abrigo Y
Matheus	13 anos	Abrigo Y
Bianca	15 anos	Abrigo Z
Daniela	15 anos	Abrigo Z

TABELA 1 – Relação de adolescentes e abrigos

ANEXO D – Entrevista com Juliana

Juliana – 17 anos – Abrigo X

Dailza – Quantos anos você tem?

Juliana - 17.

Dailza – Há quanto tempo você está abrigada?

Juliana – há 4 anos.

Dailza – Sempre nesse abrigo ou você já passou por outros?

Juliana – Não, eu já passei por outros.

Dailza – Nesse abrigo você está há quanto tempo?

Juliana – Nesse? 4.

Dailza – E nos outros? Ao todo.

Juliana – Em um eu fiquei 8 anos.

Dailza – Em dois abrigos você passou?

Juliana – É.

Dailza – O que você mais gosta de fazer?

Juliana – Eu? Ouvir música.

Dailza – E o que você menos gosta de fazer?

Juliana – ir pra escola (Risos)

Dailza – em que momento vocês ouvem música?

Juliana – A noite.

Dailza – Tem um horário ou quando você quer?

Juliana – Não. Tem horário. Que é quando liga a televisão, a gente coloca. Cada um tem horário.

Dailza – E você vai pra escola? Você falou que não gosta né?

Juliana – Mas eu vou, né? Fazer o que?

Dailza – Me conta um dia seu, como é geralmente?

Juliana – Ah, eu acordo, vou pra escola, volto da escola, almoço e fico em casa fazendo nada.

Dailza – Você vai pra escola de manhã?

Juliana – É.

Dailza – E a tarde? O que você faz quando você num faz nada?

Juliana – Eu num faço nada, num faço nada.

Dailza – Qual é a melhor hora do seu dia?

Juliana – Melhor hora? Quando eu vou pra balada.

Dailza – Você costuma ir pra balada?

Juliana – Não, mas a melhor hora é quando eu vou pra balada, beijo uns gatinhos, sabe?

Dailza – Qual foi a ultima balada que você foi?

Juliana - ...

Dailza – Como é o nome?

Juliana – Open bar. Eu ia todo domingo.

Dailza – E agora?

Juliana – agora não.

Dailza – Por que você num vai mais?

Juliana – Porque num dá mais, a gente num tem mais essa regalia. Agora... eu também num tenho mais vontade de ir não.

Dailza – Quem que dá essa regalia pra vocês?

Juliana – A coordenação.

Dailza – Tá. Eu queria que você me falasse qual a pior hora.

Juliana – A pior hora? A escala. A hora da escala é a pior hora.

Dailza – O que é escala?

Juliana – Lavar louça.

Dailza – como funciona?

Juliana – Ah, cada um tem que lavar louça, tem um dia, cada um tem um dia de lavar louça. O meu é de sábado.

Dailza – lava louça o dia inteiro?

Juliana – Não. Lavo a louça da janta só, só que aquelas panelas lá... vixe... um monte de panelas, pratos, copos...

Dailza – Vocês que escolhem lavar louça?

Juliana – Não.

Dailza - Quem que escolhe?

Juliana – A educadora.

Dailza – Como ela escolhe? Você sabe?

Juliana – Não.

Dailza – O que é mais fácil de morar num abrigo?

Juliana – Nada é mais fácil.

Dailza – O que é mais difícil?

Juliana – Tudo é difícil nesse abrigo, eu se fosse por mim eu não morava em abrigo, mas fazer o que né?

Dailza – Como é morar num abrigo?

Juliana – Ruim. Péssimo.

Dailza – Você pode me dar algum exemplo?

Juliana – Ai, tudo. Tem hora pra tudo, sabe? Muita regra. Sei lá, na sua casa acho que você se sentirá mais a vontade... numa casa. Você num pode fazer nada, sabe?

Num pode namorar, sabe? Umas frescuras, sei lá.

Dailza – Tá. Eu queria que você lembrasse um dia aqui que você tenha achado muito bom.

Juliana – Aqui? O dia do meu aniversário de 15 anos.

Dailza – Como foi?

Juliana – Foi legal, Buffet, tudo. Aí foi festa com garçom, com DJ...

Dailza – A festa foi aqui mesmo?

Juliana – Não, foi lá... foi numa igreja, foi num lugar alugado, um salão.

Dailza – E quem que fez a festa?

Juliana – A gente pagou.

Dailza – E um dia que você lembra que tenha sido ruim?

Juliana – Aqui, um dia ruim? Quase todos os dias.

Dailza – Me conta um.

Juliana – Hoje, eu acho ruim.

Dailza – O que você fez hoje?

Juliana – Nada, por isso. Você num pode fazer nada, muita regra. Quase todo dia pra mim é ruim, porque eu num gosto de muita regra, trancado, sabe?

Dailza – Aqui nesse abrigo, você acha que tem algo em comum com os outros adolescentes?

Juliana – Não, eu acho que cada adolescente tem sua personalidade, eu não sou comum.

Dailza – Qual é a diferença que você acha?

Juliana – Ah, eu me acho mais madura que os outros.

Dailza – O que você faz que se acha madura?
Juliana – Minha atitude, oras.
Dailza – E o que é imaturo?
Juliana – Homens.
Dailza – Os homens?
Juliana – os homens dessa casa são muito imaturos, mentalidade de criança, sabe? sei lá... não gosto de pessoas assim.
Dailza – E as outras meninas?
Juliana – Ah, algumas são... são poucas né? Que eu gosto, não são todas não.
Dailza – O que você trouxe de fora pra cá?
Juliana - ... revolta. (risos).
Dailza – Revolta?! Como assim?
Juliana – Revolta. Ah não, não quero... eu quero me poupar, mas foi revolta.
Dailza – Tá. E o que você vai levar daqui quando sair?
Juliana – Tédio. (risos). Brincadeira. Daqui eu vou levar educação.
Dailza – Educação?! Em que série você está?
Juliana – Segundo. Segunda série.
Dailza – Do colegial.
Juliana – Isso.
Dailza – Que mais que é educação pra você além da escola?
Juliana – Não, não é escola, é aqui dentro mesmo, aprendo aqui dentro.
Dailza – O que você aprende?
Juliana – O que é educação, você não sabe o que é? (risos)... ah, aprendo muitas coisas, sabe? Sei lá... você aprende a cuidar de crianças, você aprende a como lidar com as pessoas, aprende trabalho... aprendo tudo isso.
Dailza – Certo. Você tem amigos aqui?
Juliana – Amigos? Só minhas irmãs.
Dailza – Você tem quantas irmãs?
Juliana – 2. A Maria e a Renata.
Dailza – Mais novas?
Juliana – aham.
Dailza – Quantos anos elas têm?
Juliana – A Maria tem 15 e a Renata tem 14, vai fazer 14.
Dailza – Como é sua relação com elas?
Juliana – Ótima. Às vezes tem umas briguinhas, mas é normal, né? Mas é bem bacana nossa relação.
Dailza – E você tem inimigos aqui?
Juliana – Inimigos não. Não tenho inimigos aqui, eu falo com todo mundo.
Dailza – Desde quando você entrou num abrigo até hoje, do primeiro abrigo até hoje, o que você acha que mudou em você?
Juliana – Eu num lembro. Eu sempre morei em abrigo.
Dailza – O que você lembra que não mudou?
Juliana – Meu jeito não mudou.
Dailza – Como é o seu jeito?
Juliana – Ah, minha personalidade é muito... às vezes tem umas pessoas falam que eu tenho uma personalidade muito forte, sabe?
Dailza – O que você faz pra elas acharem isso?
Juliana – ah, num sei, é o meu jeito.
Dailza – Qual é o seu sonho?
Juliana – Meu sonho? Quando eu vou pra cama e durmo, aí eu tenho sonho. (risos)

Dailza – E que sonho você geralmente tem?

Juliana – Meu sonho, assim, meu sonho é sair desse abrigo, ter minha casa, meu trabalho...

Dailza – Você quer trabalhar com o que?

Juliana – ah, no momento... [INAUDÍVEL] trabalhar de sonho, assim, é ser... eu quero fazer faculdade de artes cênicas.

Dailza – Você quer ser atriz!

Dailza – E daqui há dois meses, nós estamos em outubro, em dezembro, como você imagina que vai ser, como você vai estar?

Juliana – Eu imagino bastante festas. Festa, sabe? Curtição. Final de ano. Porque é final do ano, o ano inteiro é estudar, trabalhar, essas coisas... um mês de curtição.

Dailza – E se você imaginar daqui a dois anos.

Juliana – Daqui a dois anos?

Dailza – É. Como você se imagina?

Juliana – Daqui a dois anos eu me imagino trabalhando, com a minha casa, sabe? Não com a minha casa, minha casa que eu comprei, minha casa tipo alugada, sabe? Com as minhas irmãs.

Dailza – Você quer me contar mais alguma coisa sobre como é morar num abrigo?

Juliana – Ah, é muito chato, porque aqui é muita regra, sabe? Muita regra, você não pode fazer quase nada, tudo é permissão, sabe?

Dailza – Me dá um exemplo de alguma coisa que você gostaria de fazer e você não pôde.

Juliana – ah, num sei... Eu acho que eu gosto de ser bem livre, sabe? Eu num gosto de pedir permissão pra fazer as coisas. Eu acho que as pessoas nas suas... numa casa comum, assim, não têm toda essa regalia igual tem aqui.

Dailza – Regalia?

Juliana – É, tipo regras, sei lá... tem que pedir pra sair toda hora, sabe? Quando eu to na casa da minha mãe num é assim, eu falo “mãe, vou ali” e já... aí num tem horário pra voltar, sabe? Fala “ó, que horas você vai voltar?”, “tal hora”, “ta bom, então”. Aqui não, aqui às vezes elas deixa, é muito difícil elas deixarem, tipo...

Dailza – Quem deixa?

Juliana - As educadoras.

Dailza – Aí como você faz? Você argumenta?

Juliana – Não, tipo, você combina um horário, um horário, tipo, no máximo as dez horas, eu num gosto.

Dailza – Você chega a conversar, dizer que quer voltar mais tarde?

Juliana – Ah sim, mas elas num deixam. Eu tinha meu namorado, aí eu queria ficar com ele até mais tarde, só que elas num deixavam, eu só ficava até as sete com ele.

Dailza – O que elas falavam?

Juliana – “Ah não, você num pode ficar até mais tarde”.

Dailza – Você sabe porquê não pode?

Juliana – Não. [INAUDÍVEL]

Dailza – É isso? Então obrigada.

ANEXO E – Entrevista com BrunoBruno – 14 anos – Abrigo X

Dailza – Quantos anos você tem?

Bruno – 14.

Dailza – Há quanto tempo você está abrigado?

Bruno – Aqui? Vai fazer um mês.

Dailza – E no geral?

Bruno – Desde os 6 anos.

Dailza – Você tem 14, então são... 8.

Bruno – aham.

Dailza – O que você mais gosta de fazer?

Bruno – Eu? Jogar bola.

Dailza – Que horas você joga bola?

Bruno – Das 5 as 8h30.

Dailza – Você joga aonde?

Bruno – Aqui.

Dailza – Como é?

Bruno – Ah, jogar aqui dentro de casa, ali na quadrinha que tem ali.

Dailza – Com quem você joga?

Bruno – Com os meninos daqui da casa.

Dailza – O que você menos gosta de fazer?

Bruno - ...sair.

Dailza – Como assim?

Bruno – Sair com os meninos pra gente jogar bola ali frente tem uma quadra.

Dailza – O que você menos gosta?

Bruno – De sair pra jogar bola com os meninos.

Dailza – Por que você não gosta?

Bruno – Porque lá onde que nós joga, tem uns meninos que não sabem jogar muito, eles cavala quando nós dá driblinho neles.

Dailza – E o que você faz?

Bruno – Eu? Dou chapeuzinho, elástico é... um montão de coisa.

Dailza – Daí eles cavalam. E você?

Bruno – Eu vou e xingo eles.

Dailza – Me conta como é o seu dia geralmente.

Bruno – Meu dia é um pouco ruim. Porque eu acordo... eu acordo e vou pra escola, aí depois quando eu volto da escola tem as pessoas que... tem uns menininhos pequeninhos que eles são folgados, eles começam a mexer comigo, aí eu fico com vontade de bater neles, mas se eu bater neles a tia vem brigar comigo. Só.

Dailza – E você bate ou você não bate?

Bruno – Sei lá, bati uma vez.

Dailza – O que aconteceu?

Bruno – Eu tava dormindo, o menino veio, ficou... eu falei “num to brincando não”, aí ele veio de novo na brincadeira.

Dailza – E tia?

Bruno – A tia? É... falou, me botou de castigo.

Dailza – Como foi o castigo?

Bruno – Ficar sem sair.

Dailza – Quanto tempo?

Bruno – 3 dias.

Dailza – E o que você fez?

Bruno – Eu? Chutei ele.

Dailza – Daí você ficou três dias sem sair?

Bruno – aham.

Dailza – O que é mais fácil de morar num abrigo?

Bruno – ãh?

Dailza – O que é mais fácil de morar num abrigo?

Bruno – nada. Pra mim nada. É importante eu tando aqui, melhorar minha vida.

Dailza – Como você vai melhorar sua vida?

Bruno – Aqui eles coloca nós no trabalho e... depois que nós faz 18 anos, aí cada um vai pro seu outro lugar, num vai ter mais ninguém pra... é... pedir pra você fazer as coisas, alguém na sua... é, cuidando de você. Você vai ta cuidando de você mesmo, você já vai ta velho, mais velho.

Dailza – Qual vai ser o seu lugar quando você tiver 18 anos?

Bruno – Ter minha casa.

Dailza – Como você imagina isso?

Bruno – Minha casa é grande, um carro gran... um carrão, minha filha e minha esposa.

Dailza – Qual é o seu sonho?

Bruno – Meu sonho é ser jogador de futebol.

Dailza – O que é mais fácil de morar num abrigo? Não, isso você já respondeu. O que é mais difícil de morar num abrigo?

Bruno – Mas difícil... Aí eu num sei não. [INAUDÍVEL]

Dailza – Queria que você me contasse um dia aqui que você tenha achado bom.

Bruno – Quando eu saí pro hopi hari.

Dailza – Como foi o dia?

Bruno – Foi legal, foi todo mundo.

Dailza – Todo mundo quem?

Bruno – Foi eu, os meninos e a tia.

Dailza – E como foi lá?

Bruno – Foi legal. Fiquei com uma menina lá e depois voltei pra cá.

Dailza – Me conta um dia que tenha sido ruim.

Bruno – Ruim é nós não poder sair.

Dailza – Tem algum dia que você lembre?

Bruno – Nós não tamo mais saindo.

Dailza – Por que?

Bruno – Porque sumiram muitas coisas aqui, aí eu não fui o culpado e eu to pagando por isso. Aí eu num posso sair.

Dailza – Quem num deixa?

Bruno – As pessoas daqui, as mulher aqui.

Dailza – O que elas falam?

Bruno – Ela falou assim que não vai sair até encontrar.

Dailza – O que são essas coisas?

Bruno – São o celular, o mp4 do homem, o mp5 do menino que mora aqui, o mp4 da outra menina e os dinheiros que sumiu... mas é... por culpa deles eu num posso sair.

Dailza – Deles quem?

Bruno – quem roubou as coisas.

Dailza – Você sabe quem foi?

Bruno – não.

Dailza – Você tem alguma coisa em comum com os outros jovens aqui no abrigo?

Bruno – Não.

Dailza – E diferente?

Bruno – também não. Num tem nada diferente.

Dailza – E tem alguma coisa igual ou parecida?

Bruno – ãh?

Dailza – Tem alguma coisa parecida com os outros jovens daqui?

Bruno – Não.

Dailza – Nem diferente?!

Dailza – O que você trouxe de fora pra cá?

Bruno – Como assim?

Dailza – Alguma coisa que você tenha, pode ser uma coisa material ou não, que você tenha trazido de fora.

Bruno – Eu não trouxe nada, só trouxe minhas coisas, minha roupa e só.

Dailza – Suas roupas?! E quando você sair daqui o que você vai levar?

Bruno – Vou levar minhas roupas.

Dailza – As mesmas que você trouxe?

Bruno – Não, eu compro roupa aqui também, quando eu começar a trabalhar eu vou comprar minhas roupas e as outras roupas vou jogar fora.

Dailza – Por que você vai jogar fora?

Bruno – Porque eu vou estar um pouquinho grande e as roupas vão estar mais apertadas em mim.

Dailza – Você tem amigos aqui?

Bruno – Tenho, amigos amigos eu num tenho, mas eu tenho uns amiguinhos.

Dailza – O que vocês fazem juntos?

Bruno – Joga bola.

Dailza – Só jogar bola.

Bruno – hum... mexer no videogame e assistir alguns filmes.

Dailza – Que filmes você gosta?

Bruno – De comédia.

Dailza – Lembra de algum?

Bruno – não.

Dailza – E inimigos, você tem aqui?

Bruno – Não.

Dailza – Desde quando você entrou num abrigo até agora, o que mudou em você?

Bruno – Mudou... mudou tudo, mudou minha vida.

Dailza – Me dá um exemplo.

Bruno – Eu usava droga, eu parei de usar, eu usava muitas coisas, depois que eu entrei aqui, me falaram que eu não vou poder usar e eu to até agora sem usar.

Dailza – Você ta abrigado desde?

Bruno – aqui? Desde [INAUDIVEL], eu cheguei com 13 anos, agora tenho 14.

Dailza – E você usava drogas até entrar aqui? Que drogas você usava?

Bruno – Maconha, farinha, um montão de coisas, menos pedra.

Dailza – E por que você acha que parou?

Bruno - ... Pra mudar minha vida, e também mudar a vida de nós, pra nós... quando nós sair daqui num ficar morando na rua, batendo em muita gente, eles não querem o nosso mal, querem o nosso bem. Eles falaram pra nós parar com isso.

Dailza – Eles só falaram?

Bruno – Eles falaram [INAUDIVEL]”num pode, vai piorar sua vida... quando você sair daqui você não vai poder ver sua mãe, vai ficar nervoso com ela, agredir ela...”, só.

Dailza – O que você falou?

Bruno – Num falei nada, falei “ta bom então”.

Dailza – O que você acha que não mudou desde que você entrou num abrigo?

Bruno – Não mudou?

Dailza – O que não mudou?

Bruno – Não mudou nada, ta tudo a mesma coisa. Tem as coisas novas.

Dailza – Você me falou das coisas que mudaram, né? E o que você acha que não mudou?

Bruno – Nada. Ta a mesma coisa.

Dailza – Tá. O que você acha que vai acontecer daqui a 2 meses. Imagina, como você acha que vai estar?

Bruno – Vo ta grande, vou ta um pouco grande... vo ta... saindo mais, porque até lá eles vão esquecer, eles vão deixar nós sair, eles num vão deixar nós preso, porque se eles deixar nós preso, nós vamo ficar mais nervoso com a casa... querer fugir... aí nós vai começar a... aí depois vai ser melhor pra eles porque ninguém vai ficar pra cuidar de nós, aí até chegar outras pessoas... vai ser mó...

Dailza – Você já fugiu de algum abrigo?

Bruno – Não, eu nunca morei em abrigo, só morei em CRECA. Eu já fugi, já fugi várias vezes.

Dailza – Qual é a diferença de abrigo e CRECA?

Bruno – CRECA é... você fica três semanas lá e depois vai pra qualquer um... vai pra abrigo direito ou então vai pra outro CRECA, aí eu saí de um e foi pra outro CRECA, depois do outro CRECA vim pra cá.

Dailza – E daqui a dois anos, como você se imagina?

Bruno – ah?

Dailza – Daqui a dois anos...

Bruno - ...

Dailza – E se eu falar dez anos?

Bruno – Aí eu vou ta um pouco mais velho.

Dailza – O que você vai estar fazendo?

Bruno – Eu vou ta com a minha mulher, com a minha filha... só.

Dailza – Muito obrigada.

ANEXO F – Entrevista com GabrielaGabriela – 16 anos – Abrigo Y

Dailza – Há quanto tempo você ta abrigada?

Gabriela – Eu?

Dailza – É.

Gabriela – Acho que agora faz 11.

Dailza – 11? Já passou por vários abrigos?

Gabriela – Não, no outro eu tava 8 anos.

Dailza – E nesse?

Gabriela – E nesse... 3, acho que é 11.

Dailza – Tá, O que você mais gosta de fazer?

Gabriela – Eu? Ah, aqui, gosto de sair, quando eu tenho vontade eu ajudo os educadores a limpar a casa, a dar comida pros bebês e ajudar também a tia na cozinha.

Dailza – Pra onde você sai?

Gabriela – Nós vai pro clube escola, aí a gente vai pra escola, aí depois a gente volta, né? E nós fica fazendo alguma coisa, né? Na casa.

Dailza – Tá. E o que você menos gosta de fazer?

Gabriela – O que eu menos gosto? É quando a tia pega no meu pé pra mim fazer alguma coisa.

Dailza – Como é?

Gabriela – ãh?

Dailza – Dá um exemplo.

Gabriela – Ah, tipo quando eu to cansada, aí a tia sempre manda eu limpar o refeitório, manda limpar a sala, mas quando eu to cansada eu num limpo.

Dailza – Você num limpa? E o que acontece?

Gabriela – A tia fala que eu fico de castigo, me dá disciplina, aí eu vou e limpo.

Dailza – Como que é o castigo?

Gabriela – Disciplina, tipo, num vai sair... num vai assistir televisão, passeio num vai.

Dailza – Mas daí você limpa?

Gabriela – Aí eu limpo.

Dailza – Você já ficou de castigo?

Gabriela – Não.

Dailza – Queria que você me contasse um dia seu, como que é geralmente?

Gabriela – um dia meu?

Dailza – É.

Gabriela – ...

Dailza – Você acorda...

Gabriela – É, eu acordo, tomo café, aí fico na sala, aí faço as minhas atividades na casa, depois eu fico na sala de TV ou saio, depois volto, aí depois eu tomo um banho e vou pra escola.

Dailza – Em que série você ta?

Gabriela – Oi?

Dailza – Em que série você ta?

Gabriela – no supletivo.

Dailza – E quando você volta da escola?

Gabriela – Quando eu volto? Daí eu janto e vou dormir.
Dailza – Qual que é a melhor hora do seu dia?
Gabriela – A melhor? ... Ah, o dia num tem melhor não.
Dailza – E a pior?
Gabriela – A pior? É de domingo.
Dailza – O que acontece?
Gabriela – Eu num gosto de domingo, é ruim.
Dailza – O que tem aqui no domingo, me conta um domingo.
Gabriela – Ah, às vezes num tem quase nada pra fazer.
Dailza – O que vocês fazem quando num tem nada pra fazer?
Gabriela – Ah, fica na casa ou sai pro clube mesmo.
Dailza – O que na sua opinião é mais difícil de morar num abrigo?
Gabriela – Mais difícil? Quando eu saio pra algum lugar as pessoas ficam perguntando pra mim que eu sou de abrigo.
Dailza – O que você fala?
Gabriela – Ah, eu fico meio sem graça.
Dailza – E o que é mais fácil de morar num abrigo?
Gabriela – Ah, porque tem um lugar pra nós ficar, né? Um lar, né? Pra morar. Tem o que comer, né? Tem onde dormir.
Dailza – Você diz que é difícil quando as pessoas ficam perguntando...
Gabriela – É, tipo, você ta dentro de um lugar, né? Fica uma semana fora, aí você tem que ir pra um lugar, pra casa de um amigo, aí você tem que falar, né? Falar que você ta vindo de abrigo, aí eles ficam meio assim.
Dailza – O que eles pensam?
Gabriela – Ah, eu num sei, eles ficam olhando muito na sua cara, num sei... eu num sei o que eles pensam, porque eles ficam tipo encarando, meio encarando, olha muito depois pára de olhar.
Dailza – E o que você que as pessoas que moram em abrigo... o que você pensa? O que elas têm em comum?
Gabriela – Ah, eu num penso nada, porque eles também são de abrigo, né? Mas alguns têm mãe, tem pai que vai visitar, que nem eu, eu tenho minha irmã e ela vem me visitar.
Dailza – Quantos anos ela tem?
Gabriela – Ela tem... a minha outra tem, a mais velha, tem 25, né? E a terceira mais velha tem de...dezoito, não dezenove. E a Raquel que tava aqui comigo, ela fez 18.
Dailza – Daí ela saiu?
Gabriela – Ela saiu.
Dailza – Você num tem mais irmãos em abrigo?
Gabriela – Não.
Dailza – Você tem relação, contato com as suas irmãs ainda?
Gabriela – Tenho. com a mais velha, né? Até tem a minha sobrinha já.
Dailza – Queria que você lembrasse um dia que tenha sido bom aqui.
Gabriela – um dia que tenha sido bom? Ah, quando todo mundo ajuda na casa, tipo, quando a gente sai, né? E tem festa, todo mundo brinca muito.
Dailza – De que vocês brincam?
Gabriela – Ah, a gente brinca de bola, às vezes fica jogando uno, carta com os meninos e com as meninas também, e às vezes também... tipo, quando num tem briga na casa, quando todo mundo brinca, normal.
Dailza – E isso acontece muito?
Gabriela – Ah, porque às vezes tem muita briga aqui na casa, às vezes é difícil.

Dailza – Você lembra de uma briga? Como começou, assim...

Gabriela – Ah, tem muitas brigas aqui, os meninos briga.

Dailza – Você briga também?

Gabriela – Ah, brigar assim de sair na porrada não.

Dailza – Um dia que tenha sido bom fora daqui, você lembra?

Gabriela – Eu lembro.

Dailza – Conta aí.

Gabriela – Quando eu fui pra casa de uma tia, que ela veio me buscar, né? Aí fico na casa dela, ajudo ela, jogo videogame, mexo no computador, a gente sai, vai no shopping.

Dailza – E ela é sua tia ou você considera ela como uma tia?

Gabriela – Não, porque ela me buscava desde o outro abrigo, e ela continua me buscando aqui.

Dailza – De vez em quando você vai pra lá então?

Gabriela – É.

Dailza – E uma lembrança de um dia que tenha sido ruim?

Gabriela – Ruim? Vixe...

Dailza – Você num lembra?

Gabriela - ... lembro

Dailza – Você pode contar?

Gabriela – Quando eu cheguei a tia S ficou brava comigo.

Dailza – Por quê?

Gabriela – Porque eu respondi ela com um nome que ela num gosta, que ela num gostou.

Dailza – Você pode falar o nome?

Gabriela – (risos) quando eu xinguei ela de sapatona, aí ela foi e num gostou.

Dailza – O que ela fez?

Gabriela – Ela começou falar comigo, ela falou Gabriela eu num gostei desse tipo de... eu num aceito esse tipo de brincadeira boba.

Dailza – E por que você chamou ela de sapatona?

Gabriela – Eu num sei.

Dailza – Teve algum motivo?

Gabriela – Teve.

Dailza – O que você acha que você e os outros jovens que moram aqui têm em comum? O que é parecido entre vocês? Se tem alguma coisa...

Gabriela – Nada parecido.

Dailza – E tem alguma coisa que é diferente de você pras outras pessoas?

Gabriela – Tem. Que eles gostam de ... tem alguns que tem tipos de brincadeiras boas, outros têm pouca, algumas tem mais, né?

Dailza – Mais o que?

Gabriela – Não, que eles têm um tipo de brincadeira boa, os outros vem com um tipo de brincadeira mais diferente.

Dailza – O que é uma brincadeira boa?

Gabriela – Não, quando nós tamo brincando, tipo, normal, sem zona sem nada, aí vem um já vai arrastá pra tia, fala tia ó, esse pessoal tá no quarto das meninas brincando... de cartas, né? Aí outro vai e fala pra tia pra tia pode tirar a pessoa que ta brincando com a gente.

Dailza – O que é arrastar?

Gabriela – Ah?

Dailza – O que é arrastar?

Gabriela – Não, tipo, porque quando eu to brincando com os meninos lá no quarto, né? Aí quando fica eu, a Amanda, e o menino brincando de uno. Porque ele não pode ficar brincando no quarto das meninas, né?

Dailza – Entendi.

Gabriela – Aí a pessoa vai, desce, fala “tia, o Ricardo ta no quarto das meninas”, quer tirar a brincadeira de nós, pra ele sair do quarto das meninas.

Dailza – O que a tia faz?

Gabriela – Aí às vezes a tia deixa ele brincar, às vezes a tia manda ele sair.

Dailza – E ele sai?

Gabriela – Aí ele sai.

Dailza – O que você trouxe... com quantos anos você foi abrigada?

Gabriela – Oi?

Dailza – Com quantos anos você foi abrigada?

Gabriela – Desde pequena;

Dailza – O que você trouxe de fora pra dentro?

Gabriela - ... o que eu trouxe eu num sei.

Dailza – E o que você vai levar daqui quando você sair?

Gabriela - ... levar quando eu sair? ... Ah, coisas boas.

Dailza – Por exemplo?

Gabriela – Ah, porque aqui eu ajudo os educadores, eu pude aprender algo coisa, ajudo a tia na cozinha, aqui também, né? A limpar a casa, a cuidar dos meninos que estão almoçando, a tia às vezes manda eu ajudar, colaborar na casa, colaboro.

Dailza – Você gosta de ajudar?

Gabriela – Gosto, quando a tia pede minha ajuda, eu ajudo. Que nem hoje, eu tava ajudando.

Dailza – O que você tava fazendo?

Gabriela – Limpei a estante da sala, limpei a TV, limpei o chão, ajudei a tia na cozinha, a varrer o quintal aqui tudo... depois eu varri de novo.

Dailza – Aqui tem gente que não gosta de ajudar?

Gabriela – Tem gente que não ajuda, mas às vezes atrapalha.

Dailza – O que eles fazem?

Gabriela – Ah?

Dailza – Como atrapalha?

Gabriela – Atrapalha, né? Quando nós tamo varrendo, aí vem a pessoa brincar na onde que nós tamo limpando, às vezes passa onde nós passamo pano, a tem gente passando, né? Fica atrapalhando.

Dailza – Você tem amigos aqui?

Gabriela – Eu tenho.

Dailza – O que vocês gostam de fazer?

Gabriela - ...Ah, nós sai junto, nós brinca.

Dailza – e você tem inimigos aqui?

Gabriela – Inimigos?

Dailza – É.

Gabriela – Não.

Dailza – Desde que você entrou num abrigo, até hoje, você acha que mudou alguma coisa em você?

Gabriela - ...Mudou um pouco.

Dailza – Você sabe me falar o que?

Gabriela – As brigas.

Dailza – Por que?

Gabriela – Porque antes eu brigava muito, aí a tia conversa comigo, às vezes eu me acalmo.

Dailza – Você é muito nervosa?

Gabriela – É, às vezes eu sou nervosa, tipo saio xingando, agora eu num saio mais.

Dailza – E o que não mudou, desde quando você entrou você ainda continua sendo parecida?

Gabriela – O que não mudou? Não sei.

Dailza – Alguma coisa não mudou?

Gabriela – Não.

Dailza – Tudo mudou?

Gabriela – Mudou.

Dailza – Qual é o seu sonho?

Gabriela – Meu sonho? ...

Dailza – Você tem algum sonho?

Gabriela – Ah, meu sonho é poder sair do abrigo, quando eu sair do abrigo poder fazer alguma coisa, né? Tipo, eu trabalho, aí depois eu chego, cuido da casa... ter filhos.

Dailza – Você quer ter quantos filhos?

Gabriela – Um.

Dailza – Menino ou menina?

Gabriela – Menina.

Dailza – Por que?

Gabriela – Ah, porque menina tem mais juízo do que menino.

Dailza – Tem mais o que?

Gabriela – Ah, mais juízo.

Dailza – Você falou que queria trabalhar, seu sonho é trabalhar onde?

Gabriela – num sei.

Dailza – Agora eu queria que você se imaginasse daqui a dois meses, como vai ser, como você vai estar, o que você vai estar fazendo...

Gabriela - ... ajudar minha irmã na casa.

Dailza – Sua irmã tem quantos anos?

Gabriela – De novo?

Dailza – é, você falou que vai ajudar sua irmã na casa dela ou aqui?

Gabriela – Na casa dela. Ajudar minha irmã na casa dela, a fazer comida, a lavar roupa, ajudar ela em casa.

Dailza – E daqui... imagina mais, dois anos...

Gabriela – Ah, dois anos eu num sei, aí eu num sei.

Dailza – E se eu falar dez anos? Como você vai estar daqui a dez anos?

Gabriela – Se dois anos eu num sei, imagine dez anos.

Dailza – Queria saber se você quer me contar mais alguma coisa sobre você... sobre o abrigo...

Gabriela – ...

Dailza – Obrigada.

ANEXO G – Entrevista com MatheusMatheus – 13 anos – Abrigo Y

Dailza - Quantos anos você tem?

Matheus- Treze.

Dailza - E a quanto tempo você tá abrigado?

Matheus - Hum... Faz seis anos.

Dailza - E nesse abrigo?

Matheus- Nesse abrigo vai fazer dois anos.

Dailza - Dois? Você tem irmãos? Também estão aqui?

Matheus - Só um. [INAUDIVEL] tá na escola.

Dailza - E os outros?

Matheus - Tem dois com a minha mãe, três foram adotados e um... Ele foi embora daqui.

Dailza - Já maior?

Matheus - Não, é porque a diretora, a antiga diretora, é... Deu uns problemas aí ele foi embora. Aí tá na casa de uma mulher.

Dailza - Tá. Você tem contato com seus irmãos?

Matheus - Nem tanto.

Dailza - E com a sua mãe?

Matheus - Não.

Dailza - Aqui, o que você mais gosta de fazer?

Matheus - Assistir televisão.

Dailza - Assistir TV? Tem algum programa que você gosta mais?

Matheus - Naruto.

Dailza - Naruto? E o que você menos gosta de fazer?

Matheus - Tarefa da cozinha.

Matheus - Tem que lavar a louça, secar, guardar, limpar a cozinha...

Dailza - E que tarefa que você gosta de fazer? Tem alguma?

Matheus - [pausa] Acho que o quarto e o refeitório...

Dailza - O que você tem que fazer?

Matheus - E a sala.

Dailza - Como que é?

Matheus - A sala você vai e passa o pano, o refeitório também, o quarto... É, também.

Dailza - E eu queria que você me contasse um dia seu. Como geralmente é?

Matheus - Bagunçado.

Dailza - Bagunçado? Por que?

Matheus - Por que... [INAUDIVEL ("sou agitado?")], tem muitas coisas pra fazer...

Dailza - Vamos lá... Você acordou. Que horas você acorda?

Matheus - Às vezes nove horas, dez...

Dailza - E aí você acorda...

Matheus - Banheiro, escovo os dentes, depois eu desço, ligo a televisão e assisto, aí depois tomo café, aí fim de semana eu saio, vou pro SESC, aí eu volto, almoço, aí... [Vou na] escala...

Dailza - Vai na escala... Que escala?

Matheus - A escala pra fazer as tarefas.

Dailza - Certo. Você vai pra escola? Que horas você vai pra escola?

Matheus - A tarde.

Dailza - Que série você tá?

Matheus - Sexta.

Dailza - Você disse que gosta de ir pro SESC, né? O que você faz lá?

Matheus - Mexo no computador, às vezes jogo bola, fico andando...

Dailza - Você vai acompanhado de educadores ou você vai sozinho?

Matheus - Sozinho. Eu e meus amigos.

Dailza - E qual é a melhor hora do dia na sua opinião?

Matheus - Onze e meia.

Dailza - O que você faz?

Matheus - Assistio Naruto.

Dailza - Assiste Naruto? Como é a história do Naruto?

Matheus - É... É um garoto, né? Que... Ele é lá do Japão. É porque tinha tipo uma besta, aí atacou a aldeia dele, aí o pai dele sacrificou pra salvar a vila... Daí é tipo um [INAUDIVEL]. Aí ele é o [INAUDIVEL]. É mais ou menos isso...

Dailza - Ele é um herói?

Matheus - O pai dele.

Dailza - Ah tá. O que ele faz?

Matheus - Ele é um ninja.

Dailza - Um ninja?! E qual é a por hora do dia aqui?

Matheus - A hora de ir pra escola.

Dailza - Por que?

Matheus - Porque... Enrola, demora muito... Tem muita gente pra tomar banho a tarde também...

Dailza - Você gosta de ir pra escola?

Matheus - [INAUDIVEL]

Dailza - Não entendi...

Matheus - Mais ou menos.

Dailza - Mais ou menos... O que é bom na escola?

Matheus - Educação Física, Ciências, hum... Artes, e um pouco de Português. Só.

Dailza - E o que é ruim?

Matheus - Matemática e leitura.

Dailza - Por que é ruim?

Matheus - Porque [INAUDIVEL]

Dailza - E o que na sua opinião é mais difícil de moral num abrigo?

Matheus - Não sei...

Dailza - E o que é mais fácil?

Matheus - Não sei...

Dailza - Como é morar num abrigo?

Matheus - Legal...

Dailza - Queria que você me lembrasse um dia que você tenha vivido aqui que tenha sido muito bom.

Matheus - No dia que a Record veio reformar o abrigo.

Dailza - Como foi?

Matheus - Eles foram reformar, daí nós fomos pra um hotel fazenda, e passamos três dias lá.

Dailza - Aonde?

Matheus - Lá em Mairiporã, num hotel fazenda.

Dailza - E aí, o que você fizeram lá?

Matheus - Nós nadamos, fizemos um monte de coisa...

Dailza - Você já tinha ido pra um hotel fazenda?

Matheus - Não.

Dailza - E um dia que você lembre que tenha sido ruim?

Matheus - O dia que eu fiquei de castigo.

Dailza - Como foi?

Matheus - Por que eu cheguei tarde aqui. Era pra mim voltar umas cinco e meia, aí voltei sete horas. Aí eu fiquei de castigo. Fiquei de castigo três dias sem sair.

Dailza - Sem sair? O seu castigo era só não sair, ou tinha mais coisa?

Matheus - Só não sair.

Dailza - O que você ficou fazendo na rua?

Matheus - Eu tava na casa do meu amigo que tava jogando bola na rua. Aí nós... cheguei sete horas.

Dailza - Perdeu a hora ou você sabia?

Matheus - Perdi a hora. [INAUDIVEL] Relógio tava quebrado.

Dailza - E aqui, o que você tem em comum com as outras crianças e adolescentes?

Uma coisa que é parecida em vocês.

Matheus - Sei lá...

Dailza - Tem alguma coisa?

Matheus - A nossa vida, né?

Dailza - O que é parecido na vida?

Matheus - Ah, um monte de coisa...

Dailza - Não sabe? Não quer falar?

Matheus - Eu não sei...

Dailza - Tá. E o que você acha que você é diferente das pessoas que moram aqui?

Matheus - Eu não sei, não...

Dailza - Também não? Tá. Você veio pra cá com quantos anos? Quer dizer, pros abrigos.

Matheus - O primeiro abrigo acho que eu passei com dois anos.

Matheus - Dois? Tá. Tem alguma que você tenha trazido de fora pro abrigo?

Matheus - Não.

Dailza - E tem alguma coisa que você vai levar daqui pra fora quando você sair?

Matheus - Tem.

Dailza - O que?

Matheus - Muitas coisas.

Dailza - Fala aí algumas pra mim.

Matheus - Educação, hum... [RUIDOS]

Dailza - Educação...E o que é educação? Dá um exemplo pra mim.

Matheus - É educar os outros [RUIDOS] fazer bagunça, falar palavrão, sair batendo nos outros...

Dailza - Você tem amigos aqui?

Matheus - Tenho.

Dailza - O que você fazem juntos?

Matheus - Joga boa, a gente sai...

Dailza - E você tem inimigos?

Matheus - Não.

Dailza - Já teve inimigos aqui?

Matheus - Não.

Dailza - Desde que você entrou no abrigo, até hoje, o que você acha que mudou em você?

Matheus - Respeito, educação...

Dailza - O que é o respeito?

Matheus - Respeitar os outros.

Dailza - Me dá uma situação, assim, um exemplo que tenha acontecido.

Matheus - Ajudar [INAUDIVEL] não sair xingando os educadores.

Dailza - Você já fez isso alguma vez?

Matheus - [Não muitas..]

Dailza - Você lembra uma situação que você xingava o educador, que aconteceu?

Como foi? O motivo?

Matheus - ...

Dailza - O que você acha que não mudou em você desde que você entrou? O que continuava assim, parecido? Tem alguma coisa?

Matheus - ...

Dailza - Tá. Qual é seu sonho?

Matheus - Meu sonho... Queria jogar basquete.

Dailza - Você quer jogar aonde?

Matheus - NBA.

Dailza - Onde você joga?

Matheus - Na escola.

Dailza - Quais são seus planos pra daqui a dois meses? Como que você vai estar?

Matheus - [INAUDIVEL]

Dailza - Você acha que vai ter alguma coisa diferente de hoje?

Matheus - Não sei.

Dailza - E daqui... Imagina você daqui a dois anos. O que você vai estar fazendo?

Matheus - Vou estar trabalhando. Estudando também.

Dailza - Onde você se imagina trabalhando?

Matheus - Sei não..

Dailza - Não sabe? Aqui, quais os educadores que você mais gosta?

Matheus - Seu Bruno, a tia A, o tio O, o tio Dailza...

Dailza - O que esses todos tem em comum?

Matheus - Eu não sei..

Dailza - Por que você gosta deles?

Matheus - Porque... Eu não sei.

Dailza - E os que você não gosta, você sabe o motivo pra você não gostar? Tem algum que você não gosta?

Matheus - Não.

Dailza - Você quer me contar mais alguma coisa sobre a sua vida aqui? Sobre a sua vida, e tal?

Matheus - ...

Dailza - Por que você foi abrigado?

Matheus - Eu não sei.

Dailza - Quer me contar mais alguma coisa?

Matheus - ...

Dailza - Não?

Matheus - Acho que não... Não sei.

Dailza - Não sabe?! Bom, então obrigada.

ANEXO H – Entrevista com CaioCaio – 14 anos – Abrigo Y

Dailza – Quantos anos você tem?

Caio – 14.

Dailza – Há quanto tempo você está abrigado?

Caio – em geral?

Dailza – em geral.

Caio – Faz 5 anos, não aqui, nesse faz 8 meses.

Dailza – Em quantos abrigos você já ficou?

Caio - ...Abrigo? já passei em uns... porque assim, tem diferença entre abrigo e creca, né? CRECA eu já passei em uns cinco e em abrigo, dois.

Dailza – E qual é a diferença?

Caio – Ah, a diferença é que falam que CRECA fica meses, né? Num fica ano e abrigo fica ano.

Dailza – O que você mais gosta de fazer?

Caio – Jogar bola.

Dailza – Futebol?

Caio – futebol.

Dailza – E o que você menos gosta de fazer?

Caio – Menos gosto? É... ah, num sei.

Dailza – Tem alguma coisa?

Caio – Não, num tem.

Dailza – Queria que você me contasse um dia.

Caio – Um dia? Como assim?

Dailza – um dia seu.

Caio – O que eu faço num dia? Ah, eu trabalho, né? To trabalhando, daí hoje eu num fui por causa da condução, eu passo o dia inteiro fora, eu saio as oito, oito horas daqui, chego lá dez horas e saio quatro de lá e venho pro abrigo.

Dailza – O que você faz quando chega?

Caio – Aqui? Eu estudava, não to estudando mais, eu parei de estudar faz... semana passada. Eu chegava, tomava banho e ia pra escola a noite. Mas aí eu num gostei de lá, porque... muito corrido, tinha que acordar mais cedo ainda, chegava quase meia noite em casa, aí a tia falou que vai ver se ela põe eu em outro lugar de manhã.

Dailza – Onde você trabalha?

Caio – Eu trabalho no XXXX, a ONG daqui mesmo.

Dailza – O que você faz lá?

Caio – Mexo com câmera de segurança e computador, monto, desmonto...

Dailza – Faz tempo?

Caio – Faz uns 6 meses, por aí.

Dailza – Você tem um salário?

Caio – Tenho. É assim, eu num trabalho lá na verdade, né? Eu faço... porque como eu tenho 14 anos num é a idade ainda certa, aí que o XX presidente de lá, falou assim que é uma bolsa né? É um curso, como se fosse um curso que eu faço e ele me dá uma bolsa de 200 reais por mês.

Dailza – E qual é a melhor hora do seu dia?

Caio – Melhor hora? Parte da tarde, lá pra umas 14h30.

Dailza – Como que é?

Caio – Ah, é a hora que eu fico mais me movimentando, eu fico mais animado, ou mesmo trabalhando ou jogando bola, é a hora que eu fico mais não preguiçoso, eu fico mais animado.

Dailza – E qual é a pior hora?

Caio – A pior? A pior é quando eu acordo cedo. Umás 6h30, 7h, por aí.

Dailza – Por que?

Caio – Porque eu tenho que trabalhar, daí a tia me acorda.

Dailza – Como é, a tia te acorda...

Caio – É porque assim, ela acorda primeiro meus irmãos, eu tenho irmão aqui, meus irmãos e o pessoal que vai pra escola, aí acorda eles, aí umas 5 eles vão pra escola, aí quando troca o plantão, aí o tio me acorda umas 7 horas, às vezes peço pra acordar cedo, aí eles me acorda, eu tomo banho, tomo meu café, espero dar 8 horas, quando dá 8 horas eu saio daqui, tenho que estar lá 10 horas.

Dailza – Você tem outros irmãos aqui...

Caio – Tenho mais três.

Dailza – Vocês são em quantos irmãos ao todo?

Caio – Aqui no abrigo ou ao todo?

Dailza – Ao todo.

Caio – 13.

Dailza – E os outros estão aonde?

Caio – Os outros tão com a minha mãe, não minha mãe não, os outros tão com a minha tia, porque a maioria é tudo grande né? O resto tão com a minha tia, os pequenininhos com a minha tia, um com a madrinha.

Dailza – Você tem contato com eles?

Caio – Não, eu só tinha contato com minha outra irmã.

Dailza – E seus irmãos que estão aqui são mais novos que você ou mais velhos?

Caio – São mais novos.

Dailza – O que é mais difícil de morar num abrigo?

Caio – É ficar longe dos pais.

Dailza – Você tem algum contato com seus pais?

Caio – Eu num tenho pai, meu pai é falecido e minha mãe é foragida da justiça.

Dailza – Você num tem nem ideia de onde ela esteja?

Caio – Meu pai já faleceu, minha mãe não.

Dailza - E o que é mais fácil de morar num abrigo?

Caio – Mais fácil? Ah, num é assim mais fácil, é um ambiente diferente, né? Porque em casa a gente num tinha o que a gente em aqui, né? A gente tem cinco refeições por dia, na minha casa por exemplo tinha duas, e olha lá ainda. Aqui diferença é que, assim vamos supor, a gente tem onde a gente dormir, a gente tem onde comer, tem onde ficar, tem lazer, aqui a gente praticamente tem de tudo.

Dailza – Praticamente?

Caio – É.

Dailza – O que num tem aqui?

Caio – O que num tem aqui? Ah, assim, num tem o que num tem aqui, o que tem aqui ta ótimo.

Dailza – Num falta nada?

Caio – Num falta anda.

Dailza – Queria que você me contasse um dia que você lembre que tenha sido muito bom.

Caio – No abrigo? Um dia... muito bom? ... foi no natal.

Dailza – Como foi?

Caio – No natal quando a gente ganhou bastante roupa, ganhamo roupa, presente, assim, na verdade, pode ser dois dias? Um dia foi o natal que eu ganhei roupa, presente. E o melhor de todos mesmo, foi quando eu vim pra cá morar com os meus irmãos. Eu tava em outro abrigo.

Dailza – Como foi quando você chegou?

Caio – É porque eu vinha pra cá, a primeira vez eu vim visitar eles, é diferente, fiquei dois anos e meio sem ver eles, aí a gente conversamos, aí depois vim visitar de novo, aí a tia perguntou se eu queria vir morar aqui, aí eu falei “não, morar num sei”, aí falei que eu num sei, aí ela falou “você quer ir lá passar os finais de semana?”, falei “quero”, aí eu vinha pra cá, chegava sexta e ia na segunda feira embora, aí me acostumei, aí caiu a vaga aqui, eu falei ta bom, vim morar aqui.

Dailza - E um dia que você lembre como um dia ruim?

Caio – Ah, foi quando minha mãe foi presa.

Dailza – Como foi?

Caio – Assim, minha mãe ela ia visitar o namorado na cadeia que ela arrumou, aí na sexta feira, chegou uma sexta feira que ela foi, aí ficou eu e meus irmãos em casa, até o meu irmão de 18 anos, tinha na época uns 17, por aí... aí a gente tava dormindo na sala, aí era sábado, meu tio foi lá na porta, bateu, ele perguntou a notícia, falei “o que foi?”, ele falou assim “sua mãe foi presa”, aí todo mundo começou a chorar, aquela correria, saber onde ela ta... aí no mesmo dia, deixaram ela ligar pra gente, a gente falamos com ela no telefone, aí nós não vimos mais ela. Assim, eu fui o único que vi ela mais, porque quando eu tava no outro abrigo deixaram eu ir visitar ela uma vez na penitenciária.

Dailza – Agora ela num ta mais na penitenciária?

Caio – Não, ela foi transferida pra outro lugar e de lá ela pediu uma licença pra sair, aí num quis voltar, agora ninguém sabe onde ela está.

Dailza – Queria que você me contasse um dia que tenha sido bom fora do abrigo.

Caio – Na minha casa?

Dailza – É.

Caio – Um dia bom? Ah um dia bom foi quando... foi um... acho que foi aniversário da minha irmã, foi. Ela tinha feito... tinha completado dois anos, aí a minha mãe fez festa, assim, na verdade foi das minhas duas irmãs, a que ta aqui e a outra minha irmã que ta com a minha tia, no aniversário dela. Aí teve mó festa em casa, bolo, tudo, nesse dia foi a primeira vez que teve festa em casa, que nunca teve na minha casa.

Dailza – Aqui, você tem alguma coisa que é parecida com as outras crianças e adolescentes que moram aqui?

Caio – Como assim?

Dailza – Alguma característica, alguma coisa que você fale “a gente se parece nisso”.

Dailza – Não?! E alguma coisa que você fale “eu sou diferente deles por causa disso”.

Caio – ah, aqui a gente não é diferente de ninguém, aqui um trata todos iguais, aqui foi que nem a tia falou, aqui num tem ninguém diferente que ninguém, vai, vamos supor: vai comprar... como é que se diz? Vai comprar um chinelo pra um, aí vai falar não, se todo mundo tem... vamos supor: ta todo mundo sem chinelo, aí a tia vai comprar um chinelo, aí vai falar “por que ele ganhou?”, aí o que ela faz? Ela compra

pra todo mundo, às vezes ela até fala “Não, não tem dinheiro porque se eu vou dar pra vocês os outros vão querer também, mas aí ela...”

Dailza – Então vocês são tratados de modo igual?!

Dailza – Você foi abrigada com quantos anos?

Caio – Com nove.

Dailza – O que você trouxe de fora pro abrigo, com você?

Caio – Não sei.

Dailza – E o que você vai levar daqui quando você sair?

Caio - ...Daqui? ...ah, sei lá, não sei.

Dailza – Você tem amigos aqui?

Caio – amigos? Tenho.

Dailza- O que você faz com eles?

Caio – ah, a gente se diverte, a gente fica quase o tempo todo juntos de fim de semana.

Dailza – Como você gosta de se divertir?

Caio – Aqui dentro?

Dailza – Tanto faz.

Caio – ah, a gente gosta de jogar vídeo game, que às vezes tem educador que trás pra gente jogar vídeo game e jogar bola, a gente vai pro clube aqui embaixo jogar bola, a gente vai pra piscina, a gente vai pro telecentro jogar...

Dailza – Você tem inimigos aqui?

Caio – Inimigos? (balança a cabeça negativamente)

Dailza – Não?! Desde quando você entrou no primeiro abrigo até hoje, o que você acha que mudou em você?

Caio – O que mudou? ... ah, muitas coisas.

Dailza – Fala aí algumas.

Caio – ah, uma é que eu assim... o que mudou em mim é que assim... eu era uma pessoa que era muito sozinha, num gostava de conversar com ninguém, agora eu converso com todos, tem coisa que eu nem me lembro, eu já passei em tanto lugar que vai passando e num dá pra lembrar.

Dailza – E o que você acha que desde o momento que você entrou no abrigo não mudou, é a mesma coisa em você?

Caio - não sei.

Dailza – Você acha que tem alguma coisa?

Caio – Não sei não.

Dailza – Qual é o seu sonho?

Caio – Meu sonho? Meu sonho... ó, meu sonho ou é ser jogador de futebol ou ser profissional em montagem e manutenção de computador e câmera, quero me tornar um profissional.

Dailza – Quais são os seus planos, como você se imagina daqui a dois meses?

Caio – Daqui a dois meses?

Dailza – O que você vai estar fazendo?

Caio – Ah, se deus quiser trabalhando...

Dailza – Continuar ou trabalhando em outro lugar?

Caio – Não. Continuar trabalhando, continuar trabalhando... aí vamos supor, a pergunta quer dizer o que eu vou... o que você acha que vai acontecer daqui a dois meses?

Dailza – É.

Caio – Ah, pretendo também ter uma bicicleta, uma bicicleta pra mim.

Dailza – e daqui a dois anos?

Caio – Daqui a dois anos? Num sei.

Dailza – Então daqui a dez anos?

Caio – Ah, daqui a dez anos eu vou tá... daqui a dez anos dá pra imaginar... daqui a dez anos eu quero... vamos supor, quero começar agora a ter uma poupança no banco, quero juntar todo o dinheiro que eu ganho, juntando pra quando eu sair daqui, fizer 18 anos, eu comprar uma casa, comprar uma casa quero ter, dar um tempo, tentar tirar meus irmãos do abrigo, tirar meus irmãos do abrigo e vim morar com eles.

Dailza – Eles são bem mais novos?

Caio – São.

Dailza – Quantos anos eles têm?

Caio – Um ta aqui fora tem 11, o outro fez 10, ow, tem 12, 10 e a outra tem 6.

Dailza – Por que você foi abrigado?

Caio – Eu? Assim, eu já passei várias vezes, já passei no... o primeiro motivo foi porque meu tio me maltratava eu, aí eu num agüentava, eu fugia, aí eu ia lá. O juiz me pegou, me levou pro abrigo, aí minha mãe foi e me tirou, aí depois a noite eu... aí depois minha mãe foi presa, eu voltei, num tinha ninguém pra ficar comigo, aí eu voltei.

Dailza – Você quer me contar mais alguma coisa sobre você?

Caio – hum... não, tá bom.

Dailza – Obrigada!

ANEXO I – Entrevista com RicardoRicardo – 14 anos – Abrigo X

Dailza – Quantos anos você tem?

Ricardo – 14.

Dailza – Há quanto tempo você está abrigado?

Ricardo – Dois anos.

Dailza – E nesse abrigo?

Ricardo – Como assim?

Dailza – Nesse abrigo você está há quanto tempo?

Ricardo – Dois anos.

Dailza – Você já passou em outros?

Ricardo – Não.

Dailza – Por que você foi abrigado?

Ricardo – Porque eu fazia coisa de errado quando eu morava com a minha mãe.

Dailza – Que coisas?

Ricardo – Fugia de casa, saia pra vender drogas...

Dailza – O que você mais gosta de fazer?

Ricardo – Ficar com a minha família aqui no abrigo.

Dailza – Você tem algum familiar aqui no abrigo?

Ricardo – Tenho. Minha irmã e minha sobrinha.

Dailza – Mais novas ou mais velhas?

Ricardo – Tenho uma irmã que tem 12 e uma sobrinha que tem 4.

Dailza – O que você menos gosta de fazer?

Ricardo – Quando minha sobrinha tá doente, eu não gosto de fazer nada.

Dailza – Tem alguma situação que você lembre de quando sua sobrinha ficou doente?

Ricardo – Tem.

Dailza – Como foi?

Ricardo – Eu num fiz nada, não joguei bola, num fiz nada.

Dailza – Por que?

Ricardo – Preocupado.

Dailza – Me conta um dia seu, como é geralmente?

Ricardo – Acordo, tomo café da manhã, depois vou tomar banho, almoço e vou pra escola.

Dailza – E depois?

Ricardo – Na escola faço as minhas lição, às vezes tem educação física, volto pra casa de ônibus, quando eu volto, eu joga bola.

Dailza – Qual é a melhor hora do dia?

Ricardo – Melhor hora? (INAUDÍVEL)

Dailza – Quando você tá fazendo o quê?

Ricardo – Brincando com a minha sobrinha.

Dailza – De que vocês brincam.

Ricardo – Eu brinco com ela de várias coisas, fico brincando de levar ela no carrinho... um monte de coisas.

Dailza – Qual que é a pior hora?

Ricardo – A pior hora é... é quando a minha irmã tá na escola e a minha sobrinha também.

Dailza – O que você fica fazendo?

Ricardo – Fazendo nada.

Dailza – O que é mais difícil de morar num abrigo?

Ricardo – Mais difícil? Pra mim eu num acho muito difícil não.

Dailza – o que é mais fácil?

Ricardo – Ah, mais fácil é você conquistar os amigos.

Dailza – Você tem amigos aqui?

Ricardo – Tenho.

Dailza – O que vocês fazem juntos?

Ricardo – Jogamos bola.

Dailza – Como foi conquistá-los?

Ricardo – Foi difícil, mas foi legal.

Dailza – O que você fez?

Ricardo – Fui perguntando o nome de cada um, aí eles foram me chamando pra jogar bola. Quando cheguei no abrigo, não conhecia ninguém. Aí eu só saia pra cá, ficava sentado aqui, aí tinha alguns meninos que vinha, me cumprimentava, perguntava meu nome e chamava eu pra jogar bola.

Dailza – Você tem inimigos aqui?

Ricardo – Não.

Dailza – Me conta um dia que tenha sido bom.

Ricardo – O dia de sábado.

Dailza – O que acontece?

Ricardo – Quando eu vou pro [INAUDIVEL].

Dailza – Como é?

Ricardo – É muito legal. Faz um monte de atividades.

Dailza – Que tipo?

Ricardo – Tipo, acampamento, tipo, vai pro Butantã, vai pra um monte de lugares.

Dailza – Me conta um dia que tenha sido ruim?

Ricardo – Ruim? É quando eu num vou pra escolar.

Dailza – Você lembra de algum dia?

Ricardo – Hoje mesmo.

Dailza – Como foi?

Ricardo – Foi ruim, num tinha ninguém na casa, só ficou eu, chamei alguém pra jogar bola e ninguém quis.

Dailza – Você tem algo em comum com as outras pessoas que moram aqui, parecido?

Ricardo – Não.

Dailza – E algo diferente?

Ricardo – Sei não.

Dailza – O que você trouxe de fora pra cá?

Ricardo – Muitas lembranças.

Dailza – Que tipo?

Ricardo – Quando eu ficava na rua, quando eu saia pra pedir dinheiro.

Dailza – Como era?

Ricardo – Era chato.

Dailza – O que você vai levar daqui quando sair?

Ricardo – Muitas lembranças e minha família.

Dailza – Como assim?

Ricardo – Minha sobrinha e minha irmã.

Dailza – Você é o mais velho?

Ricardo – Não, sou o terceiro.

Dailza – Quem é o mais velho?

Ricardo – É a Léia, aí tem a Léia de 19, o Tiago de 18, um de 14, tem a minha irmã de 12 e tem minha sobrinha de 4.

Dailza – Sua sobrinha é filha de quem?

Ricardo – Da Léia.

Dailza – Você tem contato com a Léia?

Ricardo – Às vezes sim.

Dailza – Você vai lá ou ela vem aqui?

Ricardo – Às vezes ela vem aqui, às vezes eu peço pra tia ir visitar ela.

Dailza – E aí?

Ricardo – A tia deixa.

Dailza – Como é a visita?

Ricardo – Boa.

Dailza – Você vai até lá sozinho?

Ricardo – Às vezes vou de ônibus, às vezes não.

Dailza – Desde que você entrou num abrigo, o que mudou em você?

Ricardo – Meu jeito.

Dailza – Como assim?

Ricardo – De falar palavrão, falava muito palavrão, agora num falo... falo às vezes assim quando eu to nervoso.

Dailza – E por que você acha que mudou?

Ricardo – Ah, num sei... Acho que foi pelo ensino que eles me deram aqui.

Dailza – O que eles te ensinaram?

Ricardo – Muitas coisas. Tipo não falar palavrão, olhar bem na ca... nos olhos das pessoas. Coisas que antes eu num fazia.

Dailza – O que não mudou em você?

Ricardo – O meu jeito de ser. Às vezes eu grito, às vezes eu fico quieto.

Dailza – Quando você grita?

Ricardo – Quando eu to jogando bola.

Dailza – E quando você fica quieto?

Ricardo – Quando eu to assistindo televisão.

Dailza – Qual é seu sonho?

Ricardo – Meu sonho é sair desse abrigo com minha família, ter uma boa casa, um bom emprego e um bom carro.

Dailza – No que você gostaria de trabalhar?

Ricardo – De empresário.

Dailza – Em que ramo?

Ricardo – Sei lá... de banco.

Dailza – Quais são seus planos, o que você acha que vai estar acontecendo daqui a dois meses?

Ricardo - ...

Dailza – E daqui a dois anos?

Ricardo – Vai mudar algumas pessoas da casa, vão chegar mais gentes novas e eu vou fazer mais amizades.

Dailza – E daqui a dez anos?

Ricardo – Dez anos... Acho que eu não vou tá aqui... é, eu não vou tá aqui.

Dailza – Você vais estar onde?

Ricardo – Vo ta morando sozinho já.

Dailza – Você quer me contar mais alguma coisa sobre você ou sobre o abrigo?

Ricardo - ...
Dailza – Não?! Obrigada.

ANEXO J – Entrevista com Mariana

Mariana – 14 anos – Abrigo X

Dailza – Quantos anos você tem?

Mariana – 14.

Dailza – Há quanto tempo você ta abrigada?

Mariana – Eu to abrigada há 8 anos.

Dailza – E nesse abrigo?

Mariana – É 8 anos nesse abrigo.

Dailza – Você só ficou em um abrigo?

Mariana – Não, na verdade eu fiquei em uma casa de acolhida, aí... é uma casa de acolhida que eu fiquei do zero até os seis anos, depois eu vim pra cá, aí eu fiquei dos seis até os 14 anos.

Dailza – O que você mais gosta de fazer?

Mariana – Eu gosto de jogar futebol às vezes, jogar voley, sair e conhecer lugares diferentes.

Dailza – Como é? Me conta...

Mariana – Ah, é uma coisa legal conhecer lugares diferentes.

Dailza – Pra que lugares você foi?

Mariana – Eu já pra Rio Grande do Sul, já fui pra Matão é... ainda só.

Dailza – O que você fez no Rio Grande do sul?

Mariana – Eu pesquei, eu... fizeram festinhas pra mim, é... deixa eu ver... eu fui numa... na cachoeira de lá, andei de bicicleta... é isso.

Dailza – Você foi com quem?

Mariana – Eu fui com a Débora.

Dailza – Quem é a Débora?

Mariana – É uma voluntária daqui.

Dailza – Foi só você?

Mariana – Só.

Dailza – Por que ela te levou?

Mariana – Ah, sei lá... na verdade foi assim, o filho dela namorou minha irmã, minha irmã é a Daiane. Aí minha irmã falou que ia me apresentar, aí minha irmã me apresentou, aí a Débora gostou muito de mim. Aí me levou lá, aí ela disse que ia me adotar. Aí eu fiquei oito anos, sete anos com ela.

Dailza – sete anos? Ou sete meses?

Mariana – É. Sete meses com ela. Foi bastante. Aí nós fomos no juiz, aí ele falou que eu só podia ficar com ela se tivesse um quarto só pra mim e ela tinha um filho de 17 anos, mas o quarto era enorme. Aí ela falou que num podia, aí eu voltei pro abrigo.

Dailza – E como você ficou com essa história?

Mariana – Ah, eu entendi.

Dailza – Você ainda encontra a Débora?

Mariana – encontro. Eu vou na casa dela, durmo, ela vem aqui.

Dailza – O que você menos gosta de fazer?

Mariana – Como assim?

Dailza – Você falou o que mais gosta, né? Conhecer lugares...

Mariana – O que eu menos gosto de fazer? ...repetir muito o mesmo lugar, eu num gosto.

Dailza – Tem um lugar que você num agüenta mais ir?

Mariana – Deixa eu ver... acho que... cinema. Eu vou muito pro cinema, eu gosto de repetir quando é um filme que eu gosto, sabe?

Dailza – Teve alguma vez que você foi sem estar a fim?

Mariana – Teve um domingo, que teve que todo mundo ir da casa, eu não tava assim, sabe? muito a fim... só pra se divertir, aí eu fui.

Dailza – Gostou?

Mariana – Ah, gostei. Sou divertido.

Dailza – Como é o seu dia geralmente?

Mariana – Ah, nós acorda, faz atividades, ela passa atividade pra nós, nós faz, depois nós almoça, fica jogando bola de vez em quando, quando elas libera, umas que vão pra escola. Eu estudo a tarde também.

Dailza – Você falou que faz atividades de manhã... que atividades, me dá um exemplo.

Mariana – As tias passa lição de matemática, continhas, passa leitura, leitura...

Dailza – Tá. E você disse que joga futebol quando as tias liberam né? Quando elas liberam?

Mariana – Quando não tem roupa no varal, por causa que... quando ela lava roupa ela num gosta que fica jogando bola quando tem roupa no varal porque daí suja e é mais trabalho.

Dailza – E sempre que não tem roupa no varal vocês podem jogar?

Mariana – Pode.

Dailza – Qual é a melhor hora do seu dia?

Mariana – A melhor hora? Às 4 horas.

Dailza – Por que?

Mariana – Porque é a hora do intervalo da escola.

Dailza – O que você faz no intervalo da escola?

Mariana – Eu fico andando com as minhas amigas, eu falo com as minhas amigas das outras séries...

Dailza – Qual é a pior hora do seu dia?

Mariana – Quando eu tenho que acordar.

Dailza – Como você acorda?

Mariana – A tia me chama, fico enrolando, aí depois ela puxa meu cobertor, aí eu levanto.

Dailza – O que é mais difícil de morar num abrigo?

Mariana – É muita regra.

Dailza – Como assim?

Mariana – É regra pra tudo, eu sei que umas regras é necessário, sim, claro. Tem muita regra, se você num cumpre essas regras, você fica de castigo.

Dailza – Me fala uma regra.

Mariana – Como assim?

Dailza – Uma dessas regras.

Mariana – Deixa eu ver... É... só pode sair do quarto quando estiver tudo arrumado, mesmo não sendo a nossa escala, cada um tem escala da casa.

Dailza – Como é a escala?

Mariana – É escalado. Cada menina tem um nome, entendeu? Na escala. Segunda é a Dani, aí eu sou terça...

Dailza – Pra limpar o quarto?! Quem faz a escola?

Mariana – Ah, as tias vê, sabe? Tipo, de sexta eu num fico de manhã em casa e a tarde eu vou pra escola, num tem como eu fazer a escala de manhã. Aí elas não me colocam nesse dia, entendeu?

Dailza – O que é mais fácil de morar num abrigo?

Mariana – O que é mais fácil de morar num abrigo? Como assim?

Dailza – Você falou o que era mais difícil, né? O que é mais fácil?

Mariana – Mais fácil de morar em abrigo?! Deixa eu ver... ah, eles liberam pra ver nossa mãe.

Dailza – Liberam...?

Mariana – Pra ver nosso familiar.

Dailza – Você vê muito sua família?

Mariana – É... só quando meus irmãos ligam pra mim ir.

Dailza – Eles vem aqui, vc vai lá?

Mariana – Eu vou lá, eles vem aqui pras festas.

Dailza – Tem muitas festas aqui?

Mariana – Tem!

Dailza – Festa do que, por exemplo?

Mariana – Festas dos adolescentes, festa dos aniversariantes do mês, festa junina... acho que é isso.

Dailza – Qual foi a última festa que teve?

Mariana – de adolescente.

Dailza – Como que foi?

Mariana – Ah, foi legal.

Dailza – Você lembra um dia que tenha sido bom? Que você tenha gostado?

Mariana – Um dia que tenha sido bom, que eu tenha gostado? Foi um dia que veio minha família aqui, no dia do meu aniversário.

Dailza – Como foi?

Mariana – Ah, foi legal. Acho que eu tava fazendo 7 anos.

Dailza – Conta aí o que você lembra.

Mariana – Ah, eu num lembro não. [INAUDÍVEL] teve aqui, me ajudou. Ficamos aqui dentro, ficamos na sala, aí depois nós viemos aqui pra fora, ficamos brincando...

Dailza – E um dia que tenha sido ruim?

Mariana – Do que?

Dailza – Aqui. Você lembra?

Mariana – Lembro. (...) Foi o dia que a minha irmã foi embora.

Dailza – Quem é a sua irmã?

Mariana – A Ingrid.

Dailza – Por que ela foi embora?

Mariana – Por causa que ela aprontava demais, ela teve que ser mandada prum outro abrigo. Aí ela foi pro outro abrigo, fugiu. Aí agora ela tá morando com a minha tia.

Dailza – O que ela aprontava?

Mariana – Oi?

Dailza – Como ela aprontava?

Mariana – Ah, ela arranjava muita confusão com muita gente da casa. Não, mas ela ajudava as tia, ela fazia almoço pra todo mundo, ela gostava de fazer.

Dailza – Vocês tinham uma boa relação?

Mariana – Tinha.

Dailza – E agora, vocês se vêem?

Mariana – Aham.

Dailza – Você algo em comum com os outros adolescentes desse abrigo?
Mariana – Como assim?
Dailza – Algo parecido entre você e as meninas, os meninos...
Mariana – Ah, a única menina que eu mais falo aqui no abrigo, que faz atividade é a Adriana.
Dailza – Vocês têm algo parecido?
Mariana – O gosto.
Dailza – O gosto? De que vocês gostam?
Mariana – Eu gosto de pagode, Black, funk, eletrônica...
Dailza – E ela?
Mariana – Ela também.
Dailza – Você tem algo diferente dos outros aqui?
Mariana – Acho que... como assim, diferente o que?
Dailza – Algo diferente.
Mariana – Qualquer coisa?
Dailza – É.
Mariana - ... ah, não sei.
Dailza – O que você trouxe de fora pra cá?
Mariana – De fora pra cá? Eu trouxe... acho que é a união. Eu gosto de todo mundo junto.
Dailza – E o que você vai levar daqui quando você sair?
Mariana – A lembrança de todos os meus colegas que eu fiz aqui dentro.
Dailza – Você tem amigos aqui?
Mariana – Tenho.
Dailza – O que vocês fazem juntos?
Mariana – A gente fica conversando no quarto a noite, quando fica alguém de restrição fica todo mundo dentro do quarto.
Dailza – O que é restrição?
Mariana – Restrição é um... é um nome de um negócio de castigo. Invés de falar castigo, é restrição.
Dailza – Por que alguém fica de restrição?
Mariana – A por causa que apronta. Não vai pros compromissos, pra escola.
Dailza – O que acontece quando a pessoa tá de restrição?
Mariana – Tem que ir pro quarto as 10 horas, num pode ficar até as 3.
Dailza – E vocês podem ficar até as 3?
Mariana – Não. Só pode ficar até as 3 de sábado, por causa que domingo é liberado.
Dailza – E o que vocês ficam fazendo até as 3?
Mariana – Eu fico assistindo filme, eles fazem pipoca. Se tiver restrita, fico no quarto.
Dailza – E se você não tiver restrita?
Mariana – Fico lá em baixo, comendo pipoca.
Dailza – E inimigos, você tem aqui?
Mariana – Inimigo é raro, tem gente que eu não me dou bem, mas inimigo não.
Dailza – Você por que você não se dá bem?
Mariana – Não sei. A Andressa, irmã da Adriana, ela tem a mesma idade que eu.
Dailza – Vocês já brigaram?
Mariana – Não.
Dailza – Discutiram?
Mariana – Já.
Dailza – Você pode contar como foi?
Mariana – ...

Dailza – Desde que você entrou num abrigo até hoje, o que não mudou em você?
Mariana – O meu jeito.
Dailza – Que jeito?
Mariana – Ah, eu sempre fui folgadinha, sabe?
Dailza – O que você faz de folgada?
Mariana – Ah, sei lá... depende da pessoa. Depende da pessoa, se a pessoa for legal comigo, eu vou ser legal com ela, agora se ela for chata, vou ter que ser o mesmo com ela.
Dailza – E o que você acha que vai levar daqui pra fora quando sair?
Mariana – Você já falou.
Dailza – Não. Perguntei o que você trouxe pra cá...
Mariana – O que eu vou levar? ...
Dailza – Qual é seu sonho?
Mariana – O meu sonho é sair daqui do abrigo, terminar os estudos, fazer minha faculdade de medicina e... fazer minha casa. É... levar minhas... ajudar minha família e... eu gosto muito de animais. Quero ser veterinária.
Dailza – Você falou das suas irmãs né? Tem a Ingrid que saiu daqui e está com a sua tia... você tem outras irmãs?
Mariana – Tem. A Patrícia que já é casada, tem filhos. A Natália que tem dois filhos e é casada também. A Aline que tem um filho, é separada. Só. E a Laura que é adotada. Ela vem todos os dias aqui.
Dailza – Ela foi adotada?
Mariana – Por uma educadora. Ela faz... tudo o que a gente faz, ela faz. Ela faz teatro...
Dailza – Vocês têm bastante contato?
Mariana – Aham.
Dailza – Ela é mais nova?
Mariana – É. Tem 12 anos.
Dailza – Quais são seus planos? O que você acha que vai estar acontecendo daqui a 2 meses?
Mariana – Ah, sei lá...
Dailza – E daqui a 2 anos?
Mariana – 2 anos? Eu vou estar mocinha... ah, não sei o que mais.
Dailza – E daqui a 10 anos?
Mariana – Eu vou tá nas baladas já.
Dailza – Nas baladas? Você gosta de baladas?
Mariana – Gosto.
Dailza – O que faz numa balada?
Mariana – Ah, você dança. Põe roupa de sair... eu já vou tá de maior, num vou precisar ficar pedindo autorização...
Dailza – Você quer me contar mais alguma coisa sobre você, sobre o abrigo...? Alguma coisa que eu não tenha perguntado.
Mariana – Deixa eu ver... Ah, eu queria também quando eu saísse do abrigo, igual eu falei que eu queria sair, fazer meus estudos, fazer faculdade de medicina, ter minha casa e ajudar uma casa de idoso.
Dailza – Como você ajudaria?
Mariana – Ah, sei lá... ia trabalhar muito [INAUDÍVEL] minha casa, aí doaria.
Dailza – ...Obrigada.

ANEXO K – Entrevista com AlineAline, 16 anos Abrigo Y

Dailza – Primeiro eu queria saber qual é o seu nome e quantos anos você tem.

Aline – Aline, tenho 16 anos.

Dailza – Há quanto tempo que você está abrigada?

Aline – Cinco anos.

Dailza – E nesse abrigo?

Aline – Nesse aqui faz três. No outro faz... Contando todos os abrigos que eu passei, cinco ano. Aí daqui tá três, e noutro dois.

Dailza – Então são dois abrigos ...

Aline – Aham. E nesse daqui agora.

Dailza – O que você mais gosta de fazer?

Aline – Aqui, cuidar das criança.

Dailza – Como que é?

Aline – Ah, eu ajudo a cuidar dos bebê, trocar, dar banho... Ajudar as educadoras.

Dailza – E o que você menos gosta de fazer?

Aline – Menos? É de... Brincar.

Dailza – Brincar?

Aline – É...

Dailza – Como que é?

Aline – Ah, quando os outro me chama pra brincar de alguma coisa eu não gosto.

Dailza – E que você faz?

Aline – Eu falo que não.

Dailza – Você nunca brinca?

Aline – Ah, brinco quando eu quero, mas é difícil.

Dailza – Tem alguma brincadeira que você gosta mais?

Aline – É... Pega-pega.

Dailza – E uma que você odeia?

Aline – Que odeio? Deixa eu ver... Acho que... Brincar de bola. [INAUDIVEL]

Dailza – Queria que você me contasse um dia seu. Como que é.

Aline – Um dia meu? O que eu faço, assim?

Dailza – É.

Aline – Ah, igual hoje... Hoje eu to ajudando, aí depois que eu ajudar eu vou pro telecentro, aí depois quando eu chegar eu vou ajudar a cuidar dos bebê. Ajudar a cuidar da... Todo mundo. Ajudo que sou mais velha, aí eu ajudo a cuidar dos bebês e das pessoa.

Dailza – Você é a mais velha aqui?

Aline – Sou. Das meninas, sou. Aí dos menino, é o Alex.

Dailza – Tem quantos anos?

Aline – Tem 17. Eu tenho 16.

Dailza – Tem meninas da sua idade, muitas?

Aline – Tem. Só uma. A Tamires.

Dailza – Queria que você me dissesse qual é a melhor hora do dia.

Aline – Melhor hora? As quatro hora, só.

Dailza – Que que tem às quatro horas?

Aline – Ah que... Ou as quatro, ou as cinco. Porque é troca de plantão dos educadores.

Dailza – E o que acontece?

Aline – Aí sai um educador agora, vai sair... Sai esse educador, aí chega outro. Aí, ou chega cedo, ou chega tarde. Ou seis hora, ou as quatro.

Dailza – Mas e você? O que você fica fazendo nesse horário?

Aline – Aí nesse horário eu subo pra tomar banho, aí depois eu fico lá no quarto dançando.

Dailza – Tá... E por que é bom?

Aline – É, dançar? Ou...

Dailza – Não, e por que é bom esse horário? Às quatro da tarde, assim...

Aline – Ah, por causa que tem educador meio... Tem os educador que eu gosto, e os educador que eu não gosto. Aí pra... Aí o educador que eu gosto, eu quero que chega logo a hora pra mim vê ele.

Dailza – E... O que caracteriza os educadores que você mais gosta? Se você for pensar o que eles têm em comum...

Aline – Só tem uma. Que eu mais gosto.

Dailza – Que que ela... Que que ela é?

Aline – Ela? Pra mim ela é minha mãe. Que eu já falei pra ela. O que eu mais gosto nela? É o jeito dela.

Dailza – Como que é o jeito dela?

Aline – Ah, brincalhona, quando eu faço coisa errada ela fala comigo, ela me dá conselho...

Dailza – E os educadores que você menos gosta? O que eles têm em comum?

Aline – Ah... Deixa eu ver... Ah, uma que eu não gosto é uma educadora que trabalhou ontem, eu não gosto dela porque ela fica... Ela fala demais. Num pode deixar a TV alto que ela fala muito, eu não gosto muito dela.

Dailza – O que é falar demais?

Aline – Ah, ela fala... Ela fala... [INAUDIVEL] Ontem teve festa, do Robson, aí ela foi e falou assim “abaixa a TV”, a TV tava baixa. Aí ela veio gritar comigo aí eu já gritei com ela, já falei um monte pra ela... Aí todo dia ela fica falando [INAUDIVEL] comigo... Aí eu falo “deixa quieto”.

Dailza – O que ela fala pra você?

Aline – Ela fala “abaixa essa TV!”, eu abaixo, ela “abaixa mais!”... Ela quer deixar no volume trinta, eu falo assim “não”, aumento mais, ela abaixa mais. Aí eu não dou bem com ela.

Dailza – Tá. E o que você men... Qual é a pior hora do dia aqui?

Aline – A pior hora? Ao meio-dia [risos].

Dailza – O que acontece?

Aline – [risos] Que é uma zona aqui. Todo mundo fica bagunçando.

Dailza – Mas como que é, assim? Me conta. Como vai ser meio-dia hoje?

Aline – Ah, eu espero que hoje seja bom, porque sempre que tá na mesa todo mundo chegando gritando, fica falando, não deixa o outro falar. Aí tem que dar um grito pra todo mundo ouvir.

Dailza – Quem que grita?

Aline – Ah, é eu, ou a tia, as menina grita... As mais velha, grita...

Dailza – As mais velhas, então?

Aline – É...

Dailza – O que que é mais difícil de morar num abrigo?

Aline – Mais difícil? Ah, por causa que chega gente nova... Agora, quando eu cheguei aqui pra mim era difícil, que eu não conhecia ninguém, eu não me dei bem

com os outro, eu me acostumei mais no outro abrigo, mas hoje... É, já me dei bem. Fiz três anos nesse abrigo, aí... Tô bem.

Dailza – E o que que é mais fácil de morar num abrigo?

Aline – Mais fácil? Que você pode ser ajudada, no abrigo.

Dailza – Como que você é ajudada?

Aline – Ah, igual se eu não tivesse aqui no abrigo hoje, eu podia... Tem um monte de amiga minha que já tá morta, se eu não tivesse aqui no abrigo eu tava ou grávida, ou tava acontecendo alguma coisa comigo. Eu acho, eu peço a Deus que eu to aqui no abrigo, se eu não tivesse aqui no abrigo eu não sei nem onde é que eu tava.

Dailza – Por que você foi abrigada?

Aline – Por causa que minha mãe não cuidava de nós.

Dailza – Sua mãe...

Aline – É... Não cuidava de nós.

Dailza – Você tem outros irmãos?

Aline – Tenho. Mais três, tão na Bahia.

Dailza – Na Bahia?

Aline – É.

Dailza – Na casa de quem? Ou em algum abrigo...

Aline – Um é na casa do meu tio, o outro é na casa da minha outra tia, e a outra mora com a minha vó desde pequena, a mais velha.

Dailza – Em São Paulo só tem você?

Aline – Só tem eu e a Aline, a minha irmã que tá aqui.

Dailza – Ah, tá aqui também?

Aline – Tá, a Aline.

Dailza – Ela é mais nova?

Aline – É.

Dailza – Você tem contato com a sua mãe?

Aline – Tenho, de vez em nunca.

Dailza – De vez em nunca? Como que é esse contato?

Aline – Ah, quando ela liga aqui ela fala assim como é que eu to, ela pergunta se... O dia que ela pode vir aqui ela fala assim se eu fui no fórum, eu falo pra ela que ainda não... Aí ela mora com a minha tia, ela manda recado pela minha tia me dá.

Dailza – Tá. Eu queria que você me contasse um dia que você lembre como um dia muito bom.

Aline – Um dia [INAUDIVEL]. Ah... Ontem.

Dailza – Como foi?

Aline – Ah, foi bom. Pra mim foi bom. Ah, por causa da... Que teve, veio um monte de gente, amigo [RUIDOS] ontem, teve festa, daí brincamos, eles brincaram, aí fiquei [fora da] sala. Pra eles... Pra mim também foi bom, porque eu tava [INAUDIVEL], e tava vendo eles brincando. Pra mim foi bom.

Dailza – E um dia que tenha sido muito ruim?

Aline – Ah, no dia... Um dia? No dia que o Marcos deu um chilique.

Dailza – Como foi?

Aline – Que ele deu chilique lá na rua. Começou quebrando os vidro dos pessoal, o carro do home... Aí eu fui falar com ele, ele não quis ouvir, aí eu puxei ele lá pra cima, amarrei ele lá em cima.

Dailza – Amarrou?

Aline – Aham.

Dailza – Amarrou com o quê?

Aline – Com... Com toalha, não, com lençol. Aí foi esse dia.

Dailza – Como que foi esse chique?

Aline – Ah, ele quis morder os educador daí eu não deixei, aí ele foi e quis é... Quis... Morder... Aí eu fui e amarrei ele, [INAUDIVEL], aí depois ele foi e soltou, ainda teve um negócio [INAUDIVEL], acho que [INAUDIVEL] estorou, aí eu fui, não agüentei mais segurar ele, aí o policial chegou e deu um jeito nele. Aí depois levou ele pro Mandaqui. Pra tomar soro.

Dailza – O que a polícia fez?

Aline – Ah, a polícia falou com ele. Aí ele se acalmou.

Dailza – E por que você achou que esse dia foi ruim?

Aline – Ah, por causa que ninguém tava agüentando mais ele, nesse dia... Nem assim, eu tava, é... Tava com [INAUDIVEL] por aí.

Dailza – Depois ele voltou pra cá?

Aline – É, depois ele voltou calmo.

Dailza – Bom, aqui. O que você acha que você tem em comum com as outras crianças e adolescentes que moram aqui?

Aline – Comum?

Dailza – É. O que é parecido em vocês?

Aline – Pra mim?

Dailza – É. Se tem alguma coisa...

Aline – Acho que nem... Ah, deixa eu ver aqui... O Carlos. Esse menino que veio aqui primeiro.

Dailza – Por que?

Aline – Por causa que, no dia que... O educador foi embora daqui, aí eu tentava falar assim pra ele... Não, tentava não, que ele não falava comigo. Aí eu falava pra ele falar comigo, ele faz cinco [INAUDIVEL] dez meses que a gente não se fala.

Dailza – Com o educador?

Aline – Não, com o Carlos. Esse aqui que veio aqui. Eu tentava falar com ele, aí ontem que foi a festa dele, ele voltou a falar comigo. E aí eu falei com ele.

Dailza – Por que vocês pararam de se falar?

Aline – Por causa do... Que o tio, começaram dando chi... Tava eu, a Carol e a Tamires, a Tamires. Elas tava tudo aqui fora dando chi... Gritando, aí ele agarrou todo mundo, aí ficou nervoso, e parou de falar comigo. E falou que ia bater em nós, eu falei pra ele vim. Aí ele num veio, aí ele parou de falar comigo. Aí ontem nós voltamos a se falar.

Dailza – Como que foi voltar a se falar?

Aline – Aí eu pedi, eu mandei a Carol pegar minha pilha pra e... pegar minha pilha do DVD, aí ele foi e falou assim “chama ela aqui pra mim, pra ela... pra mim falar com ela”, aí ele falou “Aline, sabe colocar uma música?”, aí eu falei “sei”, aí eu coloquei, aí ele falou “tá bom, brigada”, aí ontem nós voltou se falando já...

Dailza – E tem alguma coisa que você acha que é parecido entre você e os outros adolescentes que moram aqui?

Aline – Não.

Dailza – E diferente?

Aline – Diferente? É porque eu não conheço todos, na verdade, cada um aqui, direito. Só... A Carol, só.

Dailza – O que é conhecer direito?

Aline – Conhecer direito? Deixa eu ver... [longa pausa] Eu acho que... que não.

Dailza – E o que você e a Carol têm em comum?

Aline – Em comum? A nossa amizade.

Dailza – E o que vocês têm de diferente?

Aline – Diferente? Deixa eu ver... [longa pausa] Ah, [risos] isso eu nunca falei pra ela, mas... Daí eu não sei, eu não tenho como te falar porque daí essa parte eu não sei.

Dailza – E você foi abrigada com quantos anos?

Aline – Com... Acho que com dez, ou onze.

Dailza – Tá. O que você trouxe de fora pra dentro do abrigo?

Aline – O que eu trouxe pra dentro do abrigo? [longa pausa] Na minha opinião, eu acho que eu trouxe, pro abrigo aqui nesse [INAUDIVEL] eu acho que muita ajuda.

Dailza – Ajuda?

Aline – É.

Dailza – Ajuda em que sentido?

Aline – Ah, quando as tia pede minha ajuda, eu ajudo. [INAUDIVEL] igual agora, ninguém pediu minha ajuda e eu to ajudando.

Dailza – E o que você vai levar daqui quando você sair?

Aline – Ah, daqui? Ah, muita lembrança, muita lembrança. Só.

Dailza – Fala uma lembrança.

Aline – Uma? Os amigos, e as educadoras.

Dailza – Você tem amigos aqui, então?

Aline – Tenho.

Dailza – Como que é sua relação com eles?

Aline – Ah, bem, [INAUDIVEL].

Dailza – Você tem inimigos aqui?

Aline – Não tantos.

Dailza – Não tem inimigos?

Aline – Não...

Dailza – Desde quando você entrou no abrigo, no primeiro abrigo, até agora, o que você acha que mudou em você?

Aline – Ah, mudou?

Dailza – É.

Aline – Um monte de coisa.

Dailza – Dá um exemplo.

Aline – Um? Deixa eu ver. [longa pausa] Deixa eu ver... [risos] Quando eu entrei no abrigo? [longa pausa]

Dailza – Alguma coisa mudou?

Aline – Ah... [risos]

Dailza – Então vou mudar a pergunta...

Aline – Muda.

Dailza - O que não mudou?

Aline – O que não mudou ainda?

Dailza – Desde que você entrou, assim, é a mesma coisa ainda?

Aline – Ah, eu continuo sendo a mesma.

Dailza – Sendo a mesma?

Aline – Sendo a mesma.

Dailza – Como que você é?

Aline – Ah, quando eu quero... Minha mãe me fala que eu nunca mudo esse jeito, quando eu quero bagunçar eu bagunço, quando eu não quero , eu continuo num... Eu sou assim, quando eu quero bagunçar, eu bagunço, quando eu não quero... Eu fico quieta.

Dailza – Você tem opinião, então.

Aline – É.

Dailza – Você lembra do que mudou, ou não?

Aline – Não... [risos]

Dailza – Pula essa pergunta?...

Aline – Aham.

Dailza – Qual que é seu sonho?

Aline – Meu sonho? É quando eu fizer meu 18 ano tirar minha irmã daqui. E ter minha própria casa.

Dailza – Quantos anos de diferença da sua irmã?

Aline – Quantos anos? Minha irmã tem seis eu tenho 16.

Dailza – Dez anos...

Aline – Aham.

Dailza – E como que vai ser? Como que você imagina?

Aline – Ah, eu trabalhan... Primeiro estudando, quero ir pra escola [INAUDIVEL] de novo, ter um serviço aqui meio p..., arrumar um serviço aqui, fazer o meu 18, ter... comprar minha casa, tirar minha irmã daqui e morar com ela. Já falei isso pra ela, já.

Dailza – E ela?

Aline – Ela fala “tudo bem”. Que ela aceita.

Dailza – E você diz trabalhar aqui... O que é? Trabalhar onde?

Aline – É arrumar um serviço fora daqui. Igual, é... Tem dois educando aqui que trabalha fora daqui.

Dailza – Você imagina algum lugar que você gostaria de trabalhar?

Aline – Aham.

Dailza – Que lugar?

Aline – Ou no... Ou trabalhar de médica, ou de... Como que é? De... Eu acho que só de médica.

Dailza – De médica?

Aline – Ou eu trabalho no abrigo.

Dailza – No abrigo?

Aline – É.

Dailza – Sendo o que no abrigo?

Aline – Educadora. Cuida de criança.

Dailza – Olha... Vamos fazer uma brincadeira, você tem que imaginar... Daqui a dois meses, o que você se imagina fazendo?

Aline – Casando? Dois meses?

Dailza – É... Como você vai estar?

Aline – Eu to com 17... Acho que [INAUDIVEL] trabalhando ainda.

Dailza – Trabalhando?

Aline – É.

Dailza – Trabalhando aonde?

Aline – [pausa] Cuidando de criança?

Dailza – E daqui a dois anos?

Aline – Dois anos? [risos] Ah, morando com a minha irmã...

Dailza – Eu queria saber se você quer me contar mais alguma coisa da sua vida...

Aline – Da minha vida? [pausa] Pode ser da minha mãe?

Dailza – Pode.

Aline – Que ela pare de beber pra ela conseguir me tirar daqui.

Dailza – Você gostaria de voltar a morar com ela?

Aline – Aham. Faz dois anos que ela não me vê já, aqui no abrigo.

Dailza – Isso é uma coisa difícil, né? De morar em abrigo...

Aline – É.

Dailza – Então tá bom, Aline... Obrigada...
Aline – Nada.

ANEXO L – Entrevista com Bianca

Bianca, 15 anos – Abrigo Z

Dailza – Quantos anos você tem?

Bianca – 15.

Dailza – Há quanto tempo você tá aqui?

Bianca – 1 ano e 8 meses.

Dailza – Você já passou por outros abrigos?

Bianca – Não. Só o CRECA X.

Dailza – Quanto tempo você ficou lá?

Bianca – ... 4 meses eu fiquei no CRECA.

Dailza – O que você mais gosta de fazer aqui?

Bianca – Brincar, dançar, mexer no computador.

Dailza – O que você menos gosta?

Bianca – O que eu menos gosto?... Quando tem escala, porque é muito chato.

Dailza – Como que é a escala?

Bianca – É a ajudante do dia, cada dia é uma pessoa que ajuda na... ajuda, tipo a tia na limpeza... Não adianta você vir e limpar e as crianças vim e sujar. É o que eu menos gosto daqui. Tipo, eu arrumo o quarto, daqui uma hora tá tudo sujo. É essa parte que eu não gosto.

Dailza – Por que suja tão rápido?

Bianca – Aqui as meninas são muito bagunceiras, sabe, roupa pro chão, bala, pirulito, salgadinho...

Dailza – E aí, o que você faz?

Bianca – Ah, deixo quieto, não falo mais nada, se falar as meninas vem reclamar...

Dailza – E aí?

Bianca – Aí você fala “tá bom”, aí chama todo mundo pra arrumar.

Dailza – Você gosta de computador. Que horas você mexe no computador?

Bianca – Dependendo da hora que a gente acorda, tem a nossa... a rotina.

Dailza – Como é?

Bianca – É levantar, escovar o dente, tomar café, organizar nossa cama, nosso guarda-roupa... tipo na semana não dá pra mexer, porque eu acordo essa hora, ajudo a tia, vou tomar banho agora e saio pra ir pra escola. Aí eu volto só umas 8 horas, 7... a hora que eu chego, eu tomo banho, janto e peço pra tia.

Dailza – Onde ficam os computadores?

Bianca – Aqui dentro da biblioteca.

Dailza – Tem vários?

Bianca – Não, tem só 2. O certo era 3, mas quebraram 1, ficou só 2.

Dailza – E qualquer um pode usar?

Bianca – Tirando os menor.

Dailza – Como funciona? Tem uma hora?

Bianca – É. Daí nessa hora você vai e... aí todo mundo vai e pede pra tia... aí mexe um de cada vez.

Dailza – E qual a melhor hora do seu dia?

Bianca – A hora de tomar banho pra ir pra escola. Porque só eu tomo banho das 10h as 11h, eu pego ônibus. Daí a hora que eu mais gosto é tomar banho sozinha, me trocar sozinha, sossegada.

Dailza – Se você tomar banho em outro horário, como é?

Bianca – Não gosto, você vai tomar banho, todas pessoas tomam banho junto com você.

Dailza – Tem mais de um chuveiro?

Bianca – Tem dois.

Dailza – Qual a pior hora?

Bianca – Ah quando pega todas as meninas pra tomar banho junto, é uma sujeira no banheiro. Você entra, você quer sumir na hora. Quem toma banho com aquela nojeira? Tudo jogado, as meninas andam com o chinelo sujo [INAUDÍVEL]

Dailza – Quem decide o horário de tomar banho?

Bianca – O horário normal vai até as 10h, de tomar banho.

Dailza – Dez da manhã?

Bianca – É. Das dez... depende, tem uns que tomam banho cedo.

Dailza – Cada um toma banho na hora que quer ou tem um horário de tomar banho?

Bianca – Ah, eu tomo banho a hora que eu quero, agora as pequenas já não.

Dailza – Como é o banho dos pequenos?

Bianca – É de manhã e a noite. A noite é das sete às oito. De manhã é das nove às dez, às onze.

Dailza – O que é mais difícil de morar aqui?

Bianca – É a convivência. É muita gente diferente. Você se pergunta “eu num vou me dar bem com aquela pessoa?”, sempre tá com a cara fechada. Rola um clima meio chato.

Dailza – Me dá um exemplo.

Bianca – Uma menina nova, você nunca viveu com a menina, aí vê a menina e começa a falar assim... ai você nem conhece a menina, fala “ah, vou bater naquela menina”.

Dailza – Bater?

Bianca – É. O pessoal daqui é assim, chega uma menina nova, os meninos ficam se abrindo assim... já fala “ah, vou bater naquela menina” que num sei o que, “se o menino chegar naquela menina, se exibiu, vou bater nela”.

Dailza – As meninas fazem isso?

Bianca – É.

Dailza – O que é fácil de morar aqui?

Bianca – Mais fácil é [INAUDÍVEL], você entra, a comida deles é super boa...

Dailza – Me dá um exemplo.

Bianca – Ah, esses dias mesmo a gente foi pro parque aquático que é perto do hopi hari, esqueci o nome. Ah, sempre tem passeios, festas aqui...

Dailza – Conta como foi o último passeio que vocês fizeram.

Bianca – Foi esse. Tava muito bom. Nunca vi tanta piscina como eu vi naquele parque aquático...

Dailza – Foi todo mundo?

Bianca – Não, nem todos, porque alguns aprontaram muito, aprontam muito com a tia, aí entra na disciplina, aí foram os melhores, assim...

Dailza – O que é disciplina, como é?

Bianca – É quando a pessoa apronta. Aí sempre quando a pessoa apronta, ela tem sua punição. Aí tira do computador, das férias, do passeio... ela perde tudo.

Dailza – Quem decide?

Bianca – Os educadores e a coordenação.

Dailza – O que eles aprontam, né? O que eles fazem? Me dá um exemplo.

Bianca – Igual alguns meninos, fugiram e volta. Como eles fugiram, aí tiveram a punição deles. Que num iam ter festa nem computador na casa.

Dailza – ah... Me conta um dia que tenha sido bom.

Bianca – O dia do passeio.

Dailza – E um dia que tenha sido ruim?

Bianca – Ah, num chegou ainda não. Acho que vai, mas eu num espero não.

Dailza – Você tem algo parecido com os outros adolescentes que moram aqui?

Bianca – Não.

Dailza – E algo diferente?

Bianca – (balança a cabeça negativamente)

Dailza – O que você trouxe de fora pra cá?

Bianca – A maioria das pessoas que moram aqui foi que não deu valor à mãe, essas coisas... fugia da mãe, dava trabalho... agora eu já era diferente, já era o contrário, ficava o dia todo com a minha mãe e ela sempre ficava saindo, essas coisas... né? Daí eu tava junto... aí eu vim pra aqui, porque eu via... quer dizer, eu tive minha mãe, eu dei valor pra minha mãe, minha mãe num deu valor em mim. Agora as pessoas daqui foi ao contrário, não deu valor pra mãe, entendeu? A mãe ficava lá sonhando e os filhos aprontando... essa é a diferença.

Dailza – O que é aprontando?

Bianca – Ah, saindo pra balada escondido, batendo na mãe ou no pai, tia... assim, da família.

Dailza – O que você vai levar daqui quando sair?

Bianca – Acho que os cursos que eu fiz aqui... os conselhos que eu aprendi aqui vou levar daqui por diante.

Dailza – Você falou dos cursos... que cursos você fez?

Bianca – To fazendo moda, é de dois anos... e curso de maquiagem.

Dailza – Me conta algum conselho que alguém tenha te dado.

Bianca – Levar os cursos, os conselhos... pra mim nunca desprezar ninguém, perder minhas oportunidades, nunca sair daquilo que eu quero...

Dailza – Você tem amigos aqui?

Bianca – Aquele amigo de contar segredos, aquela pessoa que te apóia?... a maioria daqui é só na brincadeira, fala só por falar [INAUDÍVEL], então num vale a pena.

Dailza – E inimigos, você tem aqui?

Bianca – Aqui na minha frente é meu amigo, chega na outra casa mete o pau em mim...

Dailza – São duas casas?

Bianca – São. Aqui é a casa 1 e lá é a casa 2. Porque lá é mais adolescente, agora aqui já é os menor. Eu to aqui porque tenho meus irmãos, aí por isso que eu to aqui...

Dailza – Aqui nesta casa ficam os maiores e os irmãos mais velhos? E na outra ficam os...

Bianca – Maiores.

Dailza – Tem diferença de uma casa pra outra?

Bianca – O povo fala que o Z é um só. Só tem a divisão de casa. Acho que aqui você tem mais conversa com educador, tem o tio Miguel pra conversar, ele entende a gente. Na outra casa não, eles ficam mais fechados, lá a casa não é tão grande como eles querem. Só.

Dailza – No abrigo até hoje mudou alguma coisa em você?

Bianca – Eu era muito fechada, num sou mais... [INAUDÍVEL]

Dailza – O que não mudou em você desde que entrou aqui?

Bianca – Ah, meu estilo maloqueira.

Dailza – Como é o estilo maloqueira?

Bianca – Ah, as pessoas têm vergonha de sair na rua de chinelo. E num tenho.

[INAUDIVEL]

Dailza – Qual é seu sonho?

Bianca – ...

Dailza – Daqui a dois meses, como você acha que vai ser?

Bianca – ...

Dailza – Dois anos?

Bianca – ... não

Dailza – Dez anos?

Bianca – Também não (risos).

Dailza – Você quer me contar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado de como é morar aqui?

Bianca – Não...

Dailza – Muito Obrigada.

Bianca – De nada.

ANEXO M – Entrevista com DanielaDaniela, 15 anos – Abrigo Z

Dailza – Quantos anos você tem?

Daniela – Eu? 15.

Dailza – Há quanto tempo você está aqui?

Daniela – 3 anos já.

Dailza – Você já esteve em outros abrigos?

Daniela – Não. Primeiro.

Dailza – O que você mais gosta de fazer?

Daniela – ... Ah, qualquer coisa, ué...

Dailza – Me dá um exemplo de uma coisa que você gosta de fazer.

Daniela – Ah... esporte. Eu gosto de fazer esporte, futebol, vôlei, basquete, handebol...

Dailza – Tem algum que você mais gosta?

Daniela – Futebol.

Dailza – Você joga futebol quando?

Daniela – Jogo aqui em casa mesmo.

Dailza – Em qualquer momento?

Daniela – Em qualquer momento que eu tiver livre.

Dailza – Tem muito tempo livre aqui?

Daniela – Não... tem. De manhã.

Dailza – De manhã é mais tranquilo?

Daniela – É. A casa tem a escola.

Dailza – O que você menos gosta de fazer?

Daniela – Lição de casa.

Dailza – Você tem muita lição de casa?

Daniela – Tenho. Num tenho paciência.

Dailza – Que horas você faz?

Daniela – Quando eu saio da escola.

Dailza – Que horas você chega da escola?

Daniela – Seis e meia.

Dailza – Aí você vai fazer lição?

Daniela – Faço.

Dailza – Junto com alguém ou sozinha?

Daniela – Sozinha.

Dailza – Que matéria que você mais gosta?

Daniela – ...Português.

Dailza – E a que você menos gosta?

Daniela – Matemática.

Dailza – Me conta um dia seu, como geralmente é?

Daniela – ...hmm... como é a pergunta?

Dailza – Como é geralmente seu dia?

Daniela – Ah, é legal. De manhã eu fico [INAUDÍVEL], aí a tarde, mais ou menos meio-dia eu se arrumo e vou pra escola, saio seis e meia...

Dailza – E depois?

Daniela – Depois chego em casa, se tiver lição eu faço, aí escala eu faço e depois mexo no computador...

Dailza – O que é escala?

Daniela – Escala é varrer, assim, o quarto, passar pano [INAUDÍVEL]

Dailza – Sempre tem escala?

Daniela – Todo mundo faz, até os pequenos.

Dailza – O que você mais gosta de fazer na escala?

Daniela – É... varrer.

Dailza – O que você menos gosta?

Daniela – Passar pano, todo mundo fica passando...

Dailza – O que é mais difícil de morar aqui?

Daniela – Ficar longe da família.

Dailza – Como é?

Daniela – É muito difícil, às vezes... ao mesmo tempo você quer ficar com a família e ao mesmo tempo você quer ficar aqui, aí você não sabe... fica meia confusa.

Dailza – Por que você quer ficar aqui?

Daniela – Ah, porque aqui é legal, né? Desde os 12 que eu to aqui... ah, é melhor! Queria só sair com uns 17.

Dailza – O que?

Daniela – Queria só sair com 17.

Dailza – Entendi. E o que é mais fácil de morar aqui?

Daniela – Ah... tem pessoas legais...

Dailza – Tem muitas pessoas legais?

Daniela – (sinal afirmativo com a cabeça)

Dailza – Me dá um exemplo.

Daniela – Crianças, bebê... eu sou apaixonada por bebê. Os tios cuida bem da gente.

Dailza – Como os tios cuidam de vocês?

Daniela – hmm?

Dailza – Como eles cuidam? Me dá um exemplo de alguma coisa.

Daniela – É... [INAUDÍVEL], banho...

Dailza – Qual é a melhor hora do seu dia?

Daniela – Qual é a melhor hora?! Ah, toda hora.

Dailza – Tem alguma pior hora?

Daniela – A noite.

Dailza – Por que?

Daniela – Ah, eu num gosto da noite.

Dailza – O que você faz a noite?

Daniela – Nada. Fico só na televisão e no computador, depois num tem nada pra fazer...

Dailza – Você gosta de computador?

Daniela – Gosto.

Dailza – Que horas você mexe?

Daniela – Ah, eu espero... tem fila, né? Como a tia fala, tem que esperar o amigo terminar a hora, é uma hora pra cada. Daí espera e depois vai.

Dailza – Uma hora por dia pra cada?

Daniela – (sinal afirmativo com a cabeça)

Dailza – Aqui, queria que você me contasse um dia que tenha sido bom.

Daniela – Um dia?

Dailza – É. Queria que você escolhesse...

Daniela – O dia que a gente foi pro playcenter.

Dailza – Como que foi?

Daniela – Ah, foi legal, foi divertido, todo mundo aproveitou, foi muito legal.
Dailza – Todo mundo foi?
Daniela – Não, não todo mundo.
Dailza – Quem não foi?
Daniela – Ah, agora não vou lembrar...
Dailza – Por que não foi todo mundo?
Daniela – Porque tinha bagunçado, tinha aprontado, daí a tia não deixou ir.
Dailza – O que eles fizeram? Você lembra?
Daniela – Não. Ficar respondendo a tia...
Dailza – E você, responde a tia?
Daniela – Às vezes.
Dailza – Como é? Me conta uma situação que aconteceu isso.
Daniela – É... quando eu quero mexer no computador, aí a tia fala não, aí eu fico [INAUDÍVEL] a tia “não tia, vai tia, deixa...”
Dailza – E um dia ruim?
Daniela – Nenhum dia.
Dailza – Aqui, você acha que tem algo parecido com os outros adolescentes?
Daniela – Pouca paciência, num tem paciência.
Dailza – Como que é? Me dá um exemplo.
Daniela – Igual é... tá todo mundo assistindo TV, aí um quer aquilo, daí o outro quer assistir outra coisa, daí todo mundo fica nervoso, sabe? Daí chama a tia, aí todo mundo fica nervoso, fica sem paciência, soca, um bate no outro...
Dailza – O que a tia faz?
Daniela – A tia... a tia escolhe um canal.
Dailza – Como ela escolhe?
Daniela – Ah, ela vai na televisão e vê algum canal pra assistir, de desenho.
Dailza – E aí?
Daniela – Aí ninguém fica quieto, alguns saem da sala...
Dailza – Tá. E aqui você tem algo de diferente dos outros?
Daniela – Não.
Dailza – O que você trouxe, de fora pra cá? Na sua opinião...
Daniela – O que eu trouxe de fora pra cá? ...Nada, acho que nada.
Dailza – O que você vai levar daqui quando você sair?
Daniela – Daqui? É... aqui eu aprendi muitas coisas.
Dailza – Me dá um exemplo.
Daniela – Eu... deixa eu ver... eu não sabia fazer continha, né? A tia me ensinou... É, só.
Dailza – Como ela te ensinou, você lembra?
Daniela – Ah, me ensinando... os números, como fazia, ela fez, ela me ensinou, daí eu aprendi.
Dailza – Você tem amigos aqui?
Daniela – Tenho.
Dailza – Me dá um exemplo de algum.
Daniela – A Solange. A Monalisa. As meninas.
Dailza – Mais com as meninas?
Daniela – É, com os meninos não tanto.
Dailza – Por que?
Daniela – Num gosto muito de amizade de menino.
Dailza – É diferente? Como que é?
Daniela – Como que é? Num sei explicar...

Dailza – Você tem inimigos aqui?
Daniela – Não.
Dailza – Já teve?
Daniela – ... (faz sinal afirmativo com a cabeça)
Dailza – E aí?
Daniela – Eu num falava com a pessoa, falava comigo eu virava as costas.
Dailza – Você lembra o porquê?
Daniela – Mais ou menos.
Dailza – Desde quando você entrou num abrigo, até hoje, o que mudou em você?
Daniela – Antes eu era muito histérica, bem mais [INAUDÍVEL].
Dailza – O que é ser histérica?
Daniela – Ah?
Dailza – O que é histérica?
Daniela – Era muito nervosa, chegava aqui eu batia em todo mundo...
Dailza – Você chegava e batia?
Daniela – Mexia comigo eu batia...
Dailza – E agora?
Daniela – Agora eu tenho mais paciência.
Dailza – O que você faz quando mexem com você?
Daniela – Eu nem dou ouvindo, eu saio andando...
Dailza – O que não mudou em você desde que você entrou?
Daniela – A paciência.
Dailza – Por que?
Daniela – Porque eu não tenho paciência pra nada.
Dailza – Me dá um exemplo.
Daniela – É...
Dailza – Uma coisa que já tenha acontecido.
Daniela – Ah, são várias.
Dailza – Pode falar uma?
Daniela – Aham... Hummm... Não lembro.
Dailza – Tá. Qual é o seu sonho?
Daniela – Ser... advogada.
Dailza – E qual que é o seu plano pra daqui a 2 meses, como vai ser daqui a 2 meses?
Daniela – [INAUDÍVEL], fazer minha faculdade, ter minha casinha e só.
Dailza – E quais são seus planos, como você vai estar daqui a 2 anos?
Daniela – ...bem melhor do que hoje.
Dailza – Você tem alguma ideia assim... consegue se imaginar?
Daniela – Não.
Dailza – Como bem melhor, dá um exemplo, assim, uma coisa que vai estar melhor?
Daniela – Ah, tudo, né?
Dailza – E daqui a 10 anos?
Daniela – Nossa! Daqui 10 anos? Não sei se vou estar viva até lá.
Dailza – Não?
Daniela – Não.
Dailza – O que pode acontecer?
Daniela – Várias coisas... ser atropelada.
Dailza – Ser o que?
Daniela – Atropelada, eu já fui.
Dailza – Você já foi atropelada? Como foi?

Daniela – Eu tava voltando da escola, aí eu sempre vinha de ônibus, eu subia a rua de ônibus, né? Aí o motorista parou no ponto, dei sinal, aí eu fui na frente, aí o carro tava passando e eu fui parar do outro lado da calçada.

Dailza – Nossa. Faz tempo?

Daniela – Faz.

Dailza – Você se machucou?

Daniela – Acho que só ralei a perna.

Dailza – E aí?

Daniela – Ah, normal...

Dailza – Aí depois que você caiu...

Daniela – Eu cai e machuquei e saí andando.

Dailza – Você foi pra onde?

Daniela – Fui pra casa.

Dailza – Pra sua casa? E o que você falou quando chegou lá?

Daniela – Nem falei nada, fiquei quieta.

Dailza – E aí?

Daniela – Ninguém nem adivinhou.

Dailza – Quem morava na sua casa?

Daniela – Minha tia, minha vó, a família toda...

Dailza – É muito grande a sua família?

Daniela – Aham.

Dailza – Tem irmãos?

Daniela – Tenho.

Dailza – Estão aqui?

Daniela – Só tenho um aqui.

Dailza – Quantos anos ele tem?

Daniela – 8.

Dailza – Como é sua relação com ele?

Daniela – É meio complicado.

Dailza – Como assim?

Daniela – Ele não se dá muito bem comigo não.

Dailza – Você sabe por quê?

Daniela – Num sei...

Dailza – O que vocês gostam de fazer juntos? Tem alguma coisa?

Daniela – (faz sinal negativo com a cabeça)

Dailza – Você quer me contar mais alguma coisa sobre como é aqui, do abrigo, da sua vida... Não? Então, muito obrigada!

Daniela – De nada.